



O Brasil. de Betinho

REALIZAÇÃO: **ibase.**

PATROCÍNIO:



GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

ORGANIZADORES

DULCE PANDOLFI

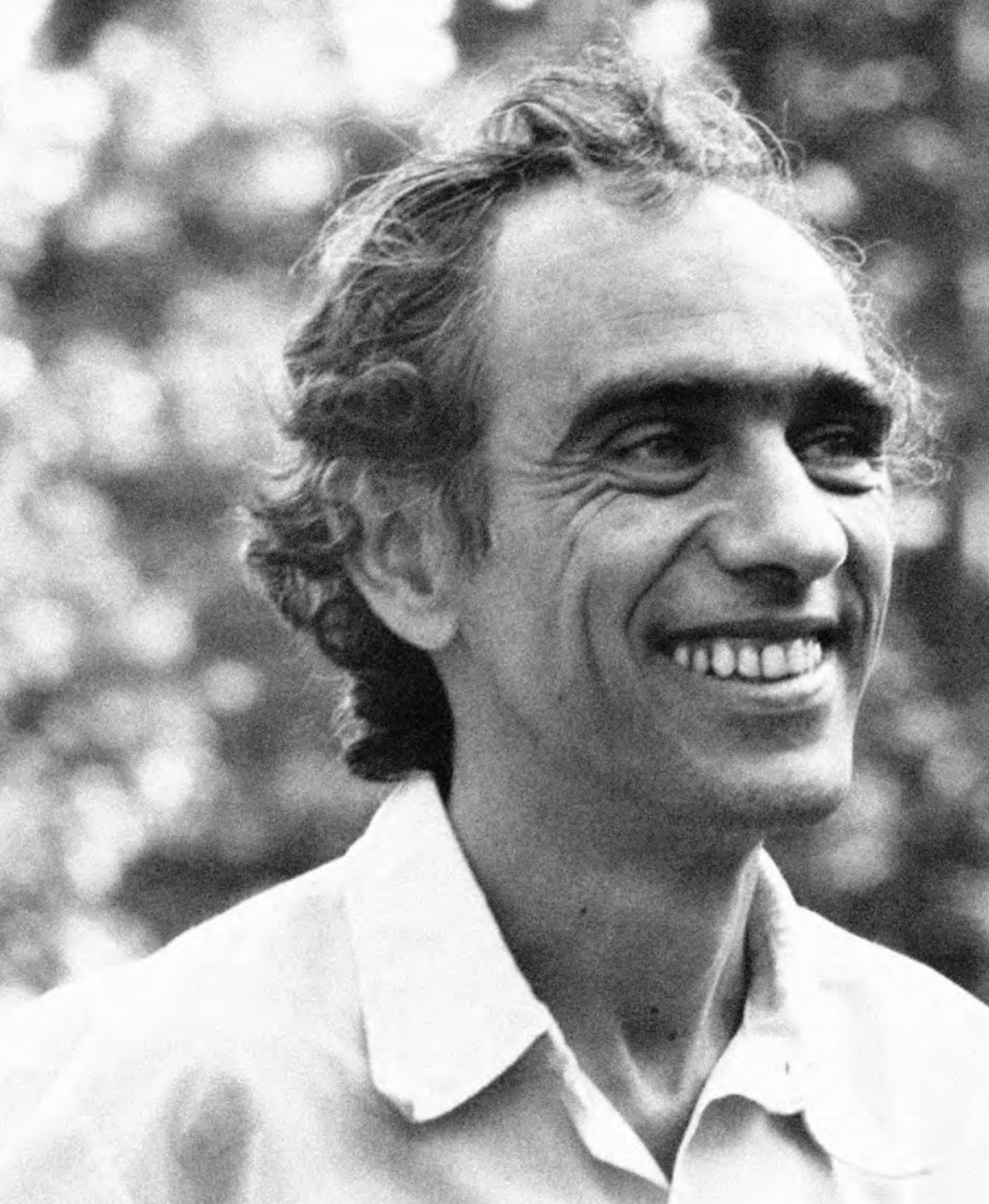
AUGUSTO GAZIR

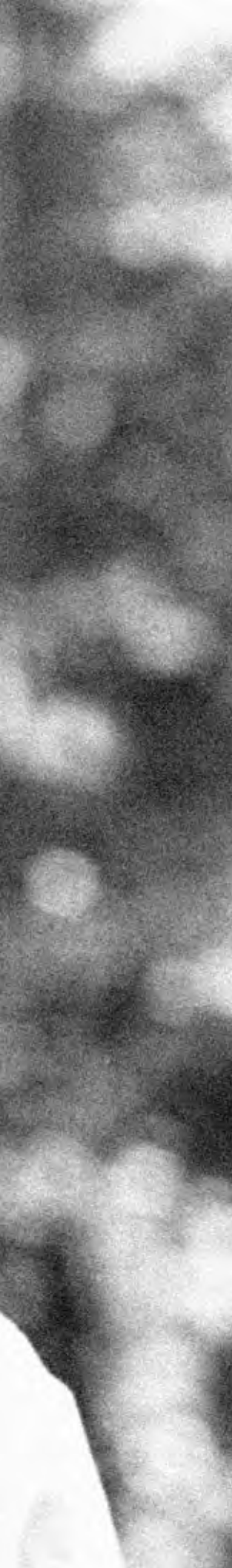
LUCAS CORRÊA

O
de Brasil.
Betinho



mórula
EDITORIAL





“Não quero viver obrigado
à obediência a nenhuma ideia de nação,
pátria, partido, igreja ou grupo. Quero viver
de acordo com princípios democráticos
fundados na solidariedade, na liberdade,
igualdade, participação e diversidade.”

[HERBERT DE SOUZA, O BETINHO, EM *ESCRITOS INDIGNADOS*, P. 24]

Rio de Janeiro, 2012

Todos os direitos reservados ao Ibase.

É permitida a reprodução total ou parcial dos textos aqui reunidos, desde que seja citado(a) o(a) autor(a) e que se inclua a referência ao artigo original.

Visite o hotsite do livro em: **www.ibase.br/obrasildebetinho**

Ibase – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas

Av. Rio Branco, 124 / 8º andar
20040-916 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2178-9400
Fax: (21) 2178-9402

www.ibase.br
comunicacao@ibase.org

ORGANIZAÇÃO:

Dulce Pandolfi
Augusto Gazir
Lucas Corrêa

PRODUÇÃO GRÁFICA:

Mórula Editorial

ILUSTRAÇÃO DA CAPA:

France Martin

IMPRESSÃO:

Gráfica WalPrint

PRODUÇÃO DO HOTSITE:

Isis Reis

PRODUÇÃO DO DVD:

CinePoesia

O Brasil de Betinho / organizadores: Dulce Pandolfi, Augusto Gazir e Lucas Corrêa; ilustrador: France Martin; apresentação: Cândido Grzybowski. – Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2012.

228 p.: il. (color) 28 cm
Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-65679-03-9

1. Cidadania. 2. Desigualdades sociais – Brasil. 3. Favelas – Rio de Janeiro – Aspectos sociais. 4. Juventude. 5. Cultura. 6. Habitação. 7. Souza, Herbert José de, 1935-1997. I. Pandolfi, Dulce. II. Gazir, Augusto. III. Corrêa, Lucas. IV. Grzybowski, Cândido.

CDD: 323.6

O de Brasil. Betinho

REALIZAÇÃO:

ibase.

PATROCÍNIO:

60
ANOS

BNDES

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Ao completar 60 anos, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) tem a honra de patrocinar *O Brasil de Betinho*, projeto que contribui para divulgar a ação e o pensamento do sociólogo Herbert de Souza (1935-1997), um dos mais notáveis defensores dos direitos humanos que o país já conheceu.

Sob a responsabilidade do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), entidade fundada pelo próprio Betinho no ano de 1981, a iniciativa contempla não apenas o lançamento do presente livro e DVD, mas também a criação de um *hotsite* que, gratuitamente, compartilhará com o público as informações levantadas pela pesquisa.

Por meio desse conjunto de ações, os interessados terão acesso a entrevistas, textos, fotografias, matérias jornalísticas, cartazes, ilustrações e documentos que registram a trajetória de Betinho, dos anos 1950, quando ele inicia a sua militância política, à década de 1990, período no qual lidera a Campanha contra a Fome.

O material associa as passagens da vida do sociólogo aos principais fatos da história nacional, destacando seu papel junto a movimentos de grande relevância para a sociedade brasileira.

Ao promover a memória de uma personalidade que dedicou sua vida às mais nobres causas, o BNDES reafirma seu compromisso com o desenvolvimento social do país e espera que os ideais humanitários de Betinho possam inspirar muitas outras empresas e indivíduos.



UM OUSADO CIDADÃO BRASILEIRO

O livro *O Brasil de Betinho* é um sopro nas brasas vivas da lembrança. Lembrar é viver. Betinho se foi, docemente, em casa, com amigos e Maria, 15 anos atrás. Mas a lembrança de sua ousadia em pensar e fazer, em sonhar e propor, em criticar e agir, sem perder o humor, ficará sempre viva. Ele encampou em seu corpo franzino uma motivação profundamente humana e ética, uma enorme capacidade de indignar-se frente à mínima injustiça, e uma corajosa e generosa luta na promoção dos direitos e da cidadania. Não foi um carrancudo, pelo contrário, soube emocionar-se diante das nossas crianças de rua, dos deserdados, dos que vivem em lixões, dos que lutam por seu direito de viver, dos que praticam a solidariedade, dos que exprimem tudo isto na música, na arte, na dança, na literatura. Sua fina crítica do humanamente “inaceitável” e sua luta incansável pela democracia combinaram ousadia de sonho, determinação, ironia, poesia e prazer de viver. Enfim, uma espécie de herói na sua exemplaridade cidadã. Foi um privilégio conviver com o Betinho e compartilhar os seus sonhos e ideias.

A sensação que a gente tem folheando este livro é que estamos diante da história do Brasil dos anos 50 ao final dos 90, do século passado, sendo vivida, feita e pensada na singularidade de um intelectual militante como o Betinho. São fios de história que surgem nos momentos, imagens, opções, ações e reflexões do Betinho, que agregam sentido e revelam dimensões importantes para entender tanto as contradições em ação no período, como o diferencial que faz a ação humana. No livro, Betinho se revela plenamente como ator e testemunha, ator que tece a ação e reflete sobre ela, entre muitos atores e fazeres de seu tempo.

O Ibase, organização de cidadania ativa, pública e não estatal, é parte direta desta história do Betinho e do Brasil. Com este livro procuramos, nós mesmos, resgatar o que ele nos legou, sobretudo a dimensão da política, da cidadania viva, da construção democrática, com ousadia e humanidade, com gentileza, por assim dizer. É uma satisfação socializar tal legado de uma história de busca generosa – vivida plenamente, no dia a dia, apesar das adversidades – de um mundo melhor, de felicidade para todos e todas, na diversidade com igualdade cidadã.

CÂNDIDO GRZYBOWSKI

SOCIÓLOGO E DIRETOR DO IBASE

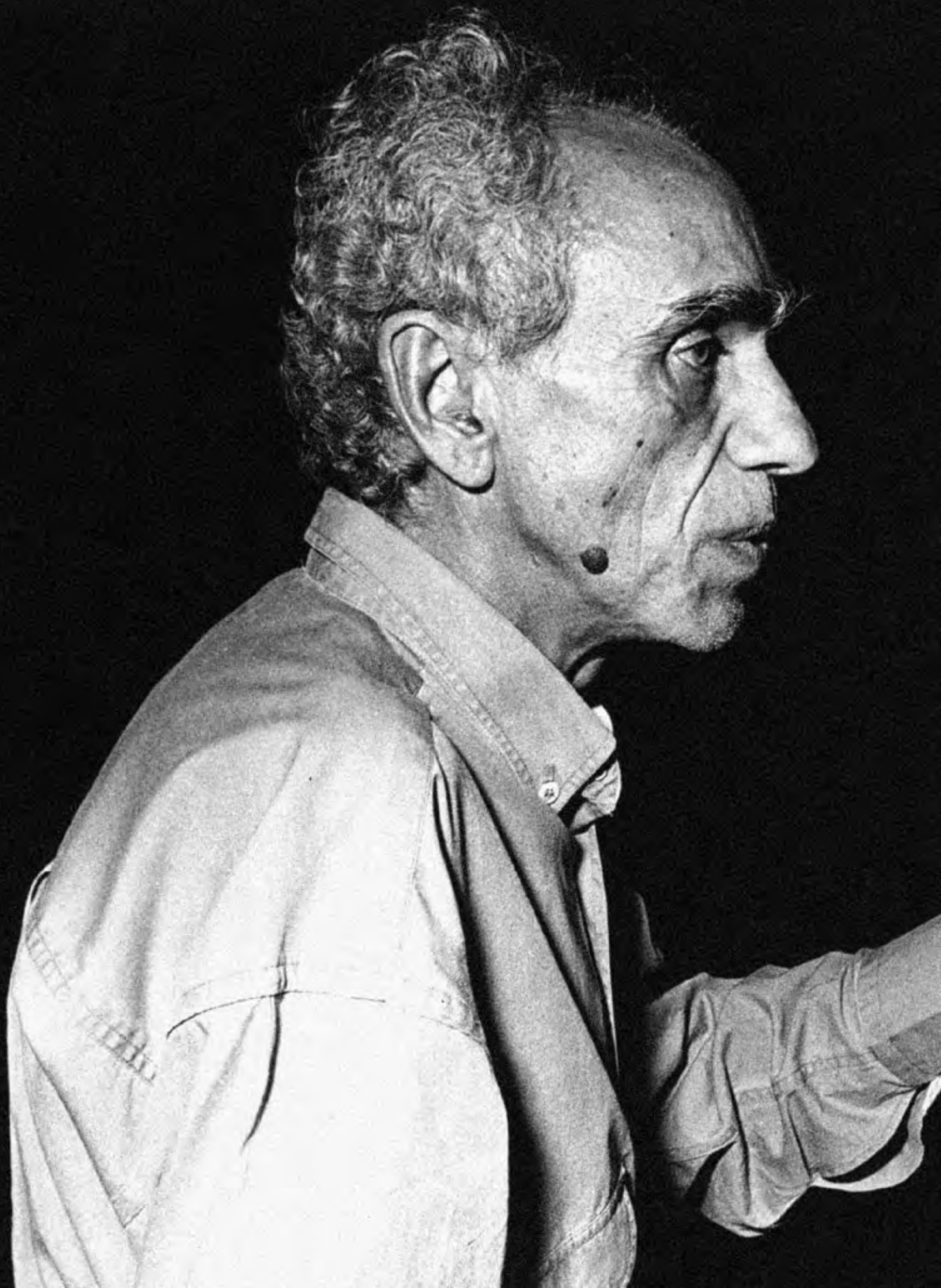
ibase.




SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
O NASCIMENTO NA REVOLTA	17
Vida e morte juntas	25
A REVOLUÇÃO SE FAZ, NÃO ACONTECE	29
A AP e a UNE	35
SEM A POLÍTICA NÃO SE VIVE	39
O Brasil de JK	47
O estado de circo	51
Reforma ou revolução?	57
O PATRICÍDIO	61
A DITADURA E OS SEUS TURNOS	71
O AI-5 e o Milagre	77
Da distensão à Abertura	83
DA “GUERRA POPULAR” AO EXÍLIO	87
Ao exílio	93
Anistia	101
A TRAGÉDIA GREGA	105
Diretas Já	113
A Nova República	117
Constituinte	125
Tragédia, de novo	129
O fim da desgraça	133
A VEZ DA CIDADANIA	137
Reforma agrária	145
Rio de Janeiro	151
Eco-92	157
Ação da Cidadania	163
O que é democracia	175
Um sociólogo no poder	181
AIDS, LUTA POLÍTICA	187
O caso do jogo do bicho	203
O fim da mudança	207
CRONOLOGIA	210







O *Brasil de Betinho* marca os 15 anos da morte de Herbert José de Souza, o Betinho, completados em 2012. O livro reúne pensamentos, tiradas, falas de Betinho sobre 60 anos de história recente do Brasil. Seleccionadas de livros, textos e entrevistas de diferentes épocas, as citações de Betinho tratam de eventos ocorridos do seu nascimento, em 3 de novembro de 1935, até a sua morte, aos 61 anos, em 9 de agosto de 97. O fundador da Ação Popular, o militante maoísta, o exilado político, o criador do Ibase, o coordenador da Ação da Cidadania contra a Fome, o ativista da aids, o sociólogo Betinho participou de muitos dos momentos por ele aqui comentados. Em *O Brasil de Betinho*, o relato e a reflexão do sociólogo sobre os fatos históricos se confundem com a descrição e a análise dele sobre a sua própria trajetória, já que ela foi tão marcada pelas distintas conjunturas políticas, quanto as influenciou e definiu. Vida e história nesse caso revelam muito uma sobre a outra.

Apesar de agrupadas de formas temática e cronológica, as citações de Betinho mantêm certa soberania entre elas e em relação aos demais conteúdos da publicação. Não há um texto-guia que as costure ou algo do gênero. A opção foi pelo mosaico. Os organizadores se limitam a uma descrição do contexto histórico no início de cada capítulo e subcapítulo e às legendas das imagens. Fotografias, ilustrações, reproduções de documentos são parte destacada do mosaico. O papel delas é menos ilustrar as aspas de Betinho, e mais estabelecer o clima e o ambiente do período sobre o qual os comentários tratam e ao qual eles pertencem. Na composição entre imagens e citações, *O Brasil de Betinho* propicia a contemplação e o passeio históricos.

O livro se divide em nove capítulos: “O nascimento na Revolta”, “A revolução se faz, não acontece”, “Sem a política não se vive”, “O patricídio”, “A ditadura e os seus turnos”, “Da ‘guerra popular’ ao exílio”, “A tragédia grega”, “A vez da cidadania” e, por último, “Aids, luta política”. Neles, Betinho fala da Revolta Comunista de 1935, ocorrida no mês em que ele nasceu, da sua infância, da militância política católica, da União Nacional dos Estudantes (UNE), da fundação da Ação Popular, dos governos de Getúlio Vargas, JK, Jânio Quadros e João Goulart, do golpe de 1964, do regime militar, do combate à ditadura, da clandestinidade, do exílio, da redemocratização, da ascensão e da derrocada de Fernando Collor, do Ibase, da Campanha contra a Fome, da Presidência de Fernando Henrique Cardoso, da tragédia da aids e da luta contra a doença. Encartado na publicação, há um DVD com quatro vídeos: *O dia da cura*, um curta de ficção sobre a aids, em que Betinho faz participação especial, *Super-Betinho*, em que o próprio é entrevistado, e dois filmes da Ação da Cidadania, um deles com o depoimento do sociólogo.

O *Brasil de Betinho* é devedor de uma série de outras iniciativas, que lhe serviram como fonte, parâmetro, inspiração. Ele só foi possível graças especialmente a três projetos anteriores sobre Betinho. A principal referência e fonte deste livro é *Os caminhos da democracia* (2009), filme do Canal Imaginário, em que Betinho discute a história do Brasil. Os realizadores do documentário gravaram quase 20 horas de entrevistas com o sociólogo, pouco antes de ele morrer. O segundo projeto que


norteia o livro é a exposição *Betinho e o Ibase*, montada em 2011 na Caixa Cultural Rio de Janeiro, por conta dos 30 anos de vida da entidade criada por Betinho. O esforço de seleção e organização do material para a mostra muito ajudou na empreitada desta publicação. A terceira referência marcante é *Um abraço, Betinho* (2005), livro no qual Dulce Pandolfi e Luciana Heymann navegam pelas cartas, documentos e materiais diversos do Arquivo Herbert de Souza, que se encontra no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Por fim, fica aqui registrado o agradecimento especial a pessoas e instituições que colaboraram de forma decisiva com a organização e a edição de *O Brasil de Betinho*. O CPDOC da FGV cedeu a grande maioria das imagens históricas deste livro. A generosidade do CPDOC, a gentileza e a paciência dos estagiários e pesquisadores da instituição foram chaves para que *O Brasil de Betinho* fosse viabilizado. Cleyde Afonso, do Canal Imaginário, foi incentivadora e companheira do projeto, como tem sido de Betinho e do Ibase há décadas. France Martin, uma das poucas caricaturistas mulheres do Brasil, não hesitou em nos ceder o desenho que ilustra a capa do livro. Muito obrigado também a Izabel Ferreira e Raquel Silva, ao Museu Histórico da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), ao Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, ao Centro de Pesquisa e Documentação (CPDoc) do *Jornal do Brasil*, à revista *Isto É* e à Fundação Maurício Grabois.

Bem-vindos ao Brasil de Betinho. Boa leitura. Boa viagem.








OS REVOLTOSOS DE 1935
NA PRAIA VERMELHA,
NO RIO DE JANEIRO

O NASCIMENTO NA REVOLTA

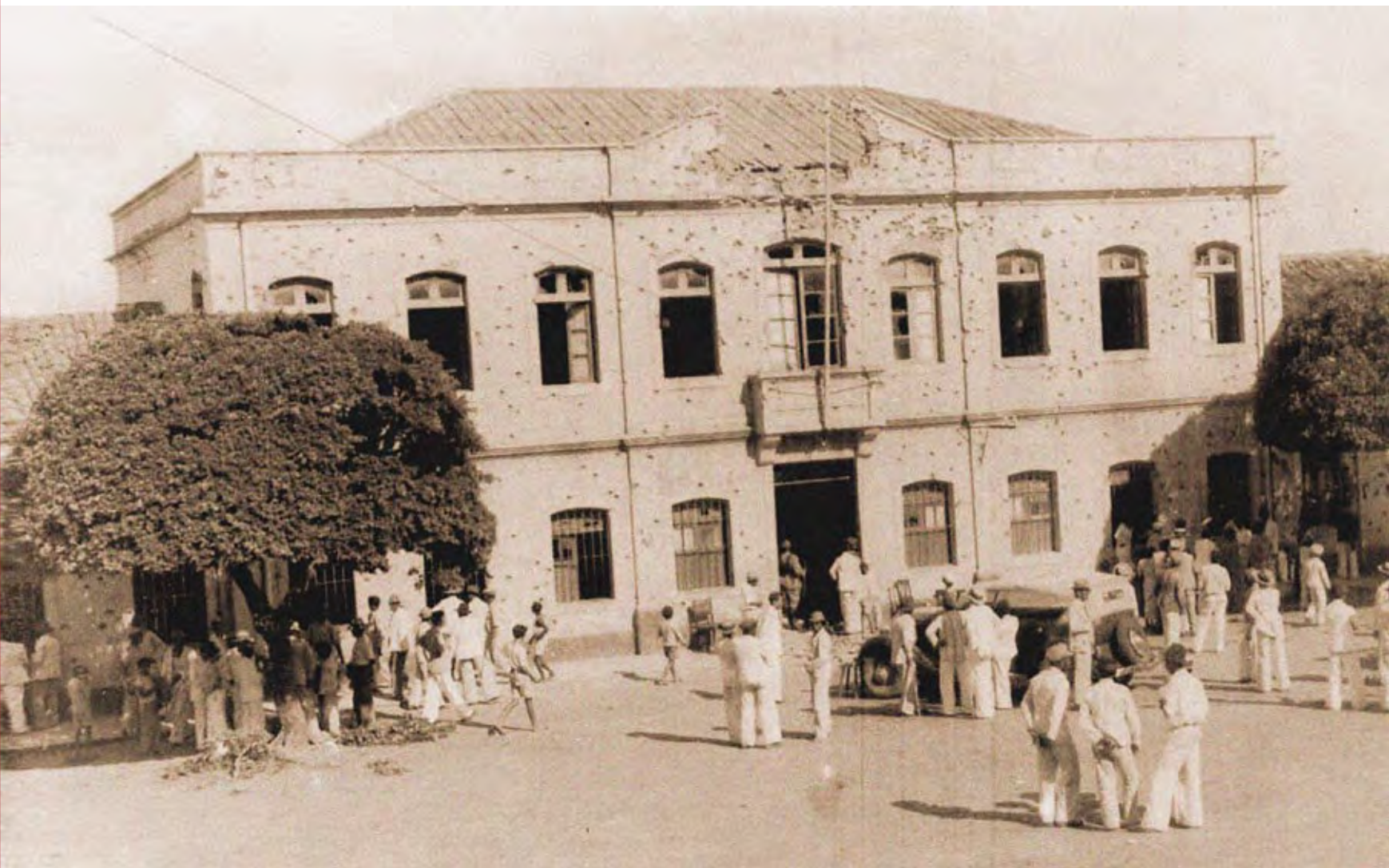


“Mas a verdade é
que 1935 é um ano
que tem seu charme:

aí nascia em plena ordem e progresso,
contra um bando de latifundiários, a ideia
de uma revolução que nunca foi capaz
de transformar-se em realidade.”

[BETINHO, EM *SEM VERGONHA DA UTOPIA*, P. 15]





QUARTEL DA FORÇA PÚBLICA MILITAR
DO RIO GRANDE DO NORTE DEPOIS DO
ATAQUE DOS REVOLTOSOS DE 1935

Um dos nove filhos de Henrique José de Souza e Maria da Conceição Figueiredo de Souza, Herbert José de Souza, o Betinho, nasceu em novembro de 1935, mês da Revolta Comunista, chamada por alguns de Intentona, ação da Aliança Nacional Libertadora (ANL) para tomar o poder no Brasil. O movimento tinha como líder o comunista Luís Carlos Prestes. O levante foi reprimido e derrotado pelo regime de Getúlio Vargas, que dois anos depois instalaria o Estado Novo no país.



“A época de Getúlio
foi um tempo de
grande acirramento
das lutas ideológicas,

época em que houve o integralismo, que era a versão cabocla do nazismo, com Plínio Salgado de um lado e o Partido Comunista de outro. Aquilo foi a guerra fria, foi a guerra ideológica, a luta ideológica. No Brasil isso estava presente de forma muito viva, com conflitos, com tentativas de assalto ao poder, com debates ideológicos, com mobilizações de rua.

Era realmente um tempo quente.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 7]





HINO DA ANL

Nosso povo que vive oprimido
Já não pode sofrer tanta dor
É preciso fazer do gemido
Uma voz de esperança e amor;
Nosso peito há de ser a muralha
Contra quem explorar a Nação.
Esse povo que vive e trabalha
Quer justiça, quer Terra, quer Pão!

Aliança! Aliança!
Contra vinte ou contra mil!
Mostraremos nossa pujança!
Libertemos o Brasil!

LUÍS CARLOS PRESTES, LÍDER
DO LEVANTE DE 1935, NO
TRIBUNAL DE SEGURANÇA
NACIONAL, EM 36



A Aliança Nacional Libertadora (ANL) foi criada em março de 1935. O seu presidente de honra era o líder comunista Luís Carlos Prestes. A ANL defendia propostas nacionalistas e tinha como bandeira a luta pela reforma agrária. Embora liderada pelos comunistas, conseguiu congregiar os mais diversos setores da sociedade e rapidamente tornou-se um movimento de massas. Muitos desiludidos com o rumo do processo político iniciado em 1930, quando Getúlio Vargas, pela força das armas, assumiu a Presidência da República, aderiram ao movimento.


Em julho de 1935, a ANL foi posta na ilegalidade. Em agosto, a organização intensificou os preparativos para um movimento armado com o objetivo de derrubar Vargas. O primeiro levante militar foi deflagrado no dia 23 de novembro de 1935, na cidade de Natal (RN). No dia seguinte, outro ocorreu em Recife (PE). No dia 27, a revolta eclodiu no Rio de Janeiro, então Distrito Federal. As rebeliões foram rapidamente debeladas. A partir daí, uma forte repressão se abateu não só contra os comunistas, mas contra todos os opositores do governo.

A revolta forneceu pretexto para o endurecimento do regime, o que culminou com o golpe de Estado de 10 de novembro de 1937, que fechou o Congresso, cancelou eleições e manteve Vargas no poder. Instituiu-se assim uma ditadura no país, o chamado Estado Novo, que foi até 1945.

“Eu nasci para
o desastre, porém
com sorte.

Nasci vivo e hemofílico em Bocaiúva, Minas Gerais. Era uma madrugada de 3 de novembro de 1935. Luís Carlos Prestes iniciava sua coluna, e eu, minha vida. Não nos conhecíamos. Pensando bem, Prestes, em 35, não estava na Coluna, mas na Intentona, assim chamada pelos militares, que, na quinta linha de meu texto, já começam a perseguir a minha memória.”

(BETINHO, EM *SEM VERGONHA DA UTOPIA*, P. 14)



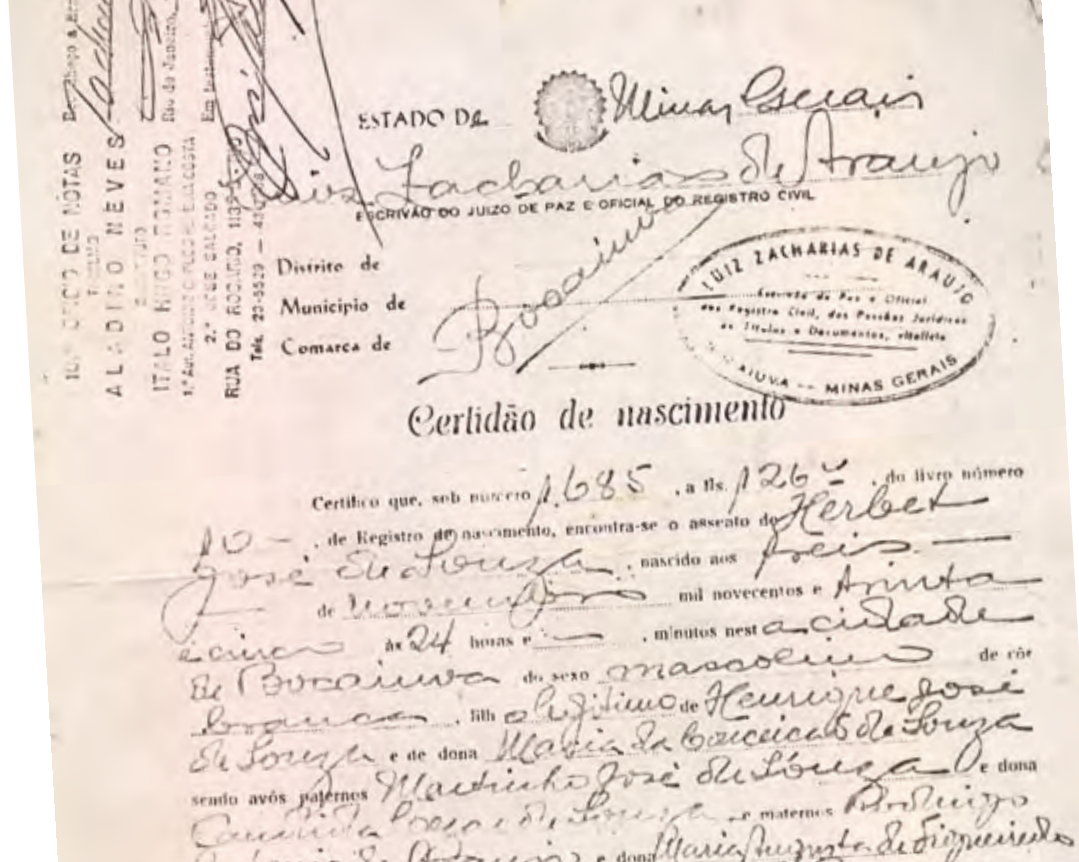
“Quando nasci, e só
aí começa a história,
a hemofilia começou.

Vida e morte juntas na mesma pessoa: a hemorragia no umbigo foi o começo, já que é no umbigo que tudo começa. (...) Era eu de nome Herbert, uma homenagem de meu pai a um artista de cinema alemão. Meu pai era o pioneiro do cinema mudo em Bocaiúva, e Herbert, o artista, vivia em algum Reich. Eu, hemofílico, em Bocaiúva.”

[BETINHO, EM “EU”, ARQUIVO HERBERT DE SOUZA, CPDOC/FGV]



O registro do nome de Betinho na certidão de nascimento (ao lado) ficou errado: Herbet. Apesar do engano, Betinho usaria o Herbert com os dois erres. Abaixo, Betinho, criança, e a casa da sua família.



VIDA E MORTE JUNTAS

Em 3 de novembro de 1935, Betinho nasceu em Bocaiúva (MG). Nasceu hemofílico, como os seus irmãos. A hemofilia, genética e hereditária, consiste na ausência de fatores sanguíneos responsáveis pela coagulação. “Ela [a hemofilia] é muito concreta. São hemorragias intra-articulares que distendem os músculos, os tendões, os nervos e a pele. Estes sangramentos enchem e incham a parte afetada, o pé, por exemplo, ou o joelho, e provocam dores insuportáveis”, definiu certa vez Betinho.

“A nossa experiência de infância é uma experiência onde isso que se chama morte,

tragédia, tudo que denominam de anormal, fazia parte do nosso cotidiano. O meu cotidiano na infância foi viver numa penitenciária. Isso não é cotidiano para ninguém. Na minha adolescência, o meu cotidiano passou a ser viver numa funerária. Ali estava ninguém mais ninguém menos que o meu próprio pai. Então, onde é que meu pai trabalhava, que é a pessoa que você mais quer viva? Numa funerária. A nossa casa pertencia à Santa Casa de Misericórdia e era uma extensão da funerária. O Henfil sempre brincou ali, entre os caixões. Brincar com a morte. Nós brincávamos com os símbolos da morte. E a própria ideia da morte se confundia com as nossas brincadeiras. O gerente da morte era o nosso pai. (...) O nosso começo estava no fim, e o nosso fim no começo.”

[BETINHO, EM SEM VERGONHA DA UTOPIA, P. 8 E 9]

Betinho contraiu aos 15 anos de idade tuberculose. Ficou três anos confinado em casa por causa da doença. Na página ao lado, Betinho, doente, no quintal de casa.

“Tive uma infância marcada (...) pelo fato de ter passado oito anos morando com minha família numa penitenciária, onde meu pai trabalhava. Uma parte da infância e da adolescência eu vivi num outro ambiente inusitado, uma funerária. Acho que ninguém nasceu numa penitenciária e se criou numa funerária. Eu acho que é uma combinação altamente política.”

[BETINHO, NA REVISTA *TEORIA E DEBATE*, Nº 16]



ACIMA E À DIREITA, BETINHO NA INFÂNCIA





“Naquele sanatório particularíssimo, eu escutei todas as novelas do rádio. Li todos os livros que me chegavam às mãos, fiz aeromodelismo, aprendi radiotécnica, tentei a escultura. Três vezes ao dia eu tomava a temperatura. Invariavelmente 37 a 38 graus de febre. (...) As minhas chances de salvação eram muito poucas, ou quase nenhuma. Todo mundo chorava. Ninguém desconhecia o resultado desta equação fatal: hemofilia mais tuberculose igual à morte.”

[BETINHO, EM *SEM VERGONHA DA UTOPIA*, P. 49]

“Ao ler o último número da revista semanal *O Cruzeiro*, a mais importante na época, do grupo de Assis Chateaubriand, eu vi o anúncio de um remédio, Idrazida, apesentado como a mais nova descoberta na cura da tuberculose. Deu-se então em mim uma certeza instantânea: este remédio vai me curar. Entre ver o anúncio e estar tomando o primeiro comprimido se passaram outros três meses de tensa expectativa, até que a Idrazida chegou ao comércio de Belo Horizonte. O efeito foi igualmente fulminante. Logo nas doses iniciais eu comecei a engordar. Três meses mais tarde eu tirei uma radiografia limpa, a mancha havia desaparecido completamente.”

[BETINHO, EM *SEM VERGONHA DA UTOPIA*, P. 51]

**“A família chorou
minha morte e decidiu
que eu não iria para
um sanatório,**


mas para o fundo do quintal, para o quarto de Maria Leal [empregada da casa], agora transformado em meu sanatório particular, o único de Belo Horizonte. Um quarto com duas camas, na outra dormia seu Henrique [pai de Betinho], declarado minha companhia. Foi construída uma porteira de madeira que me isolava, atrás das grades, de meus irmãos e irmãs. (...) Durante três anos aquele quarto foi minha trincheira onde poucos entravam. O mundo para mim estava dividido entre os tuberculosos e os sãos.”

[BETINHO, EM “EU”, ARQUIVO HERBERT DE SOUZA, CPDOC/FGV]



FIDEL CASTRO VISITA O BRASIL E DISCURSA EM
REUNIÃO DA UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES
(UNE), NO RIO DE JANEIRO, EM MAIO DE 1959

A REVOLUÇÃO SE FAZ,
NÃO ACONTECE



“A grande novidade política
da América Latina foi a
Revolução Cubana.

Uma novidade que sinalizava o seguinte: a revolução se faz,
ela não acontece. Portanto, quem faz a revolução são os
revolucionários, e fazer a revolução é uma tarefa concreta, que
tem que ser programada, organizada e feita.”

[BETINHO, EM OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA, P. 10]





FAIXAS DE PROTESTO NA FACHADA DA UNE,
NOS ANOS 1960

A vitória da Revolução Cubana, em janeiro de 1959, provocou um grande impacto na esquerda brasileira e, consequentemente, no movimento católico de esquerda, no qual Betinho militava desde 1953. Betinho integrou a Juventude Estudantil Católica (JEC) e, depois, a Juventude Universitária Católica (JUC). “Tivemos na JEC um começo, que se politizou mesmo e virou movimento estudantil na JUC, quando disputávamos a direção da UNE”, lembraria Betinho.



“Desde o momento em que entrei para a Ação Católica, ser católico para mim era ser revolucionário.

Não era simplesmente comungar e obedecer regras. Era também transformar o mundo e a sociedade.”

[BETINHO, EM *BETINHO – SERTANEJO, MINEIRO, BRASILEIRO*, P. 82]

Companheiros operários e camponeses, esta é a revolução socialista e democrática dos humildes, com os humildes e para os humildes. E por esta revolução dos humildes e pelos humildes e para os humildes estamos dispostos a dar a vida. (...) Viva a revolução socialista! Viva Cuba livre! Pátria ou morte!

[DISCURSO DE FIDEL CASTRO EM 16 DE ABRIL DE 1961, QUANDO ELE DECLARA PELA PRIMEIRA VEZ O CARÁTER SOCIALISTA DA REVOLUÇÃO CUBANA]



“A verdade é que entrei na política pela porta de um engajamento religioso e social, que foi o engajamento na Ação Católica.”

Saí da minha tuberculose em 1953 e entrei na JEC, na Juventude Estudantil Católica, que estava sendo fundada naquele momento em Belo Horizonte (MG). Participamos da fundação junto com Frei Mateus. (...) A JEC era uma permanente reunião. A gente se reunia na porta da Igreja São José para bater papo todo dia. Havia reuniões da JEC onde se discutia, organizava. E o objetivo político maior da JEC, e depois o da JUC, era mudar o país dentro de uma visão cristã, era a transformação da sociedade através do que Frei Mateus chamava ‘a revolução pelo evangelho’.”


[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 7 E 8]

FREI MATEUS, COM A MÃE DE BETINHO, DONA MARIA



“Quem era essa figura, Frei Mateus? Esse apaixonado por Dostoiévski teve como sua grande experiência humana, política e religiosa a instalação da JEC em Belo Horizonte. (...) Ele tinha uma visão da Igreja extremamente crítica, achava que o cristianismo devia voltar para a época das comunidades e percebia no final da vida que a Ordem dos Dominicanos estava se acabando.”

[BETINHO, EM *SEM VERGONHA DA UTOPIA*, P. 55]



“Aquele ideia de
organização revolucionária
dos anos 1960 era o que
definia a Ação Popular.

O que é fazer a revolução? É um grupo revolucionário que chega ao poder e muda tudo. Acaba com a fome, acaba com a miséria, acaba com a exploração do homem pelo homem. Era uma espécie de messianismo político. Então, nós que já estávamos na Ação Católica, uma religião a mais, uma religião a menos, não fazia grande diferença.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 10]





A AP E A UNE

SENTADO, DE GRAVATA, O PRESIDENTE DA UNE EM 1962, ALDO ARANTES, COMPANHEIRO DE BETINHO NO MOVIMENTO ESTUDANTIL E NA AÇÃO POPULAR

Betinho ingressou no curso de Sociologia, na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 1958. A faculdade não só foi o núcleo principal da JUC, como formou uma geração de importantes cientistas sociais. Entre o caminho acadêmico e a militância política, Betinho ficou com a segunda. Em 1962, ele ajudou a fundar a Ação Popular (AP), que seria uma das principais organizações de combate à ditadura militar, e tornou-se um dos seus dirigentes nacionais. Betinho passaria a dedicar cada vez mais tempo aos temas da UNE, sediada no Rio de Janeiro.

“Em 1961, a AP não existia, estava sendo criada. A AP só realmente começou a ter existência política pós-Jânio, no período do João Goulart. Aí surgiu a Ação Popular.”

[BETINHO, EM OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA, P. 10]



“A Ação Popular foi um movimento que tratou de retirar a política do campo da Igreja, porque na Ação Católica nós éramos subordinados à hierarquia.

E houve muitos problemas entre a nossa postura política e a hierarquia católica. Então nós achávamos que a política não devia estar subordinada à Igreja, quer dizer, nós éramos contra o confessionalismo na política.”

[BETINHO, EM OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA, P. 9]



BETINHO DANÇA NO BAILE DE FORMATURA



“No mundo contemporâneo a cultura popular, tal como surge, é a expressão da consciência crítica do mundo social e das suas contradições. O homem em sua existência social, construindo socialmente a si mesmo, segundo projetos definidos. É, portanto, não só uma consciência crítica da realidade, mas uma consciência que dinamiza uma luta pela superação concreta das alienações sociais: é assim também uma visão política. (...) A cultura popular é um projeto de cultura universal e plural, em sua origem, porque surge da luta pela ascensão das grandes massas humanas; é experimental e dialética porque tem como fim a superação de todas as contradições (...); finalmente a cultura popular é evolutiva porque acompanha o projeto humano na criação de sua História.”

[BETINHO, EM *TRIBUNA UNIVERSITÁRIA*, 16/04/1962]

BETINHO ESCREVEU EM 1962 UM ARTIGO PARA O JORNAL DO DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES (DCE) DA UFMG, *TRIBUNA UNIVERSITÁRIA*, CHAMADO “CULTURA POPULAR”

A REVOLUÇÃO SE FAZ, NÃO ACONTECE


“Percebemos que, para a UNE crescer, sua influência não poderia se limitar à Guanabara.

Nasce daí a ideia da UNE Volante. Começamos a pensar na reforma universitária e a estruturar o Centro Popular de Cultura (CPC), que já existia. Sua proposta era a formulação de uma política de cultura popular. Tudo isso em busca da participação em nível nacional da massa estudantil, faculdade por faculdade, assembleia por assembleia, do Rio Grande do Sul ao Amazonas. Era um poder nacional solidamente enraizado que queríamos criar. O CPC marcou época! O Oduvaldo Vianna Filho e outros, todo esse pessoal que cria a arte engajada no Brasil nasce no CPC da UNE.”

[BETINHO, EM *SEM VERGONHA DA UTOPIA*, P. 65]







FUNERAL DE GETÚLIO VARGAS

SEM A POLÍTICA NÃO SE VIVE



“Quando ele morreu

que me dei conta de que a política era uma coisa
sem a qual não podia se viver, sem a qual não
podia se passar. A política era fundamental.
Era 1954. Nasci em 1935, eu tinha 19 anos.”

[BETINHO, EM OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA, P. 7]

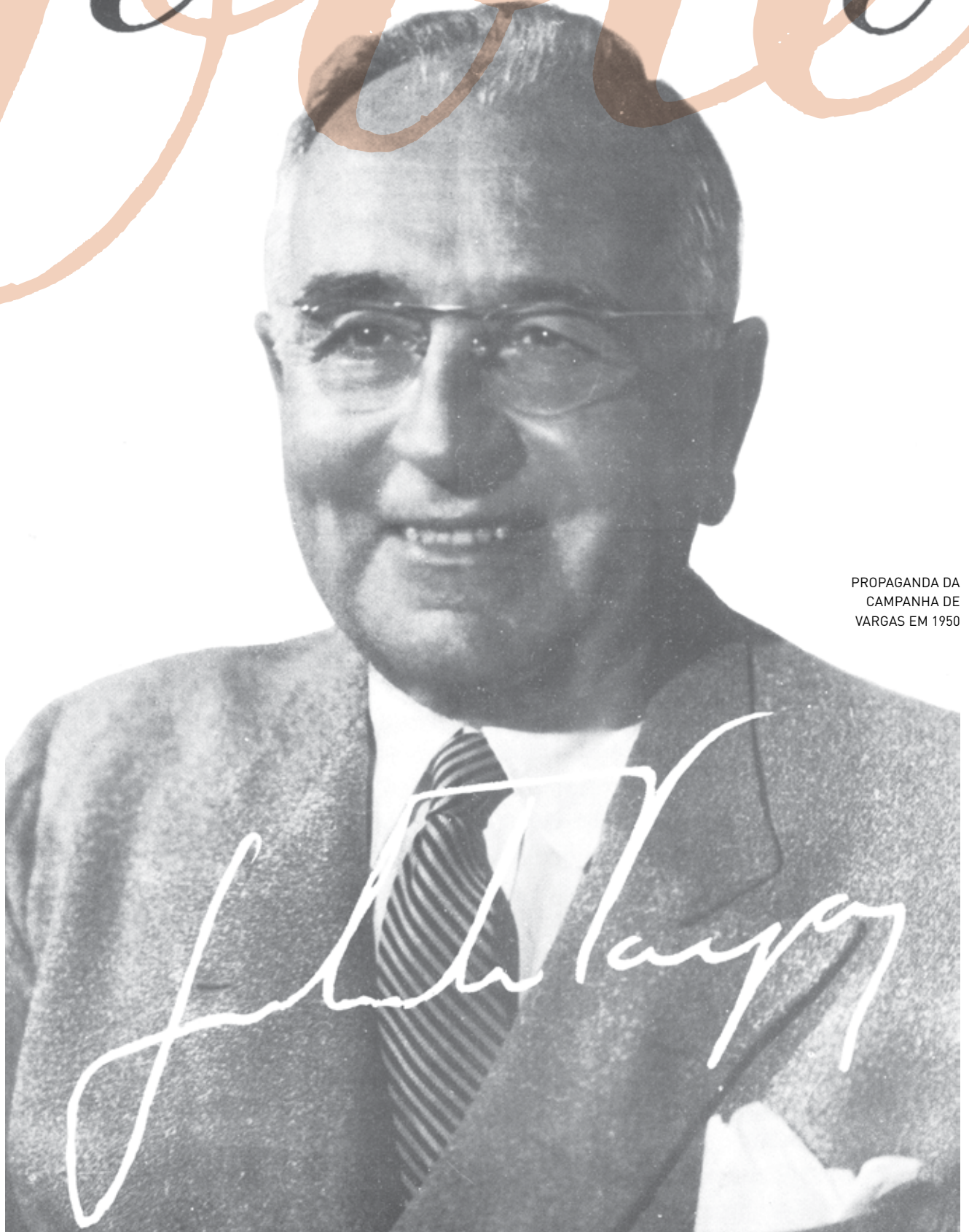




CARRO DO JORNAL *O GLOBO*, DE OPOSIÇÃO AO GOVERNO, É VIRADO POR SIMPATIZANTES DE VARGAS APÓS A MORTE DO PRESIDENTE

O presidente Getúlio Vargas se suicidou em 24 de agosto de 1954. Hostilizado pelos conservadores, pela imprensa e por setores militares, que pediam o seu impeachment, Vargas se matou com um tiro. Ele, que havia governado o país da Revolução de 1930 até 45, se elegeu em 1950 pelo PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e o PSP (Partido Social Progressista), do líder paulista Adhemar de Barros. O seu principal opositor foi o brigadeiro Eduardo Gomes, da UDN (União Democrática Nacional), o partido anti-Vargas por excelência.

Vote em



PROPAGANDA DA
CAMPANHA DE
VARGAS EM 1950

“Getúlio foi toda uma época,

Getúlio foi 30, 40 anos de história brasileira. Getúlio foi o nascimento do Estado moderno, do Estado-nação, do Estado com a questão do desenvolvimento. Getúlio foi Volta Redonda, foi Petrobras, essa noção de que o desenvolvimento se faz sob a regência do Estado, e a ordem social também se faz sob a regência do Estado.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 7]



“O período Vargas

sintetiza o processo onde desenvolvimento industrial, nacionalismo e autoritarismo andam juntos.”

[BETINHO, EM *ESCRITOS INDIGNADOS*, P. 15]

ACIMA, MORTE DE VARGAS: CORTEJO DA POPULAÇÃO CARIOCA.
À ESQUERDA, MULHER PASSA MAL DURANTE O FUNERAL DE VARGAS

JK, DE COSTAS, ABRAÇA GETÚLIO VARGAS





“Dos anos 30 até o fim da Segunda Guerra Mundial a industrialização se deu graças à ação de uma incipiente burguesia local,

protegida, amparada pela ação e intervenção do Estado na economia. A nova burguesia industrial nasce também, em grande medida, da velha burguesia agrária, que reorienta os seus investimentos para novas oportunidades. O capital muda de forma, mas não muda o espírito autoritário. (...) O fim da Segunda Guerra enterrou as pretensões expansionistas de algumas nações capitalistas e abriu o mundo para a expansão do capital desacompanhado dos Exércitos de suas respectivas nações. Começava a era da internacionalização do capital produtivo, das chamadas empresas multi ou transnacionais. O Brasil se entrega a esse processo com Juscelino Kubitschek (1956-60), que abre o país ao investimento direto estrangeiro.”

[BETINHO, EM *ESCRITOS INDIGNADOS*, P. 15 E 16]



“A partir de JK,
industrialização e
internacionalização

se transformaram em sinônimos perfeitos.
O primeiro carro brasileiro era ‘brasileiro’.”

[BETINHO, EM *ESCRITOS INDIGNADOS*, P.33]



O BRASIL DE JK



HOJE
nas
estradas
do
Brasil

VOLKSWAGEN BRASILEIRO

VOLKSWAGEN DO BRASIL

<small>Modelo: 1600 cc, 1200 cc, 1500 cc, 1700 cc, 1800 cc, 2000 cc, 2200 cc, 2400 cc, 2600 cc, 2800 cc, 3000 cc, 3200 cc, 3400 cc, 3600 cc, 3800 cc, 4000 cc, 4200 cc, 4400 cc, 4600 cc, 4800 cc, 5000 cc, 5200 cc, 5400 cc, 5600 cc, 5800 cc, 6000 cc, 6200 cc, 6400 cc, 6600 cc, 6800 cc, 7000 cc, 7200 cc, 7400 cc, 7600 cc, 7800 cc, 8000 cc, 8200 cc, 8400 cc, 8600 cc, 8800 cc, 9000 cc, 9200 cc, 9400 cc, 9600 cc, 9800 cc, 10000 cc</small>
--

*em sua classe,
o carro mais vendido
em todo o mundo!*

Cr\$ 496.000,

1964 Volkswagen Beetle 1600 cc, 1200 cc, 1500 cc, 1700 cc, 1800 cc, 2000 cc, 2200 cc, 2400 cc, 2600 cc, 2800 cc, 3000 cc, 3200 cc, 3400 cc, 3600 cc, 3800 cc, 4000 cc, 4200 cc, 4400 cc, 4600 cc, 4800 cc, 5000 cc, 5200 cc, 5400 cc, 5600 cc, 5800 cc, 6000 cc, 6200 cc, 6400 cc, 6600 cc, 6800 cc, 7000 cc, 7200 cc, 7400 cc, 7600 cc, 7800 cc, 8000 cc, 8200 cc, 8400 cc, 8600 cc, 8800 cc, 9000 cc, 9200 cc, 9400 cc, 9600 cc, 9800 cc, 10000 cc

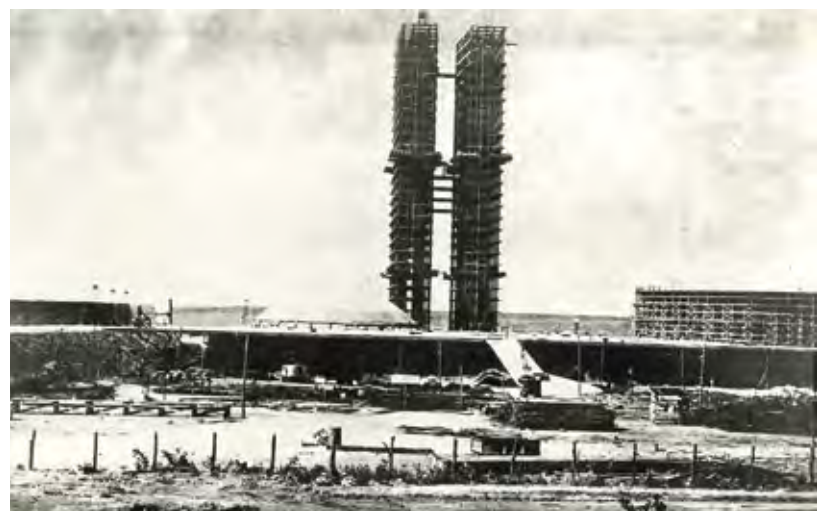
Se comparados com outros períodos da história brasileira, os anos JK podem ser considerados de estabilidade política, apesar de persistirem alguns focos de conflito. De 1945 a 64, Juscelino foi o único presidente civil que começou e terminou o mandato. O seu programa de governo, centrado no Plano de Metas, recebeu apoio do Congresso e das Forças Armadas. Graças à aliança do Partido Social Democrático (PSD) com o PTB, o governo aprovou os seus principais projetos no Legislativo. JK atendeu reivindicações de salários e equipamentos dos militares.

JK (SEGUNDO DA DIR. PARA A ESQ.) ANALISA PLANO DE CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA



“Foi a era do desenvolvimento que Juscelino encarnou e realizou de alguma maneira, através de um acontecimento inédito, que foi fundar uma cidade no planalto, mudar a capital federal do Rio para Brasília e chamar, atrair capitais estrangeiros para a indústria automobilística e outros setores.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 48]





JK, DE TERNO CLARO, NO LOCAL DA FUTURA RODOVIA BELÉM-BRÁSILIA

“Durante o seu mandato Juscelino jogou o Brasil para cima.

Ele disse: ‘O Brasil vai mudar 50 anos em cinco. Vamos construir Brasília’. No tempo de JK, fazíamos profundas críticas aos partidos políticos (...). Tanto que nos anos 1960 surgiram várias ideias de organização revolucionária, que eram a AP, a Polop, o Movimento Tiradentes, ligado às Ligas Camponesas (...). Essa juventude que surgiu criando essas coisas tinha um sopro de audácia muito grande, e ela queria fazer a revolução. (...) Nesse período nós achávamos que tudo era possível, e o Estado brasileiro também achava que tudo era possível. E esse tudo, tudo, tudo é possível foi o sorriso do JK, uma política bem-humorada, quer dizer, não era uma política trágica. Era uma política que achava que podia fazer o desenvolvimento.”

[BETINHO, EM OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA, P. 48]



“Ele criou um
estado de circo.”

Em vez de um estado de sítio,
foi um estado de circo.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 48]





O ESTADO DE CIRCO

JÂNIO QUADROS EM BRASÍLIA COM
CHE GUEVARA, A QUEM CONDECOROU

A despeito do crescimento do país, JK não conseguiu fazer o seu sucessor. Apoiado pela UDN, Jânio Quadros foi eleito em 1960. Ele prometia com uma vassoura, símbolo da sua campanha, combater a corrupção. Como se votava em separado para vice-presidente, João Goulart (Jango), herdeiro político de Vargas, levou a vice. Em 25 de agosto de 1961, Jânio renunciou e abriu uma crise institucional no país. Betinho partiu para o Rio Grande do Sul, onde participou da Campanha da Legalidade, que exigia a posse de Jango. Os ministros militares tentavam impedir que o vice assumisse.



“Jânio era o homem da mídia. Era do espetáculo.”

(...) O governo Jânio era assim: notícia todo dia, proibição do biquíni, da briga de galo, incertezas, era uma festa da mídia. De repente condecorou Che Guevara, fez uma política econômica muito ortodoxa, muito tradicional, e pôs Clemente Mariani, que era um banqueiro, para ser o ministro da Fazenda.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 48]

“Jânio criou as condições para que o golpe de 1964 se desse,

ao ser o presidente que tentava encarnar o poder absoluto na sua pessoa, na sua vontade, na sua loucura, e ao subestimar e menosprezar todos os mecanismos e instituições democráticas.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 50]



João Goulart (de perfil) acabou tomando posse como presidente em 1961, mas depois de feito um acordo para evitar um conflito interno, Jango assumiu o Planalto, mas o Brasil adotou o parlamentarismo. O pessedista Tancredo Neves (ao lado, com Jango) virou primeiro-ministro.



DA ESQUERDA PARA A DIREITA:
O GOVERNADOR DO RS, LEONEL BRIZOLA,
DISCURSA DA JANELA DO PALÁCIO PIRATINI APÓS
A RENÚNCIA DE JÂNIO QUADROS;
MANIFESTAÇÃO PÚBLICA EM FRENTE AO PALÁCIO
PIRATINI FAVORÁVEL A JOÃO GOULART;
SOLDADO PROTEGE BARRICADA MONTADA NO
PALÁCIO PIRATINI

“Aldo [Arantes] e eu, representando a UNE, fomos para Porto Alegre, assim que Brizola montou a Rede da Legalidade, e ficamos ao seu lado, no Palácio Piratini. Foi um momento inesquecível. Havia cem mil pessoas na praça, defronte à sede do governo. Mais de 70 mil se alistaram para lutar na guerra civil, se necessário. E quando tudo terminou com a instituição do parlamentarismo e a designação de Tancredo para primeiro-ministro, ainda havia gente treinando marcha unida nas ruas da capital gaúcha. Uma experiência emocionante. A liderança de Brizola era indiscutível porque ele dominava a situação tanto no âmbito civil quanto no militar. O sucesso da resistência, no entanto, se deveu à adesão em massa da população. Foi um movimento só comparável com o da Campanha das Diretas, em 1984. Se houvesse outros agentes mobilizadores como aconteceu no Rio Grande do Sul, o país inteiro se levantaria. Como ocorreu em Goiânia, onde o governador Mauro Borges também liderou um amplo foco de resistência. A diferença é que ele não conseguiu, como Brizola, neutralizar ou capitalizar a participação militar. O importante, de qualquer maneira, foi a gigantesca adesão civil.”

[BETINHO, EM *SEM VERGONHA DA UTOPIA*, P. 66]



“E o soldado do Rio Grande do Sul ia atirar na massa?

Ia atirar em seus parentes, primos, irmãos? Mas, de jeito nenhum. Aliás, nenhum soldado do Brasil quis atirar em tempo algum. Eu costumo dizer que militar brasileiro detesta briga, detesta guerra. Se pudessem, os militares brasileiros ficavam sem arma, só com o poder. Guerra não é o seu forte. Na época, entretanto, a ameaça de tiros, brigas e guerras parecia bem real. Nós fomos para a capital gaúcha de avião, o último a descer lá. Chegamos, entramos no Palácio e ficamos. Saíamos para comer e dormir, mediante uma senha que nos permitia o livre trânsito. Ainda vivemos uns dez dias, escrevendo e divulgando manifestos pelo rádio, acompanhando o desenrolar dos acontecimentos em níveis nacional e internacional e observando aquela mobilização histórica. À noite íamos comer churrasco.”

[BETINHO, EM *SEM VERGONHA DA UTOPIA*, P. 66]



“Não que ele fosse um revolucionário, Jango era um democrata.

Ele era um institucional, ele queria o caminho institucional. Colocar Jango como uma pessoa que queria dar o golpe é uma grande injustiça com a memória dele, com o passado dele. Ele queria resolver tudo na base da lei. Nós é que às vezes queríamos na lei ou na marra.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 51]



JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Sábado, 14 de março de 1964

Ano LXXIII — N.º 61

A PRESSA EM MUDAR



Desde as 14h os manifestantes começaram a chegar à Central do Brasil e dentro de pouco tempo formava-se uma multidão

Goulart decreta a desapropriação de terras, encampa refinarias e pede nova Constituição

REFORMA OU REVOLUÇÃO?

Empossado em 7 de setembro de 1961, o presidente João Goulart se comprometeu com as chamadas reformas de base, entre elas, a mais importante, a agrária. No decorrer do seu mandato, a pressão dos movimentos sociais pelas reformas só cresceu. No dia 13 de março de 1964, 200 mil pessoas se reuniram em frente à Central do Brasil e ao Ministério do Exército, no Rio de Janeiro, num comício a favor das reformas de base, para pressionar o Legislativo a votar as medidas. Dias depois, Jango seria destituído pelos militares.

“Eu fui coordenador da assessoria do [ministro da Educação,] Paulo [de Tarso,] durante o tempo em que ele esteve no ministério, sete meses. A assessoria era chamada ‘os meninos do poder’, porque era toda uma moçada, uns sete ou oito. (...) Mas não se pode dizer que tenha havido algum tipo de influência mais organizada da AP no governo Jango.

Fora o Ministério da Educação, onde tínhamos uma influência grande, nós atuávamos muito mais como pressão em torno do governo Jango, na Frente de Mobilização Popular, na Frente Parlamentar Nacionalista, etc. A representação política da AP correspondia muito mais a uma força de base.”

[BETINHO, NA REVISTA *TEORIA E DEBATE*, Nº 16]



BETINHO (O SEGUNDO DA DIR. PARA A ESQ.) NUMA REUNIÃO DO GOVERNO JANGO

“Participar do governo João Goulart foi uma experiência fascinante.

Eu fiquei sete meses no Ministério da Educação e foi a minha primeira experiência na máquina estatal burocrata. Foi aí, por exemplo, que descobri que Tancredo Neves e vários senadores brigavam lá dentro do ministério por borracha e caderno. (...) Não para eles. Para eles ganharem votos. Mas também tive o lado positivo, que foi o Paulo Freire. O plano de alfabetização do Paulo Freire era para um milhão de novos eleitores na próxima eleição. E ele ia fazer isso se o golpe não tivesse ocorrido. Mas nós éramos muitos divididos. Por exemplo, a UNE e eu éramos muito ligados ao Brizola. Agora, o Brizola naquela época já era criador de caso, principalmente com o cunhado dele.”

[BETINHO, NO PROGRAMA *RODA VIVA*, 23/12/1996]

“Se alguém pegasse as propostas mais radicais que existiam na época, se elas fossem realizadas, realizaria algumas reformas, e bem moderadas. Melhoraria o ensino, democratizaria um pouco mais o capital dos bancos, faria uma modesta reforma agrária em terras públicas, em terras de grandes latifundiários. Era um conjunto de respostas que hoje são perfeitamente assimiláveis, por exemplo, numa proposta social-democrata. Na verdade, o que se fez foi um grande clima de histeria política, produzida e dirigida exatamente por aqueles que temiam que seus privilégios fossem afetados. É claro que essas reformas mudariam o Brasil. Nisso eles estavam certos: se queria mudar o Brasil. Nos anos 60 se percebeu que o país não podia continuar como estava. Esses setores, que são a história velha do Brasil, eles jamais concordariam com isso e tinham muito poder, e um dos principais poderes que eles tinham era o poder da mídia.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 79]



LÍDER DAS LIGAS CAMPONESAS, FRANCISCO JULIÃO (À ESQ.), COM TANCREDO NEVES, DURANTE CONGRESSO DE TRABALHADORES RURAIS. PARA JULIÃO, ERA "REFORMA AGRÁRIA NA LEI OU NA MARRA"



PRIMEIRO PRESIDENTE DA DITADURA, CASTELO BRANCO, SEM FARDA, EM VISITA A OURO PRETO (MG). ENTRE ELE E O GENERAL ERNESTO GEISEL, O GOVERNADOR MINEIRO, MAGALHÃES PINTO, ENCARA A CÂMERA



Ó PATRICÍDIO



“O que o golpe fez
foi praticamente
um patricídio.

Foi tentar matar uma pátria,
matar uma nação, matar um povo,
matar o sentido de cidadania.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 74]





SEDE DA UNE NO RIO DE JANEIRO INCENDIADA DURANTE O GOLPE. "A DIREITA ESTAVA HISTÉRICA", AFIRMARIA BETINHO

Em 31 de março de 1964, Betinho foi pela manhã ao Palácio Laranjeiras, no Rio de Janeiro, onde estava o presidente Jango. Perto do meio-dia, com a certeza de que o golpe estava em curso, seguiu para o Departamento de Correios e Telégrafos, na Praça XV, onde seria possível acompanhar telefonemas e telegramas trocados entre os principais dirigentes do país. Lá estavam o presidente da UNE, José Serra, e o líder do PTB, Neiva Moreira, entre outros. Da Praça XV, eles saíram para a sede da UNE, na Praia do Flamengo, que foi destruída.



“Esse golpe poderia ter sido barrado se houvesse uma reação firme do Jango.”

A reação a um golpe tem que ser dada pelo presidente. Se o presidente não reagiu ao golpe, ao contrário, viajou para o sul e saiu do país, na verdade ele foi quem consumou o golpe. Jango tinha apoio militar. O golpe de 64 não era uma unanimidade militar. No Sul, em vários lugares, em vários níveis, podia-se contar com militares que fariam uma reação ao golpe. Mas isso, dentro da ideologia militar, só seria possível se o presidente ordenasse. Se não houve ordem do presidente, não houve reação. Poderia haver guerra civil, mas não era isso que estava colocado no cenário (...). No caso do Chile, não houve condições de dirigir a reação porque mataram o presidente. No caso do Brasil, não mataram, mas Jango não teve essas condições políticas, e ele abandonou o campo. Jango não soube sair dessa, ele acabou saindo para o Uruguai.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 51]

DEZ ANOS ANTES DO GOLPE,
JANGO NO FUNERAL DE VARGAS

“Aquilo foi uma mutilação.

Foi isso que eu senti, se mutilou todo o processo de gerações e gerações que quiseram fazer do país um outro país. (...) O golpe produziu um resultado político, econômico e social extremamente grave para o país. Até hoje nós estamos recuperando aquilo que nos foi tomado, até hoje nós estamos recuperando o sentido da dignidade, o sentido de direitos individuais e sociais. Até hoje nós estamos distribuindo cesta básica para acabar com a miséria, com a miséria que não foi criada pelo golpe de 1964, mas que foi profundamente acrescentada e resultou de uma política econômica criminosa, (...) altamente concentradora de renda e de poder.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 74]



CASTELO BRANCO (À DIR.) E SEU CHEFE DA CASA MILITAR, GENERAL ERNESTO GEISEL

“Ao longo do tempo, o golpe foi se transformando

naquilo que no início ele dizia que não era. Ele foi se transformando numa ditadura militar clássica, com todas as características de uma ditadura.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 73]

O PRESIDENTE CASTELO BRANCO EM DISCURSO NA PRESENÇA DO GENERAL QUE IRIA SUCEDÊ-LO, COSTA E SILVA (À ESQ. DE ÓCULOS ESCUROS), E DO GENERAL ERNESTO GEISEL, QUE ASSUMIRIA O PLANALTO NOS ANOS 1970



“Do ponto de vista da influência externa, o golpe do Chile é metade americano. No Brasil não precisavam ter essa influência americana porque o Ipes (Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais) [organização, criada por empresários, responsável por propaganda e mobilização contra o governo Jango] já era essa própria presença. Quer dizer, eles tinham (...) articulações políticas com a CIA (agência de inteligência norte-americana), com o Pentágono, com o diabo. Dizem que quando o golpe estava acontecendo havia na Baía de Guanabara alguns navios de guerra americanos, que estavam ali prontos para uma intervenção. Mas o golpe foi brasileiro.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 80 E 81]



ANTES DE PARTICIPAR DO GOLPE DE 1973 NO CHILE, AUGUSTO PINOCHET SE ENCONTROU NO BRASIL COM O GENERAL ERNESTO GEISEL



“A Igreja Católica, no fundamental, apoiou o golpe de 1964. (...) Uma outra parte, minoritária, foi contra. Inclusive, logo depois do golpe foi perseguida, foi torturada, foi colocada fora do cenário. (...) O problema era Deus, propriedade e família. Diga-se de passagem que essa era uma trilogia que tinha sido levantada numa pesquisa de opinião, coisa nova também no Brasil. Fizeram uma pesquisa em várias capitais do Brasil, vendo quais eram os valores que a população mais prezava. (...) Se a família era o valor, diziam que o governo Goulart queria destruir a família, o comunismo queria destruir a família. Se era a propriedade, falavam então que se estava querendo acabar com a propriedade (...). Esse golpe não visava apenas criar uma opinião pública, mas mobilizar a opinião pública. Então, nesse sentido, o golpe foi precursor, e ele foi uma espécie de escola de outros golpes que vieram na América Latina.”

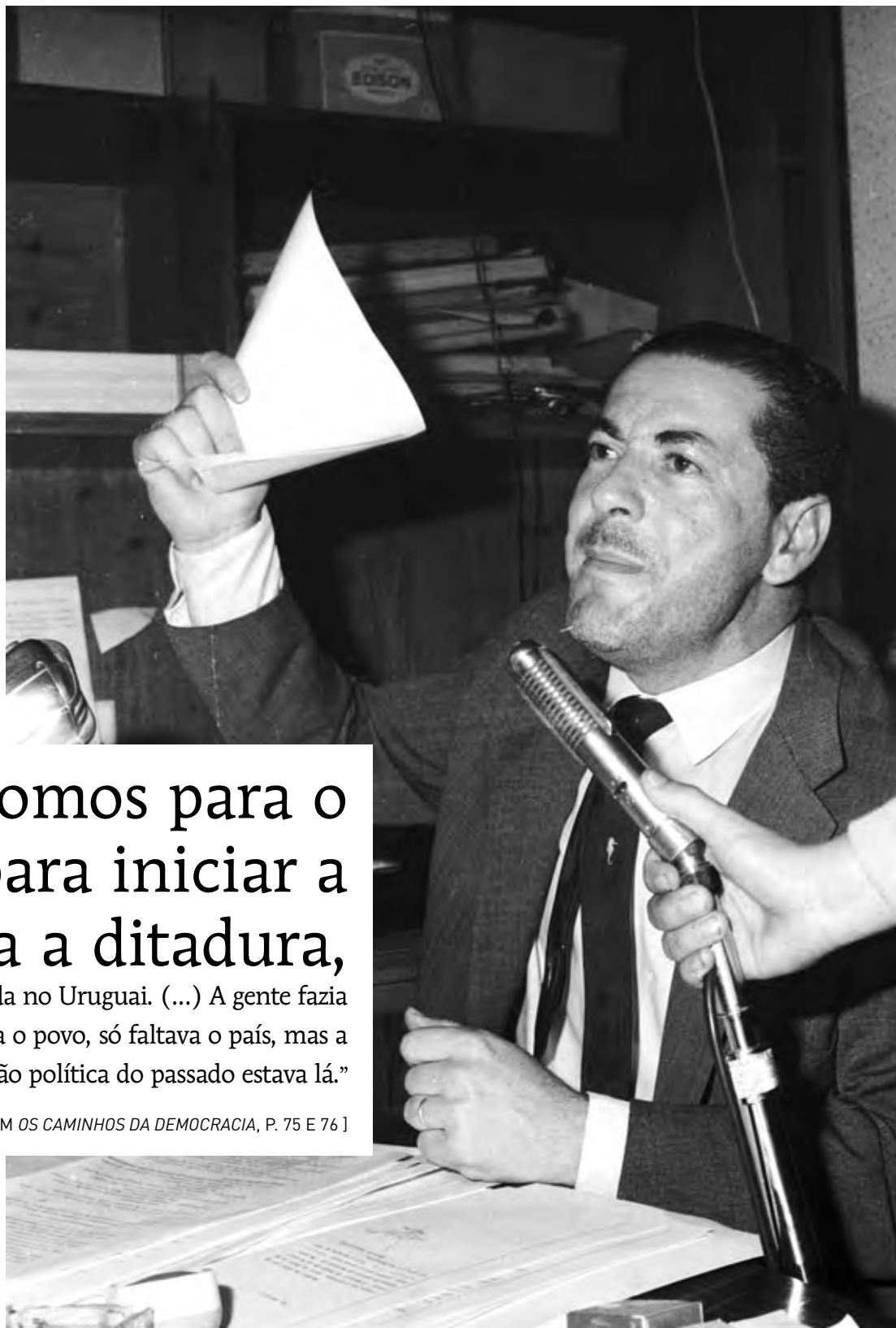
[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 80]

“Carlos Lacerda, Adhemar de Barros e Magalhães Pinto.

Esses três líderes, que representavam Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, respectivamente, disputavam a paternidade da ‘revolução’. Na verdade, eles foram os grandes mobilizadores e articuladores, mas não tinham o poder de decisão, que estava na mão dos militares. (...) A partir de um determinado momento, esses atores começam a fazer a crítica do próprio golpe que eles tinham dado e começam a se distanciar, a gerar conflitos com esse poder, e os militares foram se fechando cada vez mais em seu próprio mundo.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 78-81]

BRIZOLA, EM 1961. A CAMPANHA DA
LEGALIDADE NÃO FOI REEDITADA EM 64



“Nós fomos para o
Uruguai para iniciar a
luta contra a ditadura,

(...) estava a esquerda brasileira toda no Uruguai. (...) A gente fazia reunião com todo mundo, só faltava o povo, só faltava o país, mas a chamada direção política do passado estava lá.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 75 E 76]



“Para o Uruguai foram, logo depois do golpe, todas as lideranças conhecidas do CGT (Comando Geral dos Trabalhadores), PUA (Pacto de Unidade e Ação), UNE, AP, Polop, trotskistas, o grupo do Brizola, representantes do Arraes, etc. Fazíamos lá a reunião da Frente de Mobilização Popular. Basicamente, foram formados dois grupos: um articulado em torno do Jango (...) e outro que se articulava em torno do Brizola. Nós estávamos neste. A linha da mobilização propunha uma insurreição. O Brizola entraria em Porto Alegre e formaria a Rede da Legalidade de novo. O Brizola trabalhava intensamente nisso. Havia contatos com setores das Forças Armadas, da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, com sindicatos. À medida que essa linha não apresentava resultados, que o dia da insurreição era desmarcado sucessivamente e que o golpe ia se consolidando, nós começamos a ler Mao. Eu me lembro que lá no Uruguai eu li *Escritos militares*.”


[BETINHO, NA REVISTA *TEORIA E DEBATE*, Nº 16]

“Decidimos voltar para propor à AP a guerrilha.

Vimos para São Paulo, retomamos a direção da Ação Popular e foi aí que se decidiu que o caminho da revolução era o da luta armada. (...) A nossa visão era muito esquemática, e eu diria que profundamente equivocada. Nós achávamos que devíamos fazer a luta armada, por intermédio da guerrilha, (...) e este conflito jogaria a ditadura contra nós, mas a revelaria à sociedade. Esta, sob o impacto da revelação, iria nos apoiar e se rebelar.”

[BETINHO, NA REVISTA *TEORIA E DEBATE*, Nº 16]





REUNIÃO DE GABINETE: O PRESIDENTE ERNESTO GEISEL, NA CABECEIRA DA MESA, COM GOLBERY DO COUTO E SILVA, À SUA DIREITA, E HUGO ABREU, À SUA ESQUERDA. AO LADO DE GOLBERY, JOÃO BAPTISTA FIGUEIREDO, SENTADO DE FRENTE PARA JOÃO PAULO DOS REIS VELLOSO

A DITADURA E OS SEUS TURNOS



“A ditadura militar brasileira era militar,

era ditadura, mas tinha períodos. Cada general tinha seu turno. Havia uma formalidade, que era uma coisa mais simbólica: a ditadura escolhia o presidente, mas queria que o Congresso participasse, (...) que o Congresso ratificasse a decisão que era feita pelo Comando Militar.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 101]





O GENERAL JOÃO BAPTISTA FIGUEIREDO, JÁ NA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, EM CONVERSA COM O EX-PRESIDENTE EMÍLIO MÉDICI

Os militares ocuparam o Palácio do Planalto de 1964 a 1985. Foram ao todo cinco presidentes-generais, governos que estimularam o crescimento e concentraram como nunca a renda no país. O regime manteve, de forma limitada, alguns mecanismos da democracia representativa. O Congresso, apesar de cerceado, permaneceu em funcionamento. Embora a eleição para a Presidência fosse indireta, por meio do Colégio Eleitoral, as legislativas eram diretas. Implantou-se o bipartidarismo. De um lado, o partido governista, a Aliança Renovadora Nacional, a Arena, e, do outro, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), de oposição.



“Pretendia-se que
o Brasil não tinha
vivido um golpe.

Essa era a questão do período Castelo Branco.”

[BETINHO, EM OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA, P.100]




FOTO OFICIAL: O MINISTÉRIO DE CASTELO BRANCO

“Até hoje tem gente que diz que Castelo era um democrata.

Ora, não pode ser democrata quem acaba com a democracia. A história tem que ser rigorosa na avaliação dos atos políticos e das consequências políticas desses atos. A ditadura brasileira, 1964, chama-se Castelo Branco. Não há outra forma de caracterizar. (...) Os militares pretendiam que isso fosse somente uma solução provisória, para depois se restabelecer o processo democrático. Nos primeiros dias do golpe houve muita violência, mas não o estabelecimento de um regime repressivo claro. Setores da sociedade achavam que isso era absolutamente normal, que era necessário, e, portanto, achavam que o governo Castelo Branco devia existir mesmo. Aí ele colocou Roberto Campos como ministro da Economia [na foto, o 2º da esq. para a dir. na última fila]. (...) Roberto Campos estabeleceu todas as premissas do que depois viria a ser o Milagre Brasileiro. Em poucos meses ele realizou todos os sonhos da vida dele: abrir para o capital estrangeiro, cumprir o programa liberal diante de uma inflação que era 90% ao ano e que era considerada uma ameaça à segurança nacional. (...) O Congresso ‘assimilou’ isso tudo.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 99]



“Começou a se dar,
no interior do golpe,
uma grande luta

entre o que se chamou linha-dura, cuja cabeça era Costa e Silva, e linha-mole, que era o presidente [Castelo]. Essa luta foi radicalizando o golpe para a direita. (...) A linha-mole queria um projeto mais institucional, mais internacionalista, mais aberto. A linha-dura tinha conotações mais nacionalistas.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 100]





O AI-5 E O MILAGRE

Com o general Costa e Silva, sucessor de Castelo Branco, veio o AI-5 em dezembro de 1968. O ato, uma resposta a greves e manifestações que ocorriam no país, concedeu poderes ilimitados ao presidente da República e impôs forte censura sobre os meios de comunicação. Inúmeros opositores foram presos, torturados e mortos. Quase a metade dos representantes do MDB no Congresso tiveram os seus mandatos cassados. Com a sociedade silenciada, Emílio Garrastazu Médici substituiria Costa e Silva e comandaria o Milagre Econômico, período de crescimento, concentração de renda e prosperidade para as classes mais altas. A repressão se intensificaria, assim como a propaganda política do governo.

“O período Costa e Silva foi um período em que todas as contradições que tinham ficado mais ou menos congeladas

no período Castelo Branco voltaram a se manifestar.

Houve manifestações sindicais de oposição, houve manifestações estudantis, teve a Passeata dos Cem Mil. (...) A sociedade começou não só a descobrir a dimensão do golpe, como a reagir contra. Se no período Castelo Branco o movimento estudantil não reagiu de forma massiva, no governo Costa e Silva reagiu. (...) Juntaram-se na luta contra a ditadura: Carlos Lacerda, Juscelino, Jango, e já iam chegando junto outros apoios também. Era uma frente política que queria criar uma alternativa e fazer com que a ditadura militar chegasse a seu fim, acabasse o período de recessão e voltasse ao que era antes. A Frente Ampla foi cassada pelo governo Costa e Silva.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 102]



CARLOS LACERDA (À DIR.) FAZ CAMPANHA PARA O SEU CANDIDATO A GOVERNADOR EM 1965, FLEXA RIBEIRO (À ESQ.), QUE ACABARIA DERROTADO



“Foi o período em que, por exemplo, *O Estado de S. Paulo*, censurado, (...) editava Camões

e o *Jornal da Tarde* publicava receitas de bolo. Foi quando surgiu também, e foi censurado, mas surgiu como uma reação à ditadura, o humor no *Pasquim*, que atacou a ditadura com as armas do riso, do deboche, da ironia e da produção cultural.”

[BETINHO, EM OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA, P. 137]

ATO INSTITUCIONAL Nº 5

ATO INSTITUCIONAL Nº 5, DE 13 DE DEZEMBRO DE 1968

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, ouvido o Conselho de Segurança Nacional, e

CONSIDERANDO que a Revolução Brasileira de 31 de março de 1964 teve, conforme decorre dos Atos com os quais se institucionalizou, fundamentos e propósitos que visavam dar ao país um regime que, atendendo às exigências de um sistema jurídico e político, assegurasse autêntica ordem democrática, baseada na liberdade, no respeito à dignidade da pessoa humana, no combate à subversão e às ideologias contrárias às tradições de nosso povo, (...)

Resolve editar o seguinte ATO INSTITUCIONAL

(...) Art. 2º – O Presidente da República poderá decretar o recesso do Congresso Nacional, das Assembleias Legislativas e das Câmaras de Vereadores, por Ato Complementar, em estado de sítio ou fora dele, só voltando os mesmos a funcionar quando convocados pelo Presidente da República.

(...) Art. 3º – O Presidente da República, no interesse nacional, poderá decretar a intervenção nos Estados e Municípios, sem as limitações previstas na Constituição.

(...) Art. 4º – No interesse de preservar a Revolução, o Presidente da República, ouvido o Conselho de Segurança Nacional, e sem as limitações previstas na Constituição, poderá suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de dez anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais.

(...) Art. 10 – Fica suspensa a garantia de habeas corpus, nos casos de crimes políticos, contra a segurança nacional, a ordem econômica e social e a economia popular.

Art. 11 – Excluem-se de qualquer apreciação judicial todos os atos praticados de acordo com este Ato Institucional e seus Atos Complementares, bem como os respectivos efeitos. (...)



“O governo Médici estabeleceu uma terrível dicotomia

entre o Brasil oficial, o Brasil do Milagre, o Brasil potência, de um lado, e a sociedade, do outro. Foi o período em que (...) mais se concentrou riquezas, mais se concentrou a renda, mais se excluiu a população dos benefícios do desenvolvimento. É a famosa época do bolo, quer dizer, primeiro o bolo cresce, depois se divide o bolo, e depois o bolo tomou Doril e sumiu. E ninguém mais dividiu coisa nenhuma.”

[BETINHO, EM OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA, P. 104]

Ulysses Guimarães, do MDB, discursa no Colégio Eleitoral que elegeu Ernesto Geisel como o sucessor de Médici. Mesmo sabendo que não ganharia, Ulysses disputou com Geisel a eleição, se disse o “anticandidato” e tornou-se símbolo da resistência à ditadura.


O "BRASIL: AME-O OU DEIXE-O"
FOI UMA MARCA DO PERÍODO

Ame-o ou deixe-o. Nós o amamos.

Há 55 anos contribuimos
para o progresso do Brasil,
oferecendo produtos de qualidade.
É a maneira de participar
de quem acredita sinceramente
no país do futuro.



Qualidade é Texaco



“As portas da
Abertura não se
abriram de repente,

elas foram se abrindo, tal como previa Geisel,
lenta, gradual, segura. E foi assim. E foi assim
que chegamos à Anistia, em 1979, que marcou
o período do general Figueiredo e praticamente
assinalou o fim da ditadura.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 107]





DA DISTENSÃO À ABERTURA

FIGUEIREDO E GEISEL SE CUMPRIMENTAM
DURANTE VISITA A UMA PLANTAÇÃO DE SOJA

O presidente Ernesto Geisel, nove meses depois da sua posse, teve em outubro de 1974 um primeiro e importante revés político. O MDB conquistou uma vitória consagrada nas eleições legislativas. Com a crise econômica internacional, o Milagre Econômico se fazia miragem. Geisel iniciou uma distensão lenta e gradual do regime. Ele passaria a faixa ao general João Baptista Figueiredo, o presidente que exerceu o mais longo mandato da ditadura, seis anos. No mesmo ano em que chegou ao poder, Figueiredo proclamou a Lei da Anistia. A sociedade civil havia feito uma grande campanha por “anistia ampla, geral e irrestrita”, mas o regime concedeu apenas uma parcial. Mesmo assim, a distensão virava a Abertura.

“O período Geisel tem como característica básica ter passado de uma ditadura à la Médici para um regime autoritário altamente cioso do seu poder, mas com abertura para a imprensa e repressão à repressão.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 106]



“Geisel descobriu que a ditadura não podia seguir daquele jeito,

que haveria que se fazer um processo de distensão, como eles chamavam, tinha que haver uma distensão, que é o nome antigo, e que hoje se chama flexibilização. Distensão lenta, gradual e segura. Mais tarde ele admitiu a abertura democrática, lenta, gradual e segura. Sempre assim: lenta, gradual e segura, isto é, controlada por ele.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 105]

O PRESIDENTE JOÃO FIGUEIREDO, EM VISITA A MINAS GERAIS, COM O GOVERNADOR MINEIRO, TANCREDO NEVES

“Os governos dos generais

conseguiram o milagre de produzir um país rico com uma população pobre (...).

Como diagnosticou um economista brasileiro, [Edmar] Bacha, uma Belíndia, a combinação da Bélgica e da Índia.”

[BETINHO, EM *ESCRITOS INDIGNADOS*, P. 16 E 17]

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA EM ASSEMBLEIA DE METALÚRGICOS, EM VILA EUCLIDES, SÃO BERNARDO DO CAMPO (SP)

“O movimento sindical que parecia morto, ou inexistente, ou adormecido, de repente (...) começou a se desenvolver, a se transformar em manchetes dos jornais e das rádios e TVs, através de grandes concentrações de massa, inicialmente feitas nas igrejas (...). Com o processo de abertura as Igrejas se abriram mais ainda, e passou a haver grandes manifestações. Depois, essas manifestações se realizaram nos estádios de futebol. Foi aí que nasceu Vila Euclides. Foi aí que surgiu a nova liderança que deu origem ao PT (Partido dos Trabalhadores) (...). E o Brasil já tinha passado um longo período sem que o movimento operário propriamente dito tivesse se manifestado, porque a ditadura reprimiu muito os sindicatos, reprimiu muito os trabalhadores. Então, quando eles saíram, saíram com toda força, tirando o atraso histórico de quem tinha ficado no jejum da luta política.”


[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 107]





BETINHO, NO EXÍLIO NO CANADÁ, EM
CONVERSA COM O JORNALISTA RODOLFO
KONDER; HENFIL (À ESQ.) OBSERVA

DA “GUERRA POPULAR” AO EXÍLIO



“Viver na
clandestinidade era
tensão permanente

e uma preocupação absolutamente constante (...).

Não explico como consegui viver nessa época e
principalmente como consegui escapar dessa época.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 136]





BETINHO COM O FILHO DANIEL NO EXÍLIO

Betinho ficou exilado de 1971 a 79, no Chile, Panamá, Canadá e México. Voltou ao Brasil com a Lei da Anistia. Até sair para o exílio, ele militou na clandestinidade na Ação Popular. Em 67, foi a Cuba para representar a AP num evento da Organização Latino-americana de Solidariedade (Olas), encontro que acabou não acontecendo. Ao retornar de Cuba, Betinho trabalhou como operário numa fábrica paulista, como exigia a nova linha maoísta da AP.

“[Che Guevara] era o pivô de toda a articulação da Olas. Na verdade ela estava articulada tendo como centro a luta guerrilheira do Che na Bolívia. Quando ele morreu, morreu a Olas. Só que os cubanos não enterraram, e eu fiquei esperando onze meses a Olas se reunir, e a organização nunca se reuniu. Até que eu decidi que não tinha nada para fazer lá e vim embora (...). Quando eu cheguei a Ação Popular estava totalmente dividida entre a linha maoísta e a linha cubana. Eu aderi à linha maoísta (...). Só havia duas alternativas: ou aderiu a tudo o que ela fazia, que era uma espécie de guerra santa, um negócio de um furor ideológico incrível, ou então eu tinha que sair da AP. Sair da Ação Popular naquelas circunstâncias era como pedir para alguém sair de seu próprio corpo. Porque eu era fundador. Só depois, em 71, é que eu elaborei a ideia de sair.”

[BETINHO, NA REVISTA *TEORIA E DEBATE*, Nº 16]



Betinho conheceu a sua segunda mulher, Maria Nakano, numa reunião da AP, quando os dois viviam na clandestinidade. Ele era Wilson, e ela, Marli. Na foto à direita, os dois exilados no Panamá.



A Ação Popular no fim dos anos 1960 se dividiu em duas tendências: uma próxima da Revolução Cubana, defensora da guerrilha, e outra alinhada com a Revolução Chinesa, liderada por Mao Tsé-Tung. O grupo maoísta terminou vitorioso. Eles pregavam que o melhor caminho para o socialismo era uma “guerra popular prolongada”, como havia ocorrido na China, e não via um “foco guerrilheiro”.

“Nosso slogan na época era ‘só a luta armada derruba a ditadura’.

Nós viramos maoístas, e aí o lema passou a ser ‘só a guerra popular derruba a ditadura’. (...) A gente fazia trabalho de oposição sindical, fazíamos trabalhos nos bairros, com jovens, trabalhávamos já com igrejas, mas, obviamente que guerra, no sentido que nós pensávamos e propúnhamos, obviamente, não havia. Quem acreditava muito na guerra era a repressão, e achava que íamos fazer guerra mesmo e vinha em cima.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 135]



“Eu fui trabalhar numa fábrica de porcelana,

em Mauá, onde fiquei seis meses. (...) Na primeira semana, eu carregava caixotes com louça. Eu que nunca tinha carregado caixote na minha vida punha no ombro e saía. No primeiro dia começou uma hemorragia no joelho. Eu trabalhei de segunda a sábado com hemorragia. No sábado eu não conseguia nem andar. Fui transferido para outro trabalho. Passei a ser lixador de xícara.”

[BETINHO, NA REVISTA *TEORIA E DEBATE*, Nº 16]

“A clandestinidade é tão difícil de ser entendida por quem não a viveu, como a doença para quem sempre esteve são. Clandestinidade é uma situação anormal, invertida em todos os seus aspectos. O normal para qualquer pessoa é ter seu nome e a sua história, o reconhecimento social da sua individualidade. O clandestino deve ao contrário ocultar seu próprio nome e buscar que a sua própria história não seja conhecida. (...) Em permanente situação de perigo, vivendo a tensão cotidiana do risco de ser localizado, isolado de seus ambientes anteriores, cortado em sua história pessoal, vivendo artificialmente uma história em parte verdadeira e em parte inventada, o clandestino acaba por sofrer uma série de condicionamentos que o testam sob muitos aspectos.”

[BETINHO, EM “SOBRE A CLANDESTINIDADE”, ARQUIVO HERBERT DE SOUZA, CPDOC/FGV]

“A coisa em Mauá começou a ficar meio tensa, porque a gente fazia trabalho de panfletagem, pregando a luta armada. Eu me mudei para Santo André, e, em dezembro de 1970, caiu todo o trabalho em Mauá. (...) Prenderam 60 caras, batendo, torturando. (...) Eu saí da casa onde estava. Segundo soube, algumas horas depois a polícia chegou lá. Eu ainda fiquei em São Paulo um ano criando as condições de saída para o exterior, porque a organização não tinha condições de dar nada (...). E foi aí que eu comecei a tomar uma consciência claríssima do quão suicida era a nossa situação. A gente pensava: ‘Se eu cair, eu tenho duas chances: ou eu falo, e me transformo num traidor, ou eles vão me matar’. (...) Foi aí que eu realmente tive medo.”

[BETINHO, NA REVISTA *TEORIA E DEBATE*, Nº 16]



“O exílio brasileiro nunca
deixou de ser político.

A gente, em todos esses lugares, formava grupos de brasileiros, que faziam comitês contra a ditadura. Então, faziam logo um jornal, faziam logo uma publicação, se articulavam com a imprensa local para denunciar os crimes da ditadura. (...) Foi sempre um exílio com essa característica de não parar de trabalhar. E com o sonho da volta.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 180 E 181]





AO EXÍLIO

BETINHO E HENFIL ENTREVISTARAM FRANCISCO JULIÃO PARA O *PASQUIM*, NO MÉXICO

Betinho partiu para o Chile em novembro de 1971. Viver no Chile foi “fantástico”, definiria ele. Betinho foi assessor do governo socialista de Salvador Allende. Com o golpe contra Allende, em setembro de 1973, Betinho e Maria Nakano passaram cinco meses no Panamá e, em fevereiro de 1974, desembarcaram no Canadá. Lá, Betinho iniciou o doutorado em Ciência Política e criou com outros exilados a Latin American Research Unit (Laru), centro de pesquisas sobre a América Latina. Depois de por alguns meses dar aulas na Escócia, ele e Maria se mudaram para o México, última parada antes de voltar ao Brasil.

“O Chile era uma espécie de céu quando a gente chegava,

porque a gente saía da ditadura militar (...) e encontrava um país democrático, (...) com manifestações de massa por toda parte. Então era como se tivesse saído do inferno e chegado no céu (...). Passei a viver a experiência mais fantástica que se possa imaginar: um clandestino chamado Wilson [nome de guerra de Betinho], perseguido por todo mundo, perseguido pela polícia, sair do Brasil, chegar no Chile e ir trabalhar com o assessor do presidente da República (...) Discuti com ele ideias e propostas, elaborando textos, tendo ideias numa terça-feira e vendo o presidente Allende anunciar essa ideia na quinta-feira, na imprensa (...). O golpe dado no Chile foi uma das maiores tragédias da história contemporânea da América Latina.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 179 E 180]

“O José Serra era o coordenador da Ação Popular. Todos os grupos brasileiros se reuniam numa espécie de frente, com representantes de 40 ou 50 grupos de esquerda. Era uma loucura. Começou nessa época o meu processo de desengajamento da Ação Popular. Depois do golpe do Chile, fui para o Canadá. Meu desengajamento já era total. A partir daí, voltar a falar da AP é sempre penoso.”

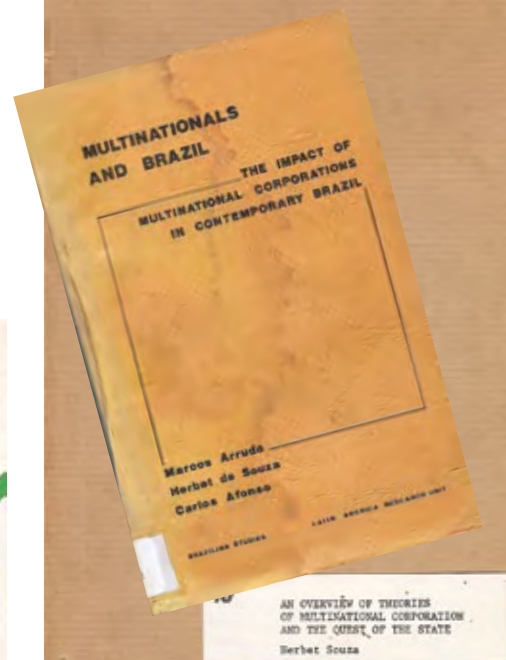
[BETINHO, NA REVISTA *TEORIA E DEBATE*, Nº 16]

José Serra (em pé), no Chile, companheiro de exílio de Betinho. “Tomei muito vinho dele”, diria Betinho sobre a relação com Serra no país.



“A hipótese central da investigação que estamos desenvolvendo (e da qual este trabalho resume os primeiros resultados) é que, com a emergência do sistema produtivo capitalista à escala mundial (que chamamos de ‘capital multinacional’) e de modo especial após a crise político-militar de 1964, o Estado brasileiro se define por uma política de integração e subordinação da economia nacional à dinâmica e às necessidades do sistema do capital mundial, a qual é realizada através de um modelo político autoritário e excludente em relação às várias classes que participavam do pacto populista dos períodos anteriores.”

[BETINHO, EM *O ESTADO E O DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA NO BRASIL*, P. 9 E 10]



Com Carlos Afonso, parceiro na Latin American Research Unit (Laru) e futuramente companheiro no Ibase, Betinho publicou em 1977 *O Estado e o desenvolvimento capitalista no Brasil*. Eles buscavam entender o papel do Estado no “desenvolvimento capitalista subordinado” dos países da América Latina, em especial do Brasil, uma preocupação típica dos anos 1960 e 70. À direita, publicações de Betinho pela Laru.

“No Canadá, decidi reassumir a minha responsabilidade de intelectual.

Voltei a fazer cursos e escrever. Eu acho que a maior conquista que fiz, principalmente com a experiência do Chile, foi recolocar como foco da minha reflexão a questão democrática. Até um certo momento o estudo do capital ainda era o centro da minha atenção: multinacionais, internacionalização, etc. O meu pensamento girava muito em torno da economia política. A partir de um determinado momento eu disse: ‘não é a economia política, é a política, e dentro da política, é a questão democrática, por onde passa tudo’. (...) Nós criamos o Centro de Estudos Latino-americanos, através do qual produzimos análises sobre a América Latina, publicações, textos, livros, até audiovisuais, uma espécie de pré-Ibase.”

[BETINHO, NA REVISTA *TEORIA E DEBATE*, Nº 16]

“Amorzinho lindo,

Aproveito aqui uma conferência do F. H. [Fernando Henrique] Cardoso para escrever uma cartinha para você. (...) Vamos aos pontos:

(...) 5- Fernando acabou sua conferência e agora o pessoal está colocando perguntas...

Foi interessante e bastante provocativo.

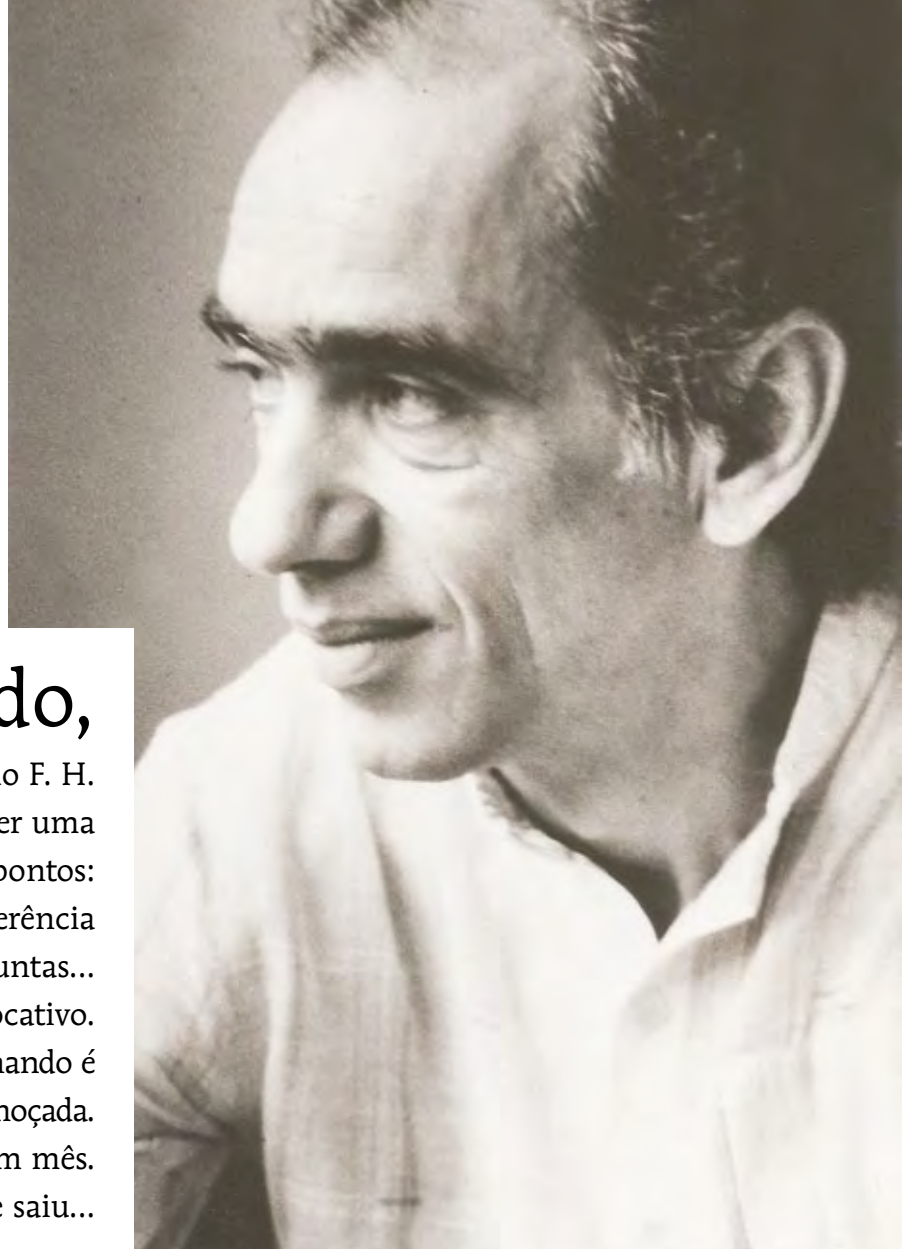
A sala aqui está cheia de gente, e Fernando é realmente visto como uma ‘star’... para a moçada. Por falar nisso, o Serra está no Brasil, por um mês. Foi interrogado quatro horas no aeroporto e saiu...

(...) Houve várias manifestações da massa estudantil em várias cidades e em São Paulo duas manifestações, uma com dez mil estudantes.

(...) Tenha certeza que estes dois meses foram a última separação... Vou comprar a correntinha de ouro pra prender você no meu pescoço e o meu no teu... Mas veja: não pense triste, não pense saudade triste, pense no reencontro, lembre alegre e trabalhe tudo que você puder. Vou enviar agora um beijão que condensa todos os que tenho, e um abraço geral para todos os companheiros aí.

Bet.”

[ARQUIVO HERBERT DE SOUZA, CPDOC/FGV]



Durante os meses em que Betinho foi professor em Glasgow, na Escócia, Maria Nakano prestou assessoria para o novo governo de São Tomé e Príncipe, na África. O período ficou marcado pela intensa correspondência entre os dois. A carta ao lado é datada de 23 de maio de 1977. Os grifos são originais.



HENFIL E SUA MULHER, BERENICE, VISITAM MARIA E BETINHO NO CANADÁ

“A verdade é que o exílio criou um circuito,

criou uma rede de comunicação e informação que era alimentada pelas entidades, quer dizer, pelas organizações e pelas famílias (...). Durante todo o meu período no Canadá, fui informado semanalmente por pacotes de materiais enviados pelo Henfil para mim. Eu nunca li tanto sobre o Brasil como nesse período, porque o Henfil era um sistemático, ele seguia todos os jornais, todas as publicações.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 185 E 186]

Em carta de maio de 1978, Henfil busca animar o irmão com a política brasileira e a campanha pela Anistia. No trecho abaixo, os grifos são do próprio Henfil:

Mano, tá difícil seguir os fatos. Toda hora (hora não é dia, é hora) acontece novidade. Eu disse: basta um empurrão. Quem empurra? Perguntou você... (...) Mas chamo atenção na sua leitura aí para a confederação dos xavantes empurradores (...). Presta atenção na sua leitura para as seguintes pedras: OAB (tá cada dia mais mais), Igreja de Base (...) está ocupando um imenso terreno (...). Imprensa (...). Estamos vendo na TV, horário nobre, até denúncias de maus tratos a presos... Os programas humorísticos já gozam o salário mínimo... Novidade de três meses pra cá... Outro dia a Rádio JB entrevistou o Márcio Moreira Alves! EMPRESÁRIOS estão aumentando no queixume bem articulado. (...) 114 milhões de brasileiros – vão votar em massa no MDB em nov. 78 e criar um puta impasse. (...) SINDICATOS – taí uma novidade! A oposição sindical está toda hora se elegendo. (...) ANISTIA – a campanha é incontrolável. Subestimada no início, vem crescendo tanto que quase ficou mais importante que o habeas corpus. (...) Então? Que me diz? Tem quem empurre?

[ARQUIVO HERBERT DE SOUZA, CPDOC/FGV]

O cientista social René Dreyfuss foi uma das pessoas que mais trocaram cartas com Betinho durante o exílio. Betinho revisou a tese dele, que depois se tornaria o livro clássico *1964: a conquista do Estado*. Nesta carta de 1979 (1ª página ao lado), Dreyfuss, além de falar do trabalho, cobra que Betinho termine a sua própria tese. Abaixo, trecho da mensagem.

Glasgow, 9/8/79

Queridos Maria, Daniel e Beto; e o gato, e o canário, e a minhoca e a manga que está na geladeira, e aquele café gostoso da manhã que a Maria preparava, e o Neiva tirando o cabelo da testa:

Em desordem:

1. sobre os artigos: Sugiro algumas mudanças mínimas, fora da atualização de datas necessária (hope I am still on time). Elas vão em anexo.
2. Sobre o seminário: Não vou poder viajar de jeito nenhum em Agosto, Setembro e acho que não vou em outubro tampouco. As razões tem a ver com a tese que está agora sim na reta final, e o Peter se mandou por três meses. E até Outubro tem que estar pronta para apresentar em Novembro. Em novembro estamos pensando ir para o Brasil. Aí tal vez poderia ser encaixada a viagem. O exame da tese está sendo em princípio nos 10 primeiros dias de Novembro, dependendo de mim, da datilografia, da seriedade do Simon em ler os capítulos e do Peter não fazer mais onde da que já fez. Se por acaso das coisas estiverem em bom estado em outubro, aí eu poderia 'escapar' por 10 a 15 dias, mas é uma possibilidade muito remota. (O Peter tinha 'proibido' com a sua autoridade administrativa de supervisor a minha viagem a Londres; imagina então para o México. E aqui os anglos são formais pra cachamba. Gostaria muito de participar nesse seminário, especialmente pela oportunidade de poder lançar o argumento da tese já elaborado na sua forma final (de tese), i.e. de hipótese provada. E também como forma de sair do meu pequeno mundo de tese, tão absorvente e neutrotizante, e me rir de novo (um dos prazeres da vida), e ler o que 'footnote x' (mais um prazer da vida) e o marco acadêmico-político mais amplo do que puder fazer o possível.

Peter aprovou capítulos II, III, IV, que tremendamente desde que você os viu em 32 a 53, com 6 páginas espaço I de notas; 10, com 30 páginas de notas; capítulo IV com 10 páginas de notas. O texto está em espaço grafado profissionalmente sejam mais

Manda brasa na tua tese, faz espaço para ela, é importantíssimo para você funcionar como Doutor de Souza (sem gozação), é muito importante. Descarrega os detalhes do ativismo com outras pessoas, pede um pouco de compreensão e manda brasa na tua tese. Você tem que passar a ser um politólogo falando, não um ex-líder da AP. Teu status de intelectual nesta briga que vem agora tem que ser enfatizado, não teu lado de político. Você é um político intelectual que triunfou no mundo acadêmico, essa imagem é necessária para a tua legitimação. Sugestão de amigo.

[ARQUIVO HERBERT DE SOUZA, CPDOC/FGV]

PASQUIM DE JUNHO DE 1979 DESTACOU ENTREVISTA COM BETINHO

“No México, fui professor no doutorado de Economia, fizemos um centro lá também, mas foi muito tumultuado. O México é um turbilhão. Veio a Anistia, eu queria terminar a minha tese, mas quando vi já estava tomando o avião para vir embora.”

[BETINHO, NA REVISTA *TEORIA E DEBATE*, Nº 16]


“Acho que, se quiser voltar agora, volto, mas daqui a um ano estamos correndo de novo. Só com anistia não dá. Quero democracia. A seco, não! (...) Não fiquem me esperando com banda, que só com anistia não volto!”

[BETINHO, NO *PASQUIM*, Nº 519]



“Acredito que nenhum exilado imaginou que pudesse morrer no país onde estivesse, todos pensavam que iam voltar para o Brasil, podia demorar. Eu, por exemplo, fui surpreendido pelo fim da ditadura, praticamente, e pela Anistia, porque eu imaginava que eu teria que viver no México mais uns três ou quatro anos.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 180 E 181]



“Estar fora do país
é uma questão que
dói, profundamente.

Talvez seja um dos piores castigos que a pessoa possa ter.

(...) Aquela rua, aquele bairro, aquela família, aquele espaço, aquela história que você faz num determinado lugar. Tirar isso de uma pessoa é uma violência terrível.

Quem viveu o exílio sabe disso.”

[BETINHO, NO PROGRAMA *RODA VIVA*, 14/12/1987]



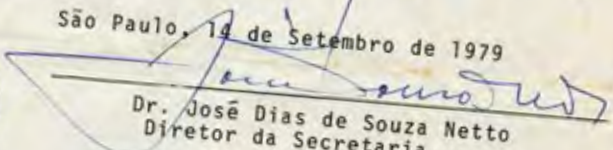


1ª Auditoria da 2ª Circunscrição Judiciária Militar
Av. Brig. Luiz Antonio, 1249 - Telefone: 285-3084
SÃO PAULO - SP

C E R T I D A Õ

Eu, Bel. JOSE DIAS DE SOUZA NETTO, Diretor da Secretaria da 1a. Auditoria da 2a. Circunscrição Judiciária Militar, c e r t i f i c o, a pedido verbal do Dr. José Roberto Leal de Carvalho, Advogado, que revendo em cartório os livros e demais documentos a meu cargo, constatei que HERBERT JOSE DE SOUZA, filho de Henrique José de Souza e Maria da Conceição de Souza, com 35 anos, natural de Minas-Gerais, condenado, a revelia, em sessão de 11.09.72, ao cumprimento da pena de cinco (05) anos de reclusão pelo crime previsto no art.14 do DI 898/69 e mais a acessória de suspensão dos seus direitos políticos pelo prazo de dez (10) anos, nos autos do processo nº. 703/72, teve declarada extinta a sua punibilidade pela ocorrência da anistia, através do despacho de 30.08.79, do Dr. Auditor, feito com fundamento no artº 1º da Lei 6683/79, combinado com o art. 123, II, do Código Penal Militar, razão pela qual, em ofício nº 1003, de 30.08.79, dirigido ao DOPS, foi ordenado o recolhimento do mandado de prisão que havia sido expedido / anteriormente em razão da condenação acima referida. Nada / mais consta; do que, dou fê.

São Paulo, 14 de Setembro de 1979


Dr. José Dias de Souza Netto
Diretor da Secretaria.



CERTIDÃO PÓS-ANISTIA QUE RESTITUIU OS DIREITOS POLÍTICOS DE BETINHO

ANISTIA

Betinho e vários outros exilados retornaram ao Brasil em 1979, com a Lei da Anistia. No aeroporto, ele foi recepcionado ao som de “O bêbado e a equilibrista”, de Aldir Blanc e João Bosco, cuja letra pedia a “volta do irmão do Henfil”. A música virou o hino da Anistia.

O bêbado e a equilibrista

Caía

A tarde feito um viaduto
E um bêbado trajando luto
Me lembrou Carlitos

A lua

Tal qual a dona do bordel
Pedia a cada estrela fria
Um brilho de aluguel

E nuvens

Lá no mata-borrão do céu
Chupavam manchas torturadas
Que sufoco

Louco

O bêbado com chapéu-coco
Fazia irreverências mil
Pra noite do Brasil

Meu Brasil

Que sonha

Com a volta do irmão do Henfil
Com tanta gente que partiu
Num rabo-de-foguete

Chora

A nossa pátria mãe gentil
Choram Marias e Clarisses
No solo do Brasil



ANISTIA
AMPLA, GERAL E IRRESTRITA

Mas sei

Que uma dor assim pungente
Não há de ser inutilmente
A esperança

Dança

Na corda bamba de sombrinha
E em cada passo dessa linha
Pode se machucar

Azar

A esperança equilibrista
Sabe que o show de todo artista
Tem que continuar

“Para mim hoje estar aqui é algo absolutamente fundamental.

Eu evito até viajar para fora, porque eu já perdi nove anos fora.”

[BETINHO, NO PROGRAMA *RODA VIVA*, 14/12/1987]



ACIMA: CARTEIRA DE IDENTIDADE DE BETINHO, TIRADA EM 1979, QUANDO ELE REGRESSOU AO BRASIL; BETINHO NA PRAIA EM NATAL (RN), EM 1980, COM O IRMÃO HENFIL

“Isso é obra do Henfil.

Ele tinha uma forma muito interessante de fazer a luta política (...). Ele escrevia as cartas ao mano e simbolizava a volta de todos do exílio na minha volta, ele personalizava. O Aldir pegou aquilo e fez. Eu não conhecia o Aldir. Eu vim conhecê-lo recentemente, quando voltei. (...) E eu durante muito tempo passava nas ruas e as pessoas diziam: ‘Lá vai o irmão do Henfil’. Tinha alguns que ainda me chamavam de Henfil. Até hoje tem gente que fala assim: ‘Oi, Henfil’. Eu digo: ‘Oi!’”

[BETINHO, NO PROGRAMA *RODA VIVA*, 23/12/1996]




UJDA BRASIL

RESIDENTE.

PMDB
O PARTIDO DO POVO

A TRAGÉDIA GREGA



“Acho que ele já nasceu candidato a alguma coisa.

E foi amadurecendo, foi se transformando numa liderança expressiva, até que ele conseguiu ser eleito presidente. Na véspera da posse ele adoeceu. Adoeceu e a situação dele se agravou dia a dia, e ele morreu sem ver realizado o grande sonho da vida dele. E essa morte foi acompanhada pela opinião pública, ela foi visualizada pela opinião pública como uma grande tragédia nacional. Era uma tragédia grega, era algo que não podia acontecer. O presidente não podia morrer. Tancredo, que tinha simbolizado tantas lutas, fosse ele o que fosse, ele não podia morrer.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 221]





TANCREDO NEVES, NA FRENTE,
E JOSÉ SARNEY, ATRÁS

O processo de redemocratização foi tão cheio de idas e vindas, que os próprios historiadores divergem sobre quando ele começa e acaba. Os vários marcos ilustram o quão longa e paulatina foi a transição do regime autoritário para um de maiores liberdades políticas. Onze anos depois de Ernesto Geisel anunciar a sua distensão lenta e gradual, Tancredo Neves, eleito de forma indireta, com o conservador José Sarney como vice, se tornou o primeiro presidente civil desde 1964. Tancredo morreu antes de tomar posse, e Sarney assumiu. Em 88, viria a Constituição democrática, e, um ano depois, as eleições diretas para presidente.

“Sarney era vice de Tancredo no Colégio Eleitoral.

Morreu Tancredo, assumiu o vice. Essa foi a grande tragédia do Brasil.

O Brasil teve duas tragédias numa só: a morte de Tancredo e a eleição do vice. Ele vinha pela Arena, ele vinha pela direita, ele vinha pelo golpe. Ele era liderança do golpe militar, que tomava carona no processo de democratização.”

[BETINHO, EM OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA, P. 199]



À ESQUERDA, CAIXÃO COM TANCREDO NEVES EM BRASÍLIA. ACIMA, FAIXA DE SOLIDARIEDADE A RISOLETA NEVES, MULHER DE TANCREDO, DURANTE A INTERNAÇÃO DO PRESIDENTE ELEITO



À ESQUERDA, JOSÉ SARNEY AJUDA A FECHAR O CAIXÃO DE TANCREDO NEVES. ACIMA, HOMENAGEM DA POPULAÇÃO. ABAIXO, MENSAGEM DE TANCREDO, INTERNADO, AO PRESIDENTE EM EXERCÍCIO, SARNEY: "A NAÇÃO ESTÁ REGISTRANDO O EXEMPLO IRREPREENSÍVEL QUE O PREZADO AMIGO LHE TRANSMITE NO EXERCÍCIO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA"



Tancredo Neves
 Brasília, 23 de março de 1985

Caro Sarney,

A Nação está registrando o exemplo do irrepreensível correção moral que o prezado amigo lhe transmite no exercício da Presidência da República.

Na política, o exemplo é mais importante que o discurso. O discurso é efêmero pela sua própria natureza, e seu efeito termina com a leitura de sua divulgação por mais eloquente e oportuno que seja ele. O exemplo, ao contrário, contribui para a construção ética da consciência do nosso povo que, na solidariedade que tem demonstrado, tem no dedo forçoso para superar estes momentos,

O seu exemplo, Presidente Sarney, ficará memorável em nossa história.

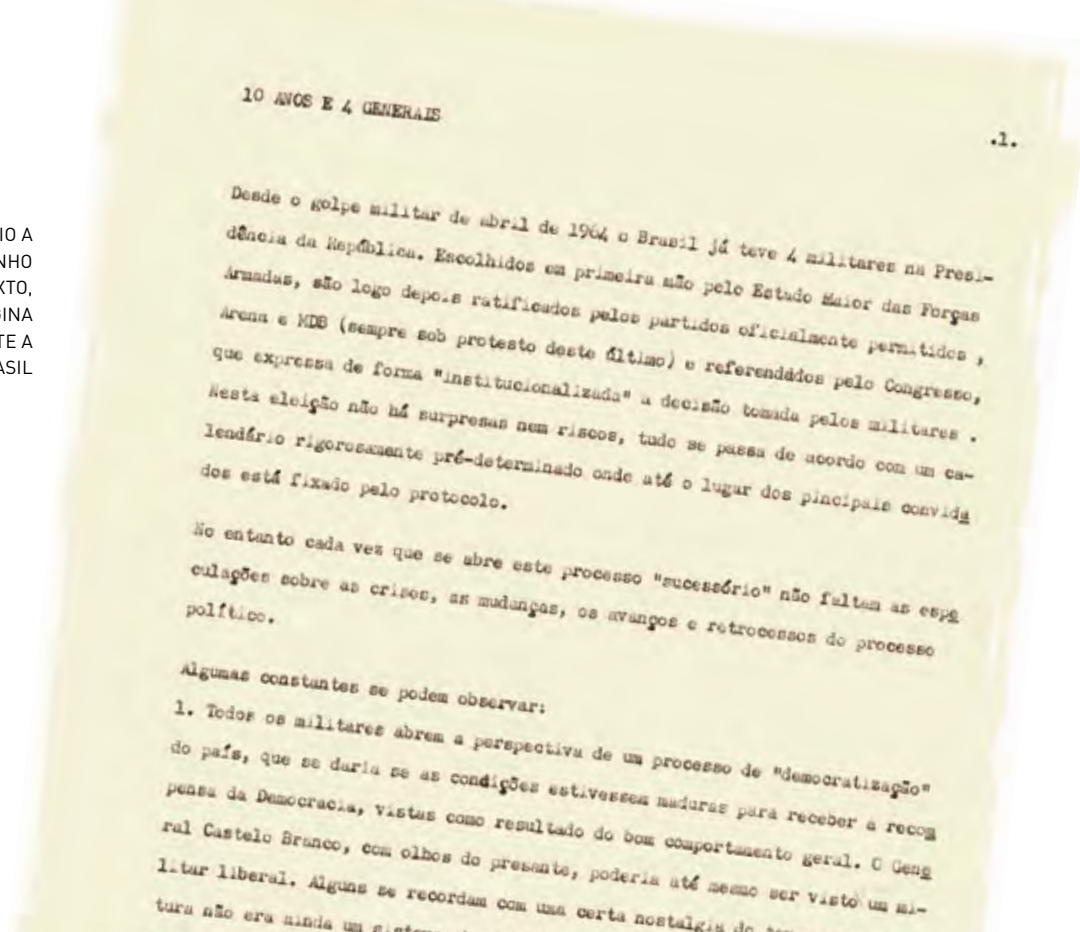
Um cordial abraço para Marly

Tancredo Neves

“A década começou ainda tendo que aguentar o general Figueiredo no poder. De 1979 a 83 tivemos que conviver com o desenvolvimento do processo democrático e a sobrevivência do autoritarismo em nível do Executivo federal, ainda senhor absoluto do Estado, apesar de quase ignorado pela sociedade. Figueiredo terminou o seu período pedindo à sociedade que o esquecesse. A alternância no poder se deu através de negociações entre a ditadura e o Congresso e se realizou de forma dramática com a escolha e a morte de Tancredo na porta do poder que tanto aspirou durante toda a sua vida. Sarney é colocado no cenário e nele fica durante cinco anos para desgraça do país e felicidade de uns poucos que do poder se serviram como nunca.”

[BETINHO, EM *ESCRITOS INDIGNADOS*, P. 26]

EM 1974, QUANDO TEM INÍCIO A
DISTENSÃO DE GEISEL, BETINHO
ESCREVE NO EXÍLIO O TEXTO,
"10 ANOS E 4 GENERAIS" (1ª PÁGINA
AO LADO), NO QUAL DISCUTE A
DEMOCRACIA NO BRASIL



“Desde o golpe militar de abril de 1964,

o Brasil já teve quatro militares na Presidência da República. Todos os militares abrem a perspectiva de um processo de ‘democratização’ do país, que se daria se as condições estivessem maduras para receber a recompensa da Democracia. (...) Porém falar de Democracia no Brasil é uma questão de saber Democracia para quem.(...) Nunca como agora os grandes proprietários, a grande burguesia, principalmente estrangeira, gozaram de uma ‘Democracia’ tão ampla e tão profunda. Podem dizer sem medo de exagerar ou errar que têm no Brasil a democracia que tanto sonharam, sem os riscos da democracia que sempre temeram (como a de antes de 1964). (...) No entanto, se falamos de povo, de 80% ou 90% da população brasileira, o quadro é calamitoso, e não há muito a acrescentar na denúncia internacional que vem sendo feita em relação ao Brasil. Porém a Democracia não é somente um problema de ótica, e sim de opção: como propiciar ou permitir a Democracia para a classe trabalhadora brasileira e ao mesmo tempo garantir o máximo de liberdade para o grande capital internacional (...)? Como permitir liberdade de reunião, de associação e reivindicação para a classe trabalhadora do Brasil e ao mesmo tempo construir um país onde a força de trabalho possa ser explorada ao máximo (...)?

Os dados que estão sendo revelados pouco a pouco na imprensa brasileira sobre as condições de vida e de trabalho da massa assalariada são de espantar.”

[BETINHO, EM "10 ANOS E 4 GENERAIS", ARQUIVO HERBERT DE SOUZA, CPDOC/FGV]

“O desenvolvimento das desigualdades

chegou a tal ponto que o Estado se desgarrou totalmente da sociedade, e uma crise geral de legitimidade e governabilidade obrigou a ditadura a abrir o caminho para a democratização. É verdade que cerca de 10% a 15% da população ganharam com a industrialização internacionalizada. Às custas do resto que ficou na margem.”


[BETINHO, EM *ESCRITOS INDIGNADOS*, P. 17]



ACIMA, GEISEL NO FUNERAL DE TANCREDO. À ESQUERDA, NO PRIMEIRO PLANO, TANCREDO E O PRESIDENTE FIGUEIREDO

“Desde o começo dos anos 1980 que o capital mundial se reconcentra nas economias desenvolvidas. (...) Isso foi o suficiente para que o Brasil grande ficasse pequeno, e o Milagre brasileiro fizesse água.”

[BETINHO, EM *ESCRITOS INDIGNADOS*, P. 17]



“A ditadura não
entregou a rapadura
porque quis.

Essa rapadura foi sendo tomada dela,
aos pedaços, mas foi sendo tomada dela.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 195]





DIRETAS JÁ

MANIFESTAÇÃO NA PRAÇA DA SÉ, EM SÃO PAULO,
PELAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DIRETAS

Um dos maiores movimentos populares da história brasileira, a campanha Diretas Já, cujo ápice foi em 1984, reivindicou o voto direto para a escolha do próximo presidente. A proposta foi, no entanto, derrotada no Congresso. O Colégio Eleitoral, formado por parlamentares, escolheria o próximo mandatário.

Eu quero
votar pra
Presidente



“A campanha das eleições diretas foram manifestações da oposição política,

era a oposição política que queria a eleição direta, eram os estudantes, os artistas, os intelectuais, o movimento sindical, enfim, as chamadas forças sociais democráticas, essas é que pressionavam pelas eleições diretas e que foram crescendo de baixo para cima. Cada vez mais se falava das diretas, aí surgiu o slogan ‘Diretas Já’, e esse slogan passou a dominar o cenário político durante todo o tempo. Não foi nada que tivesse surgido das elites políticas ou nas direções dos partidos. Ela veio de baixo.”

[BETINHO, EM OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA, P. 198]





“Acho que o processo de abertura também é filho da esquerda, com seus acertos e com seus erros. Foi a esquerda que manteve acesa a chama da luta pela democracia. Os setores dominantes, a elite, eles se acomodaram. Da forma como a ditadura tocava, eles dançavam. Quem dançava na contramão, quem andava na contramão, quem pregava a contramão era a esquerda. Isso é um mérito que ninguém pode tirar da esquerda.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 195]

À ESQUERDA, LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA, ULYSSES GUIMARÃES, LEONEL BRIZOLA, TANCREDO NEVES, ENTRE OUTROS, NO PALANQUE DAS DIRETAS JÁ



MANIFESTAÇÃO PELAS DIRETAS NO RIO DE JANEIRO



LULA E TANCREDO NO PALANQUE DAS DIRETAS JÁ



“A Nova República
terminou e a
miséria aumentou.

O ‘tudo pelo social’ se realizou
como tudo pelo capital.”

[BETINHO, EM *ESCRITOS INDIGNADOS*, P. 51]





A NOVA REPÚBLICA

No Colégio Eleitoral de 1985, Tancredo Neves era o candidato da oposição, e Paulo Maluf, da situação. A base política do regime militar rachou, e vários políticos importantes da direita apoiaram a chapa de Tancredo e Sarney. A coalizão foi batizada de Aliança Democrática e fundaria a Nova República.

TANCREDO NEVES VITORIOSO NO COLÉGIO ELEITORAL

MUDA BRASIL

Tancredo
PRESIDENTE.



“A Aliança Democrática, majoritariamente liberal,

se constitui num marco da história política do Brasil, exatamente por ser a primeira vez em que os liberais, um setor deles agora dissidente no governo e no partido do governo, se aliam à esquerda, e não à direita. Esse fato é tão importante que funda a Nova República.”

[BETINHO, EM *CONSTRUIR A UTOPIA*, P. 39]



À DIREITA, MULTIDÃO ACOMPANHOU EM SÃO PAULO VOTAÇÃO DO COLÉGIO ELEITORAL. ACIMA, TANCREDO, EM CAMPANHA



“Nos anos 1960, o confronto político colocava em campos opostos uma direita conservadora, disputando hegemonia com uma esquerda liberal reformista. (...) O golpe de 64 colocou no poder uma aliança liberal autoritária que (...) tentou modernizar o capitalismo, sob tutela militar. Queriam garantir a livre iniciativa e a liberdade do capital (...) às custas da supressão da luta política. (...) Cresceu a resistência ao regime militar, que terminou por definir nos anos 70 e 80 um novo confronto, dessa vez colocando em campos opostos conservadores autoritários e uma aliança liberal democrática que derrotou o regime militar (...). Liberalismo e democracia ganhavam com suas coincidências contra o autoritarismo conservador. Essa foi a razão e a base da aliança. Diga-se de passagem que, se a inspiração do movimento era democrática e popular, o ideário, no entanto, e o poder real pertenciam ao mundo do liberalismo.”

[BETINHO, EM *ESCRITOS INDIGNADOS*, P. 111 E 112]

TANCREDO DIANTE DO COLÉGIO ELEITORAL QUE O ELEGEU





EM SENTIDO HORÁRIO, TANCREDO
E GETÚLIO VARGAS, TANCREDO E JK,
TANCREDO E JANGO, TANCREDO E JÂNIO





“Tancredo Neves, quando foi eleito, tinha mais de 50 anos de vida pública.

Ele veio da época do Getúlio. Ele foi a pessoa que ficou com a caneta, a famosa caneta de Getúlio, da carta.

O Tancredo andava com ela o tempo todo para mostrar que ele tinha essa história. Ele lutou no processo político brasileiro para ser governador, presidente, todos os cargos.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 199]

“José Sarney era o homem de confiança dos militares.”

Ele era a expressão da ditadura militar no governo. Virou presidente! (...) Sarney representa a oligarquia brasileira, o atraso brasileiro que sempre fez a política, que sempre dominou na política, e que tem uma trajetória de oportunismos e acidentes que o colocam em evidência, o colocam na história, tiram da história. Enquanto houver figuras como Sarney, os caminhos da democracia estarão com muitas pedras pela frente e as forças conservadoras estarão bem tranquilas.”

[BETINHO, EM OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA, P. 222]





EM SENTIDO HORÁRIO: JOSÉ SARNEY REUNIDO COM O MINISTÉRIO; SARNEY E LEONEL BRIZOLA; SARNEY COM FIGUEIREDO EM EVENTO DO PARTIDO DO GOVERNO; SARNEY ENTRE GEISEL E CASTELO NO INÍCIO DA DITADURA



“O período Sarney foi um dos desgovernos mais prolongados da história brasileira, caracterizado pela produção da crise social mais profunda, pelo agravamento da crise econômica, por todas as tentativas de continuísmo e de desmoralização do processo de democratização em curso da sociedade. Em cinco anos, consegue enviar para o sistema financeiro mundial mais de 56 bilhões de dólares a título de juros e amortizações da dívida externa, enquanto aprofunda a falência do sistema público de ensino, saúde, habitação e saneamento. (...) O governo Sarney só não acabou com o país porque o Brasil é maior que a crise.”

[BETINHO, EM *ESCRITOS INDIGNADOS*, P. 26 E 27]



“Apesar de Sarney,

o processo de democratização do país avança
com a elaboração de uma nova Constituição,
a primeira elaborada com expressiva
participação da sociedade.”

[BETINHO, EM *ESCRITOS INDIGNADOS*, P. 18]





CONSTITUINTE

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA CONSTITUINTE,
ULYSSES GUIMARÃES, DIANTE DE UMA PILHA DE
EMENDAS POPULARES PARA A CONSTITUIÇÃO

Um dos principais eventos durante a chamada Nova República foi a Assembleia Constituinte (1986-88). Presidida por Ulysses Guimarães, ela foi responsável por elaborar uma Carta democrática para o Brasil, depois de tantos anos de autoritarismo. Betinho foi um dos que trabalharam por uma Constituição com preocupações sociais e pelo envio de emendas populares à Assembleia.



“Durante os dois últimos anos participamos do processo constituinte. Milhões de pessoas discutiram a institucionalização do Estado, a democratização do poder e da sociedade e as grandes questões nacionais e internacionais. O Brasil realizou um grande seminário e ao final se votou uma Constituição, que tem falhas graves, como a questão agrária, mas também tem muitas conquistas no plano dos direitos sociais, das liberdades individuais e, principalmente, no plano político com o fim do poder absoluto do Executivo federal e a restauração da função dos poderes do Legislativo em todos os níveis. A nova Constituição é uma obra ainda a ser acabada, aperfeiçoada, mas é uma pedra fundamental na construção de uma sociedade mais democrática.”

[BETINHO, EM *ESCRITOS INDIGNADOS*, P. 27]






DA ESQUERDA PARA A DIREITA: MANIFESTAÇÃO POR NOVA CONSTITUIÇÃO; PUBLICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS SOBRE A CONSTITUINTE; ULYSSES GUIMARÃES E O TEXTO CONSTITUCIONAL; ULYSSES GUIMARÃES SAÚDA PLENÁRIO

“Tivemos pela primeira vez na nossa história uma experiência coletiva de discussão sobre Constituição.

Através, por exemplo, das emendas populares. Milhões de pessoas participaram do debate da Constituição. Isso é um capital que ninguém tira. Essa é uma experiência acumulada que ninguém tira. É uma consciência nossa, é uma consciência da sociedade civil. Agora, eu creio que nossa história é um pouco ingrata conosco mesmo, nesse sentido. Nós, a sociedade, sempre fazemos a coisa boa, ou pelo menos fazemos muito melhor, não é? Agora, quando chega um determinado nível, a classe dominante, ou pelo menos setores dominantes da classe dominante, sempre fazem uma resposta bastante pífia. Eu creio que mesmo que a Constituição seja ruim... Aí eu diria como os portugueses: a luta continua, nós vamos seguir essa luta mesmo que leve duzentos anos.”

[BETINHO, NO PROGRAMA *RODA VIVA*, 14/12/1987]



“Collor assumiu,
com toda a arrogância

de quem achava que, com aqueles 35 milhões de votos, ele poderia fazer o que quisesse. E durante os anos em que ele foi presidente nós assistimos ao maior festival de loucura de que se tem notícia.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 224]





TRAGÉDIA, DE NOVO

O JOVEM FERNANDO COLLOR (1º À ESQ.) NUM EVENTO EM ALAGOAS COM O GENERAL-PRESIDENTE ERNESTO GEISEL (CENTRO DA MESA)

Um ano depois de promulgada a Constituição, o Brasil finalmente elegeu o seu presidente de forma direta. Fernando Collor de Mello derrotou no segundo turno Luiz Inácio Lula da Silva, do PT. A apertada vitória de Collor ficou marcada por uma polêmica: a reportagem do *Jornal Nacional*, da Rede Globo, sobre o último debate entre os presidentes. Profissionais da própria emissora acusaram a edição do debate de ter sido tendenciosa, a favor de Collor. O novo presidente, com discurso e práticas personalistas, pregava o Estado mínimo, mas iniciou o seu governo com uma intervenção de choque: o bloqueio de contas bancárias, parte de um plano anti-inflação.



À ESQUERDA, CAPA DA REVISTA ISTOÉ/SENHOR DE JULHO DE 1989. ABAIXO, BETINHO VOTA EM 1989



“Apresentaram-se cinco ou seis candidatos, uma parte deles já conhecida da história política brasileira (...), e se apresentaram dois candidatos que, pela dimensão da novidade e também da linguagem, começaram a capturar a imaginação política brasileira, a opinião pública. De um lado foi o Lula, com o PT, que era um operário, a oposição, o novo na política, ‘sem medo de ser feliz’, uma série de coisas novas que capturaram a população. E um jovem, 40 anos, Fernando Collor de Mello, de uma família oligárquica do Nordeste, começou a ter um comportamento, uma linguagem, um modo de se apresentar totalmente novo na política, um candidato à Presidência da República que gostava de *jet sky*, que falava da modernidade. E esse jovem, cuja história não era das melhores e era muito pouco conhecida na vida política brasileira, acabou se transformando numa aposta do setor dominante que passou a ter um medo muito grande da vitória do Lula. (...) Nós assistimos, então, um dos maiores espetáculos de armação política de mídia com repercussão na opinião pública, que foi a eleição de Collor de Mello.”

[BETINHO, EM OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA, P. 223 E 224]

“O objetivo maior do governo atual é transformar o Brasil num país de Primeiro Mundo. Em nome do paraíso capitalista do Primeiro Mundo se justifica tudo. O programa maior do governo é modernizar o capitalismo, internacionalizar a economia (...), privatizar tudo o que for possível, reduzir o Estado à sua dimensão mínima (...). Por isso, (...) é fundamental estabelecer a perspectiva de mudança e deixar claro qual é o caminho para o Primeiro Mundo. (...) No Primeiro Mundo capitalista, não se bota a mão na conta-corrente dos cidadãos e se respeita a propriedade privada tal como definida na Constituição. O governo só vai até onde a lei permite e só vai além quando se muda a lei.”

[BETINHO, EM *ESCRITOS INDIGNADOS*, P. 72-75]



O PRESIDENTE FERNANDO COLLOR

“Estamos ainda vivendo os ecos de um dos momentos mais impressionantes

de nossa vida política, quando um líder operário quase se elegeu presidente da República da oitava economia capitalista, caracterizada por uma classe dominante elitista, autoritária e intolerante. A lembrança das grandes mobilizações de massa, do entusiasmo produzido pelo processo de discussão dos grandes problemas nacionais, dos lances do golpe, da manipulação da mídia, de candidaturas tiradas de algumas cartolas, do baixo nível transformado em tática eleitoral ainda está diante de nossos olhos como que insistindo em permanecer no presente (...). No segundo turno, a vitória de Collor também é a vitória de Lula. O Brasil dividido ao meio.”

[BETINHO, EM *ESCRITOS INDIGNADOS*, P. 28 E 29]



“Acho que nós vivemos
um momento trágico,

dramático da vida brasileira, mas com final feliz.

Finalmente nós saímos do ciclo da desgraça.

Porque com Getúlio acaba em morte, com Jânio,
em renúncia, com Jango, em ditadura, com Tancredo,
em morte. Nós só tínhamos final infeliz.

O impeachment foi o primeiro final feliz
da nossa vida política.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 225 E 226]





O FIM DA DESGRAÇA

REPRESENTANTES DA SOCIEDADE CIVIL MARCHARAM PELA
ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS PARA ENTREGAR PEDIDO DE
IMPEACHMENT DE COLLOR AO CONGRESSO

Acusado de se beneficiar de um esquema de corrupção liderado pelo tesoureiro da sua campanha, Paulo César Farias, o PC, o presidente Fernando Collor passou a ser investigado por uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), que recomendaria o seu impeachment. A população, principalmente os estudantes, tomaram as ruas do Brasil para exigir o “Fora Collor”. Criado naquele período por, entre outros, Betinho, o Movimento pela Ética na Política ganhou força e a adesão de cada vez mais organizações e personalidades. A Câmara acabaria aprovando o impeachment do presidente e, antes que o Senado também o fizesse, Collor renunciou em 1992. O seu vice, Itamar Franco, assumiu o Planalto.

Representantes da sociedade civil se dirigem ao Congresso para entregar o pedido de impeachment ao Congresso Nacional, no dia 1º de setembro de 1992. Betinho segue na fila da frente. Mais tarde ele comentaria sobre a marcha: “Não conheço fato mais bonito pelo seu simbolismo, pela sua força, do que esse de que eu tive a satisfação e a honra de participar”.



“Esse jovem não só tinha tomado dinheiro público

através de uma medida de política econômica, como ele estava, com o seu PC Farias, tomando dinheiro da sociedade, dos empresários e, por via indireta, do próprio Estado, para fins do seu projeto pessoal (...). E o susto maior ainda porque essa denúncia não veio de um inimigo político. Essa denúncia veio do próprio irmão, Pedro Collor. Eu acho que aí nós entramos de novo naquela situação em que a política se transforma, foi uma paixão, foi um drama, foi uma tragédia. Era algo que só podia terminar em tragédia.”

[BETINHO, EM OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA, P. 224]

“[O impeachment] foi uma grande surpresa para todo mundo, porque nós mesmos dizíamos: ‘Isso no Brasil não vai dar certo’. Todos os analistas políticos diziam: ‘Isso no Brasil não acontece, isso é uma coisa para acontecer uma vez ou outra nos Estados Unidos, no Primeiro Mundo, mas aqui isso não vai acontecer; o Congresso é todo pró-Collor, vai ser todo comprado’. Mas um grupo de cidadãos saiu da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), eram cento e poucos cidadãos, entre os quais eu estava, saímos num determinado momento da sede da OAB, em Brasília, de braços dados, com uma solicitação formal de impeachment do presidente ao Congresso. E fomos andando pela Esplanada dos Ministérios até chegar ao Congresso. Eu não consegui chegar até lá dentro porque era tal a massa que foi se formando... Nós começamos cento e poucos. Quando chegamos lá havia umas três mil pessoas entupindo as salas e cantando o hino nacional e tudo mais. Era a força da cidadania que estava ali. Obviamente, a essa altura, nós avançávamos pela rua, e a mídia, os fotógrafos, as câmeras de televisão recuavam para filmar aquela caminhada (...). O dr. Barbosa Lima Sobrinho foi quem passou às mãos do Congresso o pedido da cidadania.”

[BETINHO, EM OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA, P. 225 E 226]

“Aí acho que a própria sociedade se deu conta da sua força,

se deu conta da sua capacidade de lutar contra a corrente e de andar na contramão. Na contramão dos analistas, na contramão dos partidos, na contramão dos interesses, na contramão do governo, na contramão do poder. Tinha nascido ali uma concepção, uma experiência fundamental do ponto de vista da democracia. Tinha nascido ali o cidadão. Tinha nascido a cidadania.”

[BETINHO, EM *OS CAMINHOS DA DEMOCRACIA*, P. 226 E 227]



MANIFESTANTES EM FRENTE AO CONGRESSO PEDEM O IMPEACHMENT DO PRESIDENTE COLLOR

“A história política brasileira apresenta até agora basicamente dois tipos de líderes políticos. O orgânico, aquele que surge de um processo de composição de interesses de classe, através da participação nos movimentos sociais, em partidos políticos ou na administração pública. O inorgânico, aquele que surge no cenário como uma novidade, um fenômeno. (...) O orgânico pode, como Tancredo, viver toda uma vida dedicado ao poder, ao partido, ser eleito para diferentes funções e nessa trajetória definir uma biografia com um perfil claro (...). O inorgânico tem uma trajetória rápida, inexplicável à primeira vista (...). Neste último século, tivemos no Brasil pelo menos dois exemplos de políticos inorgânicos: Jânio Quadros e Fernando Collor de Mello. (...) Creio que a característica fundamental do político inorgânico, e particularmente daqueles que triunfam, é o voluntarismo.”

[BETINHO, EM *ESCRITOS INDIGNADOS*, P. 44-47]

AÇÃO

CONTRA A MISÉRIA
E PELA VIDA

**ACAO DA CIDADANIA
EMPREGO X VIDA**

**ACAO do
NATAL
Colabore!**




CIDADANIA CONTRA A MISERIA
VIOLÊNCIA E PELA VIDA

Tele-Faixa
771-6362

CIDADANIA
SEM FOME
Comitê **RIO**

MANTIMENTOS ARRECADADOS
PELA AÇÃO DA CIDADANIA

A VEZ DA CIDADANIA



“No combate à
fome há o germe da
mudança do país.

Começa por rejeitar o que era tido como inevitável. Todos podem e devem comer, trabalhar e obter uma renda digna, ter escola, saúde, saneamento básico, educação, acesso à cultura. Ninguém deve viver na miséria. Todos têm direito à vida digna, à cidadania.

A sociedade existe para isso. Ou, então, ela, simplesmente, não presta para nada.”

[BETINHO, EM *ÉTICA E CIDADANIA*, P. 34]





UM DOS PRIMEIROS FOLDERS DO IBASE

Ao voltar anistiado para o Brasil, Betinho colocou em prática uma ideia discutida no exílio, a criação de um instituto para debater políticas governamentais e assessorar movimentos sociais. O Ibase (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas), iniciado numa troca de cartas entre Betinho, Carlos Afonso e Marcos Arruda, foi fundado pelos três, no Rio de Janeiro, em 1981, ainda durante o governo militar. Com o apoio financeiro de agências internacionais de cooperação, a instituição foi uma ONG (organização não governamental) nos tempos em que ONGs ainda não eram assim chamadas. No Ibase, Betinho defenderia a reforma agrária, o meio ambiente e articulava a Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida.

Toronto, 06/julho/1979

Querido Marcos, Paulo e Beto,

Aqui vai uma proposta minha que pode perfeitament cair no vazio, porque todos vocês já devem estar com os planos para a formosa volta definitivamente traçados. Creio, entretanto, que minha idéia pode contar com a colaboração de vocês mesmo que já tenham outros compromissos de trabalho e/ou políticos na terrinha.

A idéia surgiu da nossa capacidade acumulada em todos estes anos exterior de estabelecer contatos com agências não-governamentais e governamentais internacionais para conseguir fundos para projetos, e do nosso know how em diversos campos científicos relacionados a um conjunto básico de temas comuns cujo interesse compartilhamos tanto por motivos políticos como de satisfação intelectual.

Se não houver resposta favorável de vocês, o projeto fracassa de cara, de modo que usarei o dico-cujo em um estágio bem raw da elaboração, para receber o input de

“O Ibase nasceu de uma ideia do Carlos Afonso, que me escreveu uma carta quando a gente estava no México dizendo o seguinte:

‘Olha, dado que a anistia vai acontecer e nós vamos voltar mesmo, por que a gente não faz um instituto no Brasil para estudar políticas governamentais?’ Essa foi a primeira ideia do Ibase. Formulamos o projeto, eu cheguei com ele e comecei a discutir a ideia.”

[BETINHO, NA REVISTA *TEORIA E DEBATE*, Nº 16]



BETINHO NO INÍCIO DOS ANOS 1980, E BETINHO COM O SEU SEGUNDO FILHO, HENRIQUE, NASCIDO EM 1982

“Instalado no Rio, eu peguei os US\$ 6 mil do trabalho [de consultoria feito em 1980] para a FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) e os dividi em 12 envelopes com 500 dólares cada. Sem emprego, eu deveria gastar apenas um envelope por mês, durante um ano. Nesse meio tempo o projeto do Ibase precisava ser aprovado. Perto de completar os 12 meses, cheguei a conversar com a Maria: ‘Olha, se chegar no final e não tiver solução nenhuma, eu não vou aceitar qualquer emprego. Declaro minha falência, volto para minha mãe e você volta para a sua’. (...) Brincadeiras como esta ajudavam a manter o humor, mas o aperto continuava. Parti para mais de 60 reuniões, discutindo a ideia do Ibase com grupos de professores, de cientistas e de possíveis colaboradores. Formulamos a proposta e a apresentamos às fontes de financiamento. Ao encerrar 1980, nós tínhamos conseguido US\$ 60 mil.”

[BETINHO, EM *SEM VERGONHA DA UTOPIA*, P. 159 E 160]



CARAJÁS

O BRASIL HIPOTECA SEU FUTURO
IBASE

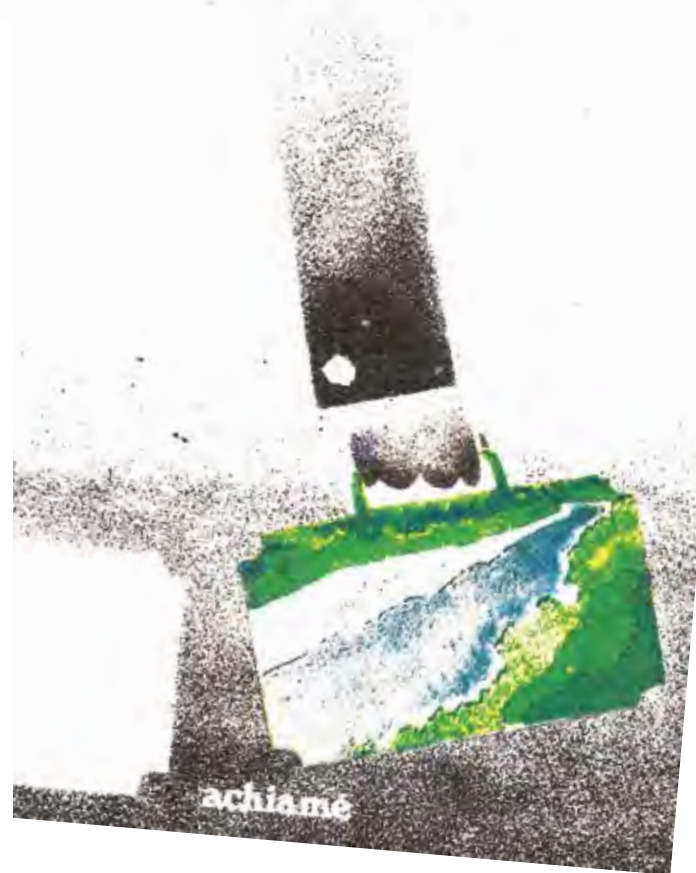
“Inicialmente pretendíamos montar um instituto que fizesse um acompanhamento crítico das políticas de governo. Ao mesmo tempo daríamos assessoria aos movimentos sociais para eles terem como agarrar no pé do governo. No decorrer das nossas discussões nos demos conta de que os sindicatos, as associações de bairro, as comunidades de base, as pastorais queriam mais do que isso. Elas queriam também informação, porque o nível de desinformação era muito alto.

Daí a proposta mudou para uma organização em quatro módulos, o econômico, o social, o político e o internacional. Atenderíamos a todos os grupos, seríamos suprapartidários e suprarreligiosos. O esquema compreenderia, portanto, quatro grandes bancos de dados para servir à demanda dos interessados. Era uma ideia nova, especialmente há oito anos, quando chegamos já dispostos a usar a informatização.

Desde o início, dizíamos que tudo deveria ser computadorizado, de modo a agilizar ao máximo o atendimento aos movimentos sociais.

Como projeto audacioso é claro que provocou uma certa perplexidade inicial.”

[BETINHO, EM SEM VERGONHA DA UTOPIA, P. 161]



UM DOS PRIMEIROS TRABALHOS DO IBASE RESULTOU NO LIVRO CARAJÁS, SOBRE OS PROJETOS MILITARES PARA ESSA REGIÃO NO NORTE DO PAÍS

ALTERNATIVAS POPULARES DA DEMOCRACIA:

4 VOTES

002


José Álvaro Moisés
Luiz Gonzaga de Souza Lima
Tilman Evers
Herbert José de Souza
Ximena Barraza

EM PLENA ABERTURA, BETINHO PARTICIPOU DA
COLETÂNEA DE ARTIGOS ALTERNATIVAS POPULARES
DA DEMOCRACIA: BRASIL ANOS 80

“É um anti-SNI.
O ministério da
informação dos pobres.

(...) Lutamos por uma sociedade igualitária e participativa. O Ibase não quer substituir os atores sociais. Não tem pretensão de dirigir os movimentos populares. Nossa particularidade é justamente essa: não queremos ser poder do Estado nem manipular os movimentos contra ele.”

[BETINHO, NO JORNAL DO BRASIL, 23/06/1985]



“As 18 maiores
propriedades do
Brasil somam 18
milhões de hectares

e têm um território equivalente a Portugal,
Suíça e Holanda juntos. Dezoito senhores
cercaram para si o espaço equivalente a três
países europeus! Esse exemplo dá a dimensão do
nível de exclusão a que chegamos e da imensa
distância que estamos da democracia.”

[BETINHO, EM *ESCRITOS INDIGNADOS*, P. 109]



CAMPANHA NACIONAL PELA REFORMA AGRÁRIA

CONTAG/CPT/CIMI/CNBB-LINHA 6/ABRA/IBASE



REFORMA AGRÁRIA

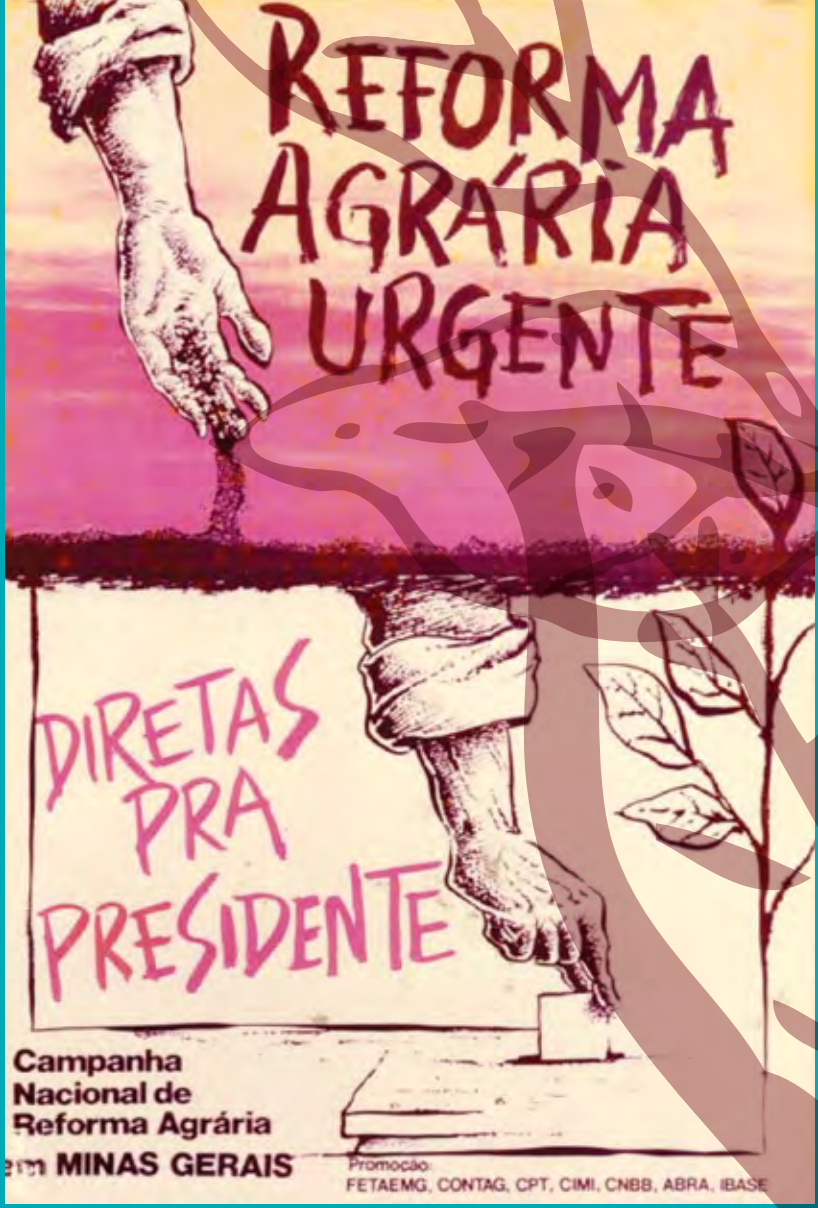
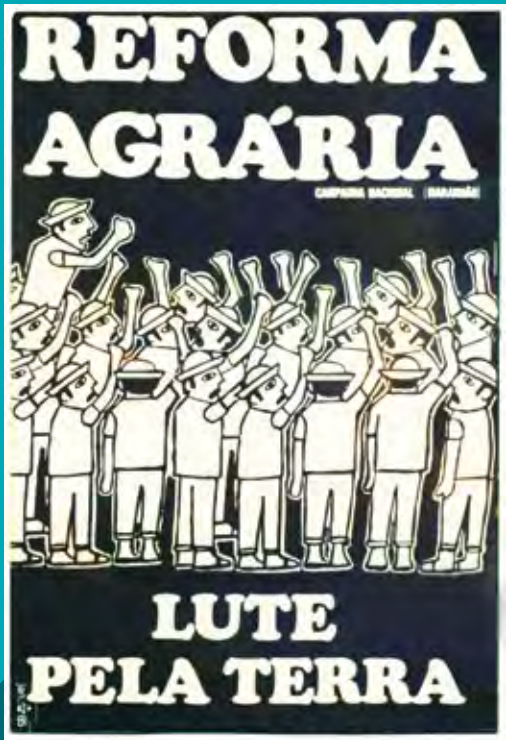
A reforma agrária foi uma das primeiras bandeiras do Ibase e talvez tenha sido a mais importante para os movimentos sociais nos anos 1980, quando os conflitos agrários matavam centenas de pessoas no campo brasileiro. A disputa entre conservadores e progressistas pela reforma agrária mobilizou boa parte do processo constituinte (1986-88). Em 1983, o Ibase e outras entidades lançaram a Campanha Nacional Pela Reforma Agrária (CNRA). Betinho foi indicado coordenador da campanha. O Ibase produziu estudos e organizou atividades sobre o tema. Em 1990, o instituto foi um dos promotores do evento “Terra e Democracia”, que levou milhares de pessoas ao Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro, para atividades relacionadas ao meio ambiente e shows musicais.

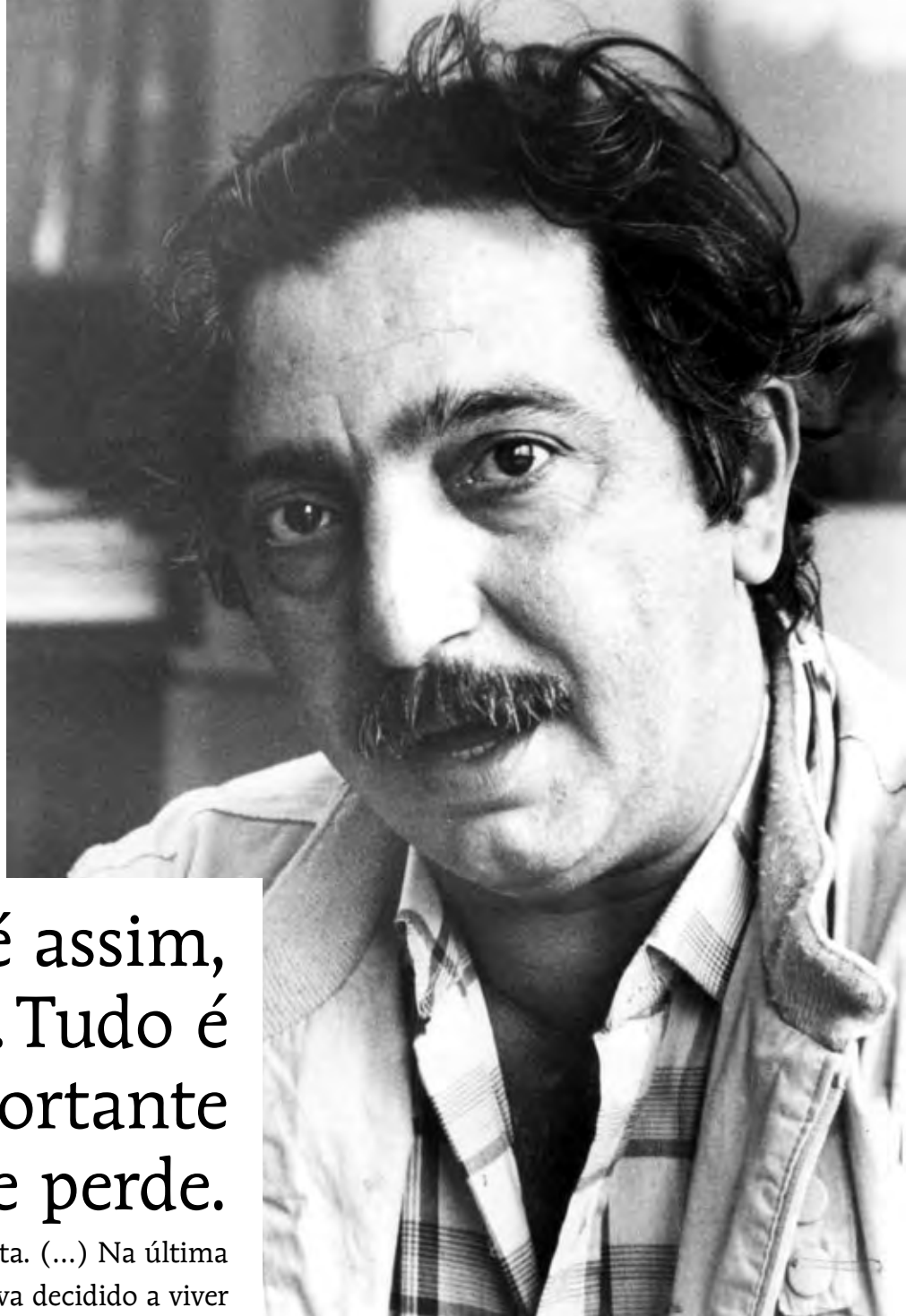


OS DONOS DA TERRA,
PUBLICAÇÃO DO IBASE

“Enquanto membro da Campanha Nacional pela Reforma Agrária (CNRA), continuo achando que a luta pela reforma agrária é uma luta política fundamental. É uma das reformas mais graves, mais sérias e mais difíceis de realizar. Ela está na raiz da sociedade brasileira; de tudo que a sociedade brasileira tem de autoritária, atrasada, de negativo.”

[BETINHO, NA REVISTA *BRASIL AGRÍCOLA*, JULHO DE 1986]





“No Brasil, é assim, Osmarino. Tudo é muito mais importante depois que se perde.

A vida só tem valor depois de morta. (...) Na última conversa que tivemos, (...) você estava decidido a viver junto com os teus companheiros, a não pedir asilo nas cidades (...). Assim mesmo, tentei dizer que não via sentido em líder morto, dado que o fundamental é o movimento. Mas no seu olhar brilhava uma estrela voltada para outro norte, onde lutar pela própria vida não afasta a solidariedade para com todos os demais. Eu já vi essa luz em outros olhos. Seu espelho é Chico Mendes.”

[BETINHO, EM *ESCRITOS INDIGNADOS*, P. 71]

Betinho denuncia as ameaças à vida de Osmarino Amâncio, líder seringueiro do Acre, e faz menção a Chico Mendes (foto), assassinado em 1988, no mesmo Estado, por defender os direitos dos seringueiros. Osmarino permanece vivo e na luta.




“A terra não é só um espaço onde vivemos.

É um mundo que produz e condiciona nossa própria existência, que antecede e se prolonga em nossa vida em todas as suas dimensões. Somos seres terrestres. A democracia não é só um espaço institucional da política. Ela, para existir, deve também realizar-se e estar presente em todas as dimensões de nossas vidas. Talvez por isso haja uma relação histórica tão estreita entre terra e democracia. Quando a terra é apropriada, usada, monopolizada por uns poucos, a democracia não existe. Quando a democracia não existe, a terra se transforma em um mundo de uns poucos, contra a maioria.”

[BETINHO, EM *ESCRITOS INDIGNADOS*, P. 108 E 109]





“Em qualquer país
do mundo uma
cidade como o Rio

seria tratada como patrimônio nacional.

Pena que aqui não seja.”

[BETINHO, EM *ESCRITOS INDIGNADOS*, P. 94]





RIO DE JANEIRO

MANIFESTAÇÃO NO CENTRO DO RIO DE JANEIRO
CONTRA A VIOLÊNCIA

Radicado no Rio de Janeiro após a Anistia, Betinho virou um militante das causas da cidade. Em 1988, quando o Rio passava por grave crise financeira, e o clima era de pessimismo, Betinho coordenou a campanha “Se liga, Rio” e assumiu o cargo não remunerado de Defensor do Povo da Cidade junto à Prefeitura. Em 1995, ele também participaria do “Reage, Rio”, contra a onda de violência. Também nos anos 90, Betinho lançou o projeto “Se essa rua fosse minha”, voltado para as crianças de rua do Rio de Janeiro.

“Todas as cidades de mais de 4 milhões de habitantes são violentas e têm crime organizado.”

O problema é que em Nova York o crime é realmente organizado: você é assaltado nesse quarteirão, mas não no outro. No Rio, o empobrecimento, o esvaziamento econômico e o incremento do tráfico de drogas está desorganizando o crime, está redefinindo o território da violência (...). E isso numa cidade desprotegida. Se não partirmos para uma ofensiva, vamos para uma situação colombiana, de desaparecimento do Estado, onde os juízes são assassinados e etc. Os riscos são grandes, por isso o Rio tem de se ligar.”

[BETINHO, NO *JORNAL DO BRASIL*, 23/10/1988]



“Atualmente não é fácil falar bem do Rio. De repente é como se tudo de mal tivesse escolhido o Rio para morar: pobreza, violência, sequestros, narcotráfico, infância abandonada, ruas esburacadas, sujas, praias poluídas. (...) Morar no Rio é como se fosse uma coisa insuportável. No entanto, o Rio pode ser visto sob muitos outros ângulos, que, sem fugir à realidade, mostra o que está à vista de todos. O Rio é a cidade de referência internacional para o Brasil (...). Vivo há dez anos no Rio e a única vez que fui roubado foi num hotel em Nova York. A violência urbana é uma realidade trágica, que não constitui privilégio do carioca. (...) O Rio ainda consegue ser uma cidade bela, alegre, despreocupada, viva, aberta, democrática.”

[BETINHO, EM *ESCRITOS INDIGNADOS*, P. 92 E 93]

REAAGE

RIO

1 Milhão Nas Ruas Pela Paz.

Dia 28 de novembro, às 17 horas, na Candelária, todo o Rio estará na maior caminhada já vista contra a violência.

Chame a sua turma e venha de branco. Não falte.



Se essa rua fosse minha

“Ao longo dos últimos anos vários jornais foram registrando notícias sobre a morte de crianças e de adolescentes no Brasil.

Eram mortas a tiro, deixadas nas praças e ruas de algumas das grandes cidades, Rio, São Paulo, Recife, Salvador. (...) A morte dessas crianças não tinha autoria. Era como se de repente algo tivesse acontecido para interromper de forma brutal uma vida (...). A verdade, a triste e efetiva verdade, é que as crianças assassinadas no Brasil e denunciadas pela Anistia Internacional não valem nada! (...) Quando num país (...) a vida de crianças perde o sentido é de se perguntar em que mundo estamos vivendo. E essa é a pergunta que a morte das crianças pobres e negras brasileiras faz a todos nós, governo e sociedade. (...) Mas bastou que o anúncio fosse feito no Primeiro Mundo pela Anistia Internacional para que uma tempestade de consciência irrompesse no Brasil. (...) No Brasil, não valem nada, no exterior viram pessoas.

O que está acontecendo conosco?”

[BETINHO, NO *JORNAL DO BRASIL*, 23/09/1990]






MANIFESTAÇÃO CONTRA A VIOLÊNCIA NO RIO

“É claro que dar um abrigo às crianças de rua é apenas um primeiro passo.

Estamos conscientes de que elas precisam de família, e que as famílias precisam de emprego, de distribuição de renda, de terra para trabalhar, de garantia dos seus direitos fundamentais. Porém, um primeiro passo precisa ser dado. E já! (...) Maldito é o país que consegue transformar essas crianças de vítimas em culpadas, em ameaça à segurança, e que declara guerra a quem precisa de amor.”

[BETINHO, EM O DIA, 01/04/1992]



“Nós temos alguns cuidados em relação a ela.

O primeiro é que nós não gostaríamos de jeito nenhum que ela fosse um show dos chefes de Estado para falar nada. Para que isso não ocorra, é fundamental que os movimentos sociais se constituam numa espécie de contrapeso forte, claro, definido, com propostas e principalmente com manifestações, quer dizer, que não seja simplesmente um grande seminário.”

[BETINHO, NA REVISTA *TEORIA E DEBATE*, Nº 16]





Eco-92

DEBATE DURANTE O FÓRUM GLOBAL, NA ECO-92

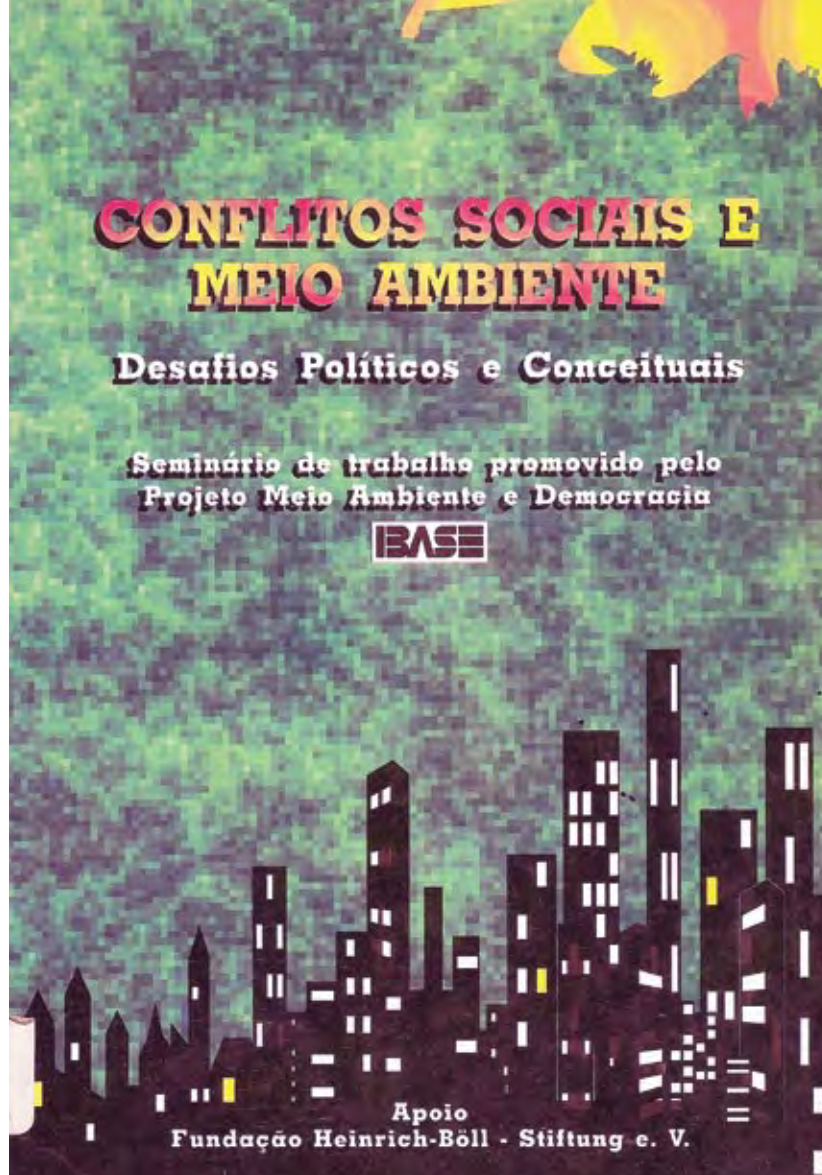
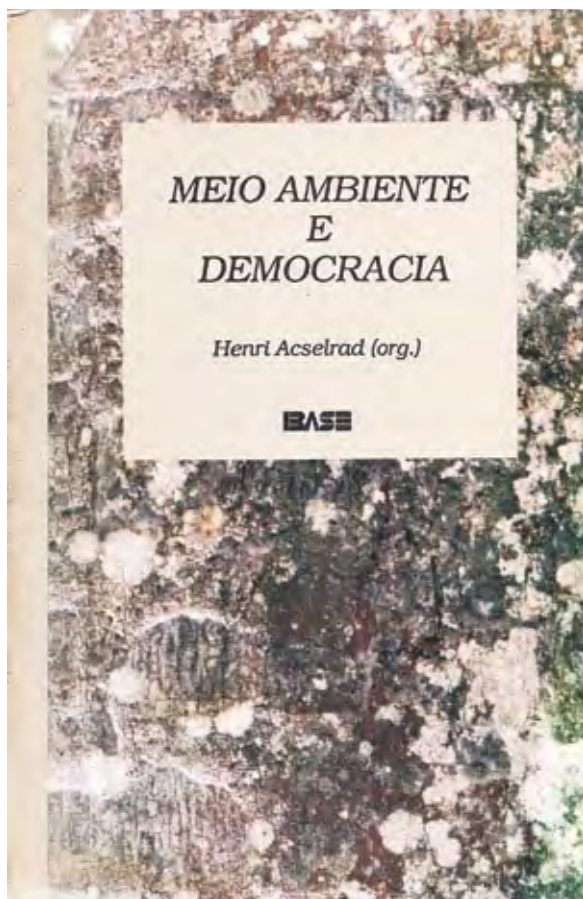
O mundo veio ao Rio de Janeiro em 1992 para a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Eco-92 ou Rio-92, e para o Fórum Global da sociedade civil, que ocorreu de forma paralela. O Ibase teve papel de destaque na conferência. Com o apoio da Organização das Nações Unidas (ONU), a instituição instalou uma rede de computadores no encontro. Na época, o Ibase já tinha o provedor de internet Alternex. Um ano antes da Eco-92, Betinho recebera da ONU o Prêmio Global 500, um dos mais importantes do mundo na área ambiental.

“Para mim o cenário ideal seria aquele em que houvesse um grande debate, grandes manifestações nesta cidade,

uma pressão de massa que levasse os chefes de Estado a se mancarem e fazerem um discurso que, se eu pudesse escrever, começaria assim: ‘Primeiro, nós somos os principais responsáveis por tudo o que aconteceu. Segundo, nós assumimos diante da humanidade tais compromissos concretos...’. Isso já seria importante. Principalmente se o Brasil e o Rio de repente tomassem consciência de que somos um grande problema a ser enfrentado e que somos o resultado de um processo que tem que ser totalmente mudado. Se a gente for capaz de produzir essa consciência, através de uma participação maciça de todo mundo, acho que valerá a pena.”

[BETINHO, NA REVISTA *TEORIA E DEBATE*, Nº 16]





“Desde o começo o Ibase trabalha temas que relacionam meio ambiente, desenvolvimento e democracia. Quando surgiu com força a questão do meio ambiente, foi como se ela se despregasse das outras dimensões e adquirisse a cor verde – como se esta cor pudesse ser separada do restante. Para nós ela não se separa. Este prêmio Global corresponde a uma certa experiência realizada dentro do Ibase nesta direção, mas principalmente à iniciativa de uma pessoa, o Carlos Minc. Ele fez o meu currículo e convenceu o júri de que eu era um global, no bom sentido global do prêmio das Nações Unidas. É claro que receber um prêmio desses hoje, particularmente para o Ibase, tem um sentido, porque é uma espécie de reconhecimento, de aval de uma instituição internacional. E são só quinhentos ganhadores do prêmio no mundo inteiro.”

[BETINHO, NA REVISTA *TEORIA E DEBATE*, Nº 16]



“O micro pra mim é um instrumento de quebra de monopólio. Como equipamento, é a coisa mais próxima do cidadão que você possa imaginar. (...) Quando você senta diante de um micro, ou você está se comunicando porque está fazendo um texto, ou porque entrou na internet. Você está tomando uma postura ativa na comunicação.”

[BETINHO, NO JORNAL DO BRASIL, 24/10/1995]



**QUANDO OS OUTROS PROVEDORES
COMEÇAVAM A EVOLUIR, O NOSSO JÁ PARTICIPAVA
DE CONFERÊNCIAS DA ONU.**



 **AlterNex**[®]

INTERLIGANDO PARA UM FUTURO MELHOR.

Entre em contato conosco: AlterNex <http://www.axc.org> - Av. Presidente Vargas 3331 Sala 406 CEP: 20230-030 - Rio de Janeiro - RJ - Telefone: (021) 515-0500 - Fax: (021) 515-0505

Lançado em 1989, o AlterNex seria o primeiro servidor de internet do país fora da comunidade acadêmica.

ONGs: opção pela democracia.

A Eco-92 daria visibilidade a um novo ator político: a ONG. No mesmo ano, Betinho escreveu texto sobre o tema.

ONG é um nome estranho, mas significa Organização Não Governamental. Existe há muito tempo no mundo inteiro. Se definem pelo que não são. No Brasil também. São milhares. Não são governo, não são empresas, não são partidos, nem igrejas, nem sindicatos. São seres políticos diferentes, fazem política de forma diferente. São autônomos e independentes.

As ONGs nascem quando um grupo de pessoas decide criar uma organização para fazer alguma coisa, nascem como comunidade. Não querem o poder e nem têm fins de lucro. São entidades públicas, mas não estatais ou empresariais. Nesse mundo do mercado ou do Estado constituem uma novidade.


As ONGs nascem no meio do Estado e da empresa sem ser nenhum dos dois. Nascem no meio dos partidos, sindicatos, movimentos populares e das Igrejas, trabalham com esses movimentos, tem preferência por eles mas são também independentes deles.

Mas as ONGs não são somente meio, elas também são um fim, têm fins, buscam objetivos concretos, são hoje reconhecidamente, as entidades entre as mais eficientes na busca de seus objetivos. São flexíveis, eficientes, inteligentes, não têm burocracia, estão abertas à inovação, não têm corrupção e estão em contato e sob controle, relação ou fiscalização, agências nacionais e internacionais. Uma ONG desmoralizada não prospera, desaparece. (...) No Brasil elas começaram a existir durante a própria ditadura. Enquanto os militares perseguiram os partidos e sindicatos, as ONGs conseguiram criar espaços de liberdade para colaborar com os setores sociais dominados. (...) Com a Abertura, elas se desenvolveram mais ainda e foram cada vez mais revelando sua vocação (...). As ONGs foram sendo descobertas pelos atores nacionais e internacionais (...). Hoje estamos aí, trazendo para o Brasil mais de US\$ 50 milhões de cooperação internacional (...). Cabe ao Estado, se for democrático e nessa medida, descobrir que as ONGs são parceiras que devem ser tratadas como sócias de um destino comum em defesa de uma causa comum, em defesa do bem público (...). Cabe às ONGs descobrir que têm que cobrar do Estado esse comportamento (...). No momento em que o Brasil busca caminho para a democracia e a superação da pobreza e da miséria, é fundamental descobrir que as ONGs são um meio para isso e que não existirá democracia nesse país sem o desenvolvimento amplo, geral e irrestrito da sociedade civil.”

“As ONGs nascem quando um grupo de pessoas decide criar uma organização

para fazer alguma coisa, nascem como comunidade. Não querem o poder e nem têm fins de lucro. São entidades públicas, mas não estatais ou empresariais. Nesse mundo do mercado ou do Estado constituem uma novidade. (...) São flexíveis, eficientes, inteligentes, não tem burocracia (...). Uma ONG desmoralizada não prospera, desaparece. (...) No Brasil elas começaram a existir durante a própria ditadura. Enquanto os militares perseguiram os partidos e sindicatos, as ONGs conseguiram criar espaços de liberdade para colaborar com os setores sociais dominados. (...) Com a Abertura, elas se desenvolveram mais ainda e foram cada vez mais revelando sua vocação (...). As ONGs foram sendo descobertas pelos atores nacionais e internacionais (...). Hoje estamos aí, trazendo para o Brasil mais de US\$ 50 milhões de cooperação internacional (...). Cabe ao Estado, se for democrático e nessa medida, descobrir que as ONGs são parceiras que devem ser tratadas como sócias de um destino comum em defesa de uma causa comum, em defesa do bem público (...). Cabe às ONGs descobrir que têm que cobrar do Estado esse comportamento (...). No momento em que o Brasil busca caminho para a democracia e a superação da pobreza e da miséria, é fundamental descobrir que as ONGs são um meio para isso e que não existirá democracia nesse país sem o desenvolvimento amplo, geral e irrestrito da sociedade civil.”

[BETINHO, EM “ONGS: OPÇÃO PELA DEMOCRACIA”, ARQUIVO HERBERT DE SOUZA, CPDOC/FGV]



“A Ação da
Cidadania,
essa luta pela
democracia,

cria, inventa, inova, não espera, toma
iniciativa, transforma a realidade pelas
próprias mãos, e não pelas dos outros.”

[BETINHO, EM *DEMOCRACIA: CINCO PRINCÍPIOS E UM FIM*, P. 74]





AÇÃO DA CIDADANIA

A partir de 1993, Betinho comandaria a Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida. A chamada Campanha contra a Fome tomaria o país e tornaria Betinho símbolo e porta-voz da cidadania no Brasil. A Ação da Cidadania nasceu dentro do Movimento pela Ética na Política. Ela pregava um trabalho descentralizado, em que qualquer grupo, em qualquer local, poderia e deveria recolher alimentos e distribuí-los. A campanha e Betinho conquistaram grande espaço nos meios de comunicação. Artistas, designers, publicitários passaram a colaborar com a ação. Centenas de comitês contra a fome se formaram em todo o Brasil.

Chegou a hora de colocar um basta nesse processo insensato e genocida gerador da miséria absoluta que coloca milhões de pessoas nos limites insuportáveis da fome e do desespero. (...) O tempo da miséria absoluta e da resignação com esse quadro acabou (...). Esse é o clamor ético de nossos tempos, ao qual tudo mais deve se subordinar. (...) Esse é hoje o grande divisor de águas entre nós: entre os que querem erradicar a miséria ainda nessa geração e os que insistem em ficar indiferentes (...). Não se pode viver em paz em situação de guerra. Não se pode comer tranquilo em meio à fome generalizada. (...) O Brasil precisa mobilizar todas as suas energias para (...) colocar um fim à miséria. Deve criar em todos os lugares e com a participação de todas as pessoas a ação da cidadania em luta contra a miséria e pela vida. Conclamamos a todos a constituir esse movimento. (...) Que 1993 seja um ano de mudança de rumo de nossa história a partir da ação de cada um, da Ação da Cidadania.

[TRECHO DA CARTA DA AÇÃO DA CIDADANIA]

CARTA DA AÇÃO DA CIDADANIA, ASSINADA PELO MOVIMENTO PELA ÉTICA NA POLÍTICA

Carta da Ação da cidadania

Chegou a hora de colocar um basta nesse processo insensato e genocida gerador da miséria absoluta que coloca milhões de pessoas nos limites insuportáveis da fome e do desespero.

Não podemos mais aceitar que seu drama será resolvido após a realização de um programa de estabilização da economia que criaria as condições para amenizar a crise social que parece existir por conta-própria.

O tempo da miséria absoluta e da resignação com esse quadro acabou. O tempo da conciliação e do conformismo acabou. A sociedade brasileira definiu a erradicação da miséria como sua prioridade absoluta. Esse é o clamor ético de nossos tempos, ao qual tudo o mais deve se subordinar. Essa deve ser a prioridade da sociedade e do Estado. Essa é a obrigação de cada um e de todos. Do Governo Federal e do Congresso. Dos governos estaduais e municipais. Das entidades da sociedade civil. Dos trabalhadores e dos empresários. Esse é hoje o grande divisor de água entre nós: entre os que querem erradicar a miséria ainda nessa geração e os que insistem em ficar indiferentes diante de uma tragédia que ameaça nossa própria existência como Nação e como Humanidade.

Tudo deve responder a essa questão. O orçamento público, as políticas, as ações governamentais e não governamentais, as atividades produtivas, comerciais e financeiras, as atividades de ensino, pesquisa, promoção social e cultural, em que medida dão prioridade a solução dessa questão? Ou em que medida ajudam a aprofundar esse fosso que nos separa e nos divide entre os que tem e os que vivem na mais profunda miséria?

Não se pode viver em paz em situação de guerra. Não se pode comer tranquilo em meio a fome generalizada. Não se pode ser feliz num país onde milhões se batem no desespero do desemprego, da falta das condições mais elementares de saúde, educação, habitação e saneamento. Não se pode fechar a porta à consciência, nem tapar os ouvidos ao clamor que se levanta de todos os lados.

A insanidade de um país que marginalizou a maioria deve terminar agora. O modelo de desenvolvimento que produziu a miséria está condenado.

Por isso, nós, abaixo assinados declaramos que essa é a nossa prioridade e o nosso apelo. O Brasil precisa mobilizar todas as suas energias para mudar de rumo e colocar um fim a miséria. Deve criar em todos os lugares e com a participação de todas as pessoas a ação da cidadania em luta contra a miséria e pela vida.

Conclamamos a todos a constituir esse movimento. Podemos ainda produzir o encontro do Brasil com sua própria sociedade. Democracia e miséria não são compatíveis.

Que 1993 seja um ano de mudança de rumo de nossa história a partir da ação de cada um, da Ação da Cidadania.

MOVIMENTO PELA ÉTICA NA POLÍTICA

**SE SACO
VAZIO NÃO
FICA EM PÉ**



**o que podemos esperar
para o futuro deste país?**

“Foi depois do impeachment que o Movimento pela Ética na Política

abriu os olhos para a incrível convivência entre democracia e miséria. Nasceu o movimento da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida.”

[BETINHO, EM *DEMOCRACIA: CINCO PRINCÍPIOS E UM FIM*, P. 73]

**AÇÃO DA
CIDADANIA**

**Contra a Fome, a Miséria
e pela Vida.**

“Nós não
estamos diante
de uma simples
campanha,

mas sim diante de um movimento.
Um movimento que não tem comitê central,
que não deve obediência a nenhuma pessoa.
Um movimento que pode mudar esse país.”

[BETINHO, EM PUBLICAÇÃO DO COMITÊ RIO
DA CAMPANHA, AGOSTO DE 1994]



MATERIAIS DA AÇÃO DA CIDADANIA

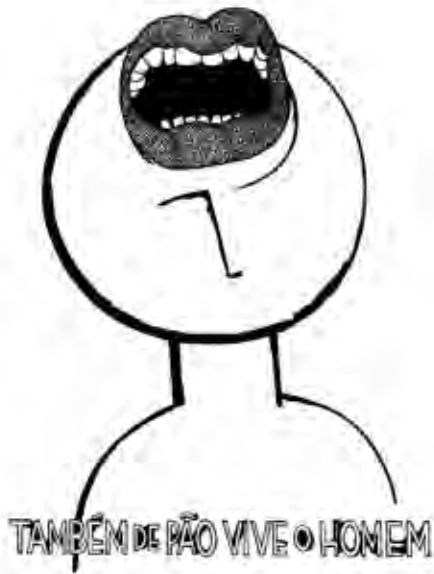
FOME NÃ



“Eu acho que o assistencialista não quer acabar com a miséria, ele quer perpetuá-la

de outra forma. Na verdade ele é uma espécie de gigolô da miséria e não quer promover quem ajuda. Eu acho que a solidariedade é uma coisa completamente diferente. E foi exatamente a confusão que muita gente estabeleceu, entre uma coisa e outra, que nos prejudicou muito no início da campanha. Porque eu dizia assim: ‘quem tem fome tem pressa’ e se você não oferece comida a quem está morrendo de fome, não adianta você pensar na reforma estrutural daqui a dez anos, porque não vai ter população para viver a reforma. Aí, as pessoas diziam: ‘mas isso é assistencialismo’, principalmente a esquerda. A esquerda tinha uma reação muito furiosa com a campanha da fome, porque ela dizia ‘você está atrapalhando a revolução’.”

[BETINHO, NO PROGRAMA *RODA VIVA*, 23/12/1996]



“Uma pesquisa realizada pelo Ibope mostrou que 90% da população apóia a campanha

e 30%, levando em conta apenas os adultos, já participou de alguma forma do movimento. Isso dá em torno de 28 milhões a 30 milhões de pessoas atuantes.

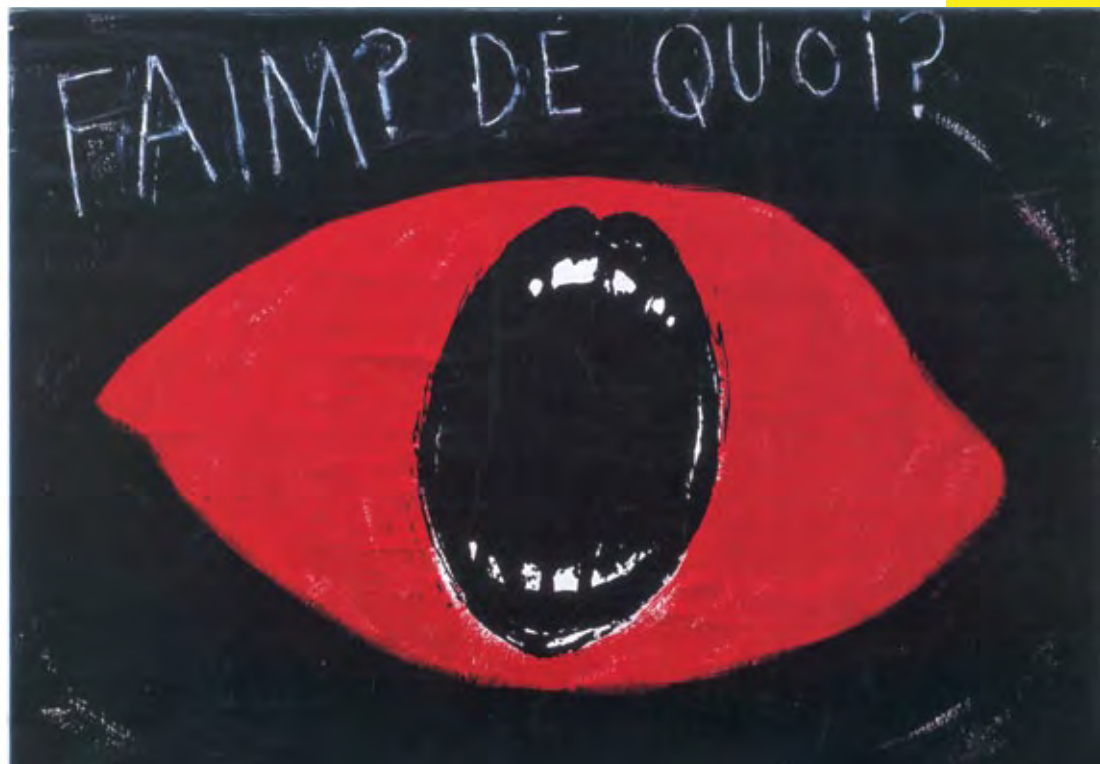
No Brasil inteiro, a campanha gerou solidariedade e consciência da necessidade de mudar o país em cima de questões essenciais: a fome e o desemprego. (...) Acho que os 30% têm que passar a, pelo menos, 70%. Temos que fazer crescer esse movimento pela ação de cada um.

Quem não fez nada, que tome a iniciativa; não fique esperando que os outros resolvam os problemas do país.

Se eu tivesse uma rede nacional de TV, faria um apelo: ‘Por favor, que todo o cidadão e cidadã ocupe o seu lugar - não precisa apertar o cinto - e boa viagem’.”

[BETINHO, NA REVISTA CARAS, Nº 39]

MATERIAIS DA AÇÃO DA CIDADANIA





“Lula propôs ao presidente Itamar Franco a criação do Conselho Nacional de Segurança Alimentar,

onde governo e sociedade trabalhariam juntos, e indicou três nomes: Marcelo Lavanère (Ordem dos Advogados do Brasil), dom Luciano Mendes (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e o meu. Itamar se fixou no meu nome e me convidou para dirigir o que seria uma espécie de Ministério da Fome. Recusei e indiquei no meu lugar dom Mauro Morelli.”

[BETINHO, EM CARTA PARA ODED GRAJEW, ARQUIVO HERBERT DE SOUZA, CPDOC/FGV]



ACIMA, DOM MAURO MORELLI (EM PÉ) NO 1º CONGRESSO DO CONSEA, COM BETINHO (NO CANTO ESQUERDO). AO LADO, O PÚBLICO DO CONGRESSO



Com a saída de Collor, o novo presidente Itamar Franco (entre Betinho e dom Mauro Morelli) decidiu criar em 1993 o Conselho Nacional de Segurança Alimentar (Consea). Betinho recusaria o convite para presidir o conselho, mas aceitou integrá-lo. Dom Mauro Morelli ficou com a presidência do Consea.



“O governo Itamar foi muito importante.

Ele estava, pessoalmente, comprometido com isso [o combate à fome].”

[BETINHO, NO PROGRAMA *RODA VIVA*, 23/12/1996]

“Muitos participam. Mas ainda não é um movimento de conjunto. Não são poucos os que têm uma expectativa grande de que o governo resolva todos os problemas. A solução dessas questões – fome e desemprego – está na própria sociedade. Alguns empresários não assumem seu papel na cidadania. O normal seria que todos eles puxassem a campanha pela geração de empregos. Aí, eu só iria apoiar.”

[BETINHO, NA REVISTA CARAS, Nº 39]



Empresário: onde é que o sr. está quando o país precisa?

Pode estar cuidando de aumentar sua competitividade ou preocupado com seu processo sucessório. Quem sabe apostando todas as fichas para desenvolver mais ainda sua empresa.

Empresário. O sr. não tem ta-

lento de sobra para criar programas de melhoria e competência? Gerar qualidade total na sua empresa? Então experimente emprestar toda essa experiência para o seu país, fazendo dele seu próximo "case" de sucesso.

Ele precisa da sua visão "just-in-time" para reduzir o desemprego, do seu "know-how" para conciliar o crescimento econômico com uma distribuição de renda mais fraterna. Precisa do sr. para conquistar uma dimensão e consistência ver-

dadeiramente mais humanas.

Sr. empresário, tem um país lá fora. Na realidade é o seu maior patrimônio. Que tal dar uma olhada?






A Ação da Cidadania se preocupou em mobilizar os empresários e combater o desemprego. Em 1997, Betinho foi um dos primeiros a propor um balanço social para as empresas.



“É possível pensar nessa realidade: ter não somente um balanço financeiro das empresas, mas um social, para que o conjunto da sociedade tome conhecimento do que já avançamos e do que teremos ainda que avançar nessa direção. Os tempos e as consciências estão maduros para que essa ideia caia em terreno fértil e se transforme em realidade. Que cada um tome a iniciativa e faça a sua parte enquanto há tempo. O Brasil não pode esperar que o desenvolvimento passe por cima dos interesses e das cabeças de milhões de pessoas.”

[BETINHO, NA FOLHA DE S. PAULO, 26/03/1997]



“A solidariedade
é para mim hoje
o cimento da
democracia.”

[BETINHO, NO PROGRAMA *RODA VIVA*, 23/12/1996]



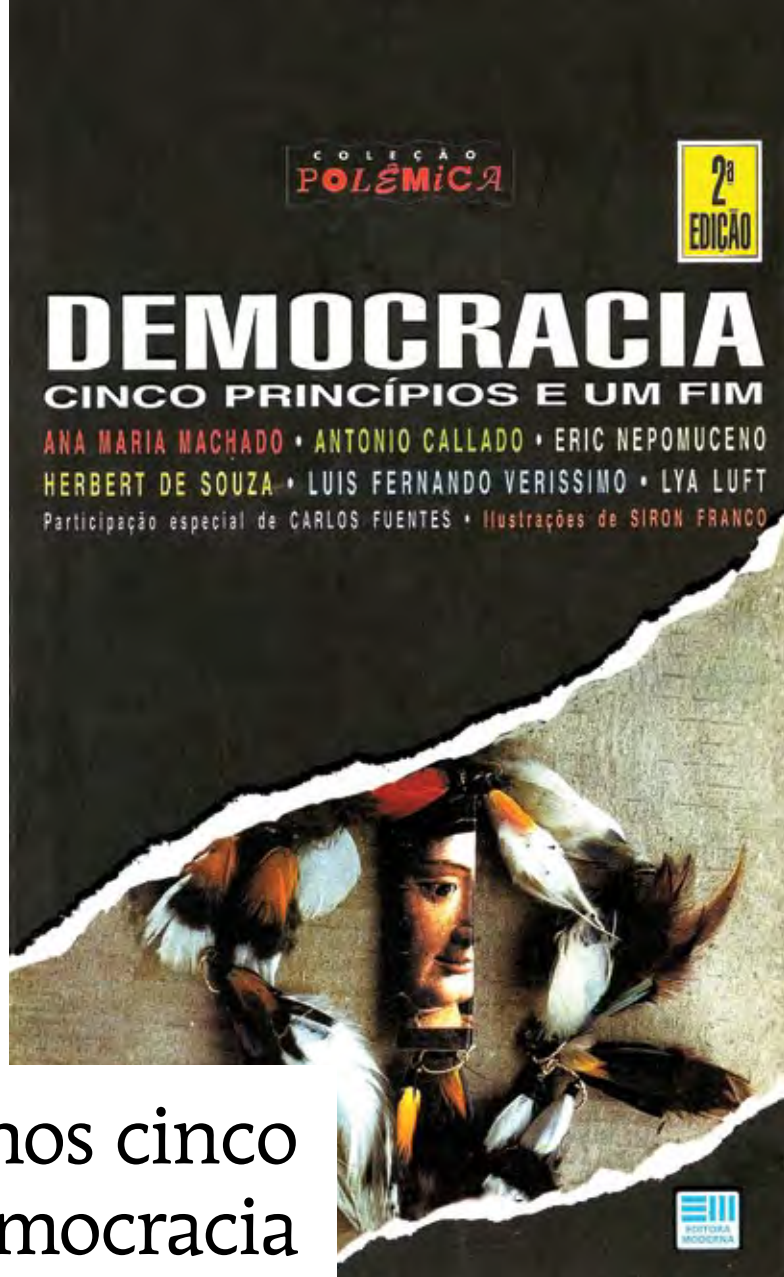


O QUE É DEMOCRACIA

BETINHO AUTOGRAFA EXEMPLAR DO LIVRO
DEMOCRACIA: CINCO PRINCÍPIOS E UM FIM, SOBRE A
DEMOCRACIA, LANÇADO EM 1996

Se nos anos 1970 e 80, a preocupação do Betinho sociólogo era o Estado, nos anos 90, ainda antes da Campanha contra a Fome, o foco dele se direcionava para a cidadania, à qual o Estado para ele deveria se subordinar. Na visão de Betinho, democracia e cidadania, “de mãos dadas”, seriam incompatíveis com o capitalismo e com as experiências socialistas totalitárias.

BETINHO E OS DEMAIS AUTORES DO LIVRO AUTOGRAFAM A OBRA



“Inspirado nos cinco princípios da democracia

(liberdade, participação, diversidade, solidariedade e igualdade), a Ação da Cidadania se propôs a obra do século: erradicar a miséria, mobilizar a sociedade, gerar atos de solidariedade, distribuir alimentos, criar empregos e mudar a face, a cara da sociedade brasileira.

Esse movimento ganhou a sociedade, corações e mentes, e virou realidade. É que democracia não vive sem solidariedade, sem amor à igualdade, sem a participação de todas as pessoas nas mudanças que vêm através da ação, que não é puro discurso nem vive das promessas do amanhã, esse amanhã estrutural que nunca acontece na conjuntura. Entramos com a Ação da Cidadania numa nova era, numa nova política, no caminho da democracia.”

[BETINHO, EM *DEMOCRACIA: CINCO PRINCÍPIOS E UM FIM*, P. 73 E 74]

“Cidadania e democracia andam de mãos dadas e não existem separadas.

(...) Cidadania e democracia (...) têm o infinito como limite. Não existe limite para a solidariedade, a liberdade e a igualdade, a participação e diversidade. A democracia é uma obra inesgotável.”

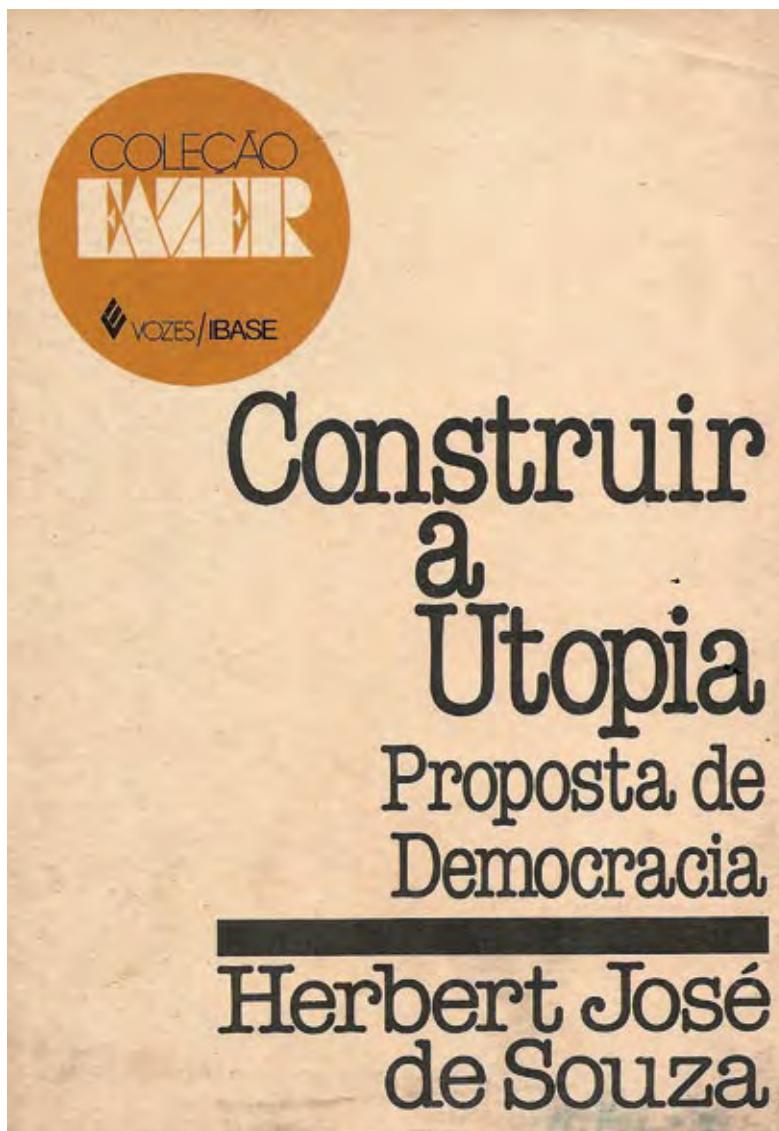
[BETINHO, EM *DEMOCRACIA: CINCO PRINCÍPIOS E UM FIM*, P. 67]

“Virar a política pelo avesso entre nós é produzir a proposta de uma política democrática que supere tanto a ordem autoritária que nos oprime como as propostas liberais que nos iludem. É dar um passo à frente em direção a uma sociedade que tenha como base os princípios da igualdade, diversidade, participação, solidariedade e liberdade. (...) Uma política democrática começa por afirmar a soberania do cidadão, (...) e a subordinação do Estado aos objetivos livremente definidos pela cidadania. (...) A sociedade vem primeiro, o Estado vem depois. (...) No Brasil, o poder estabelecido no Estado pretende sempre criar o mundo às avessas, e o Brasil que produz é um desastre. A política liberal parte do Estado para a sociedade. A democrática parte da sociedade para o Estado.”

[BETINHO, EM *ESCRITOS INDIGNADOS*, P. 125]

“Sem mudar a sociedade
não adianta mudar o governo.
A mudança é aparente,
é uma armadilha, é uma mentira. Por isso meu olhar
e minha atenção estão concentrados sobre a sociedade.”

[BETINHO, NO *JORNAL DO BRASIL*, 18/08/1994]



“Numa sociedade democrática o objetivo da economia é a produção de bens e serviços necessários para a satisfação plural e diversificada de todos os membros de uma determinada sociedade. A produção desses bens requer a participação de toda a sociedade em todas as suas etapas e pode ser realizada sob variadas formas, privadas, comunitárias e estatais ou outras por inventar. É nesse sentido que afirmamos serem incompatíveis democracia e capitalismo e que fica claro como o liberalismo tropeça em contradições quando pretende se passar pelo que não é. Se pensamos, portanto, em uma proposta democrática para a economia, deveríamos (...) tentar percorrer o de sua superação [do capitalismo] por uma nova economia, um novo modo de produzir que tivesse objetivos e formas de organização compatíveis com os princípios da democracia: igualdade, diversidade, participação, solidariedade e liberdade.”

[BETINHO, EM *ESCRITOS INDIGNADOS*, P. 121]

CONSTRUIR A UTOPIA. PROPOSTA DE DEMOCRACIA.
LANÇADO EM 1987



“A radicalidade da proposta democrática

está em (...) contrapor o capital à sociedade excluída e tomar partido pela sociedade contra o capital.”

[BETINHO, EM *CONSTRUIR A UTOPIA*, P. 22]

“O processo democrático que se desenvolve a nível mundial está recolocando a questão da democracia no centro do debate. (...)

O socialismo submetido à crítica da democracia só tem sentido como reinvenção total. O socialismo só tem sentido como democracia.”

[BETINHO, EM *ESCRITOS INDIGNADOS*, P. 89]


“Uma coisa que vai direto aos intelectuais (...). Nós temos uma imensa capacidade de diagnósticos, de análises e etc. Quando chega o momento da ação, o sujeito pega o boné e vai embora. (...) Quando a verdade não é assim. Você deve pagar os seus impostos e, ainda, fazer muita ação. (...) Eu defendo a tese de que governo só anda empurrado.”

[BETINHO, NO PROGRAMA *RODA VIVA*, 23/12/1996]

“O socialismo deveria estar discutindo também o seu próprio nome.

O verdadeiro nome do socialismo é democracia, assim como a natureza da crise do socialismo está na ausência da democracia.”

[BETINHO, EM *ESCRITOS INDIGNADOS*, P. 89]



“Esperava o anúncio
de um New Deal
para o Brasil,

sonhei com um Roosevelt dos anos 1930
para um Brasil dos anos 90 e me frustrei.”

[BETINHO, NO *CORREIO BRAZILIENSE*, 17/05/1996]





UM SOCIOLOGO NO PODER


O SOCIOLOGO E POLITICO FERNANDO HENRIQUE CARDOSO,
ANTES DE SER PRESIDENTE, PARTICIPA COM BETINHO
DE EVENTO DO IBASE


No dia da posse de Fernando Henrique Cardoso na Presidência da República em 1995, Betinho entregou ao seu colega sociólogo e de exílio a Carta da Terra, documento da Ação da Cidadania. Betinho assumiria um lugar no conselho do programa Comunidade Solidária, que substituiu o Conselho Nacional de Segurança Alimentar (Consea). Betinho, contudo, se desligaria do programa no segundo ano do mandato de Fernando Henrique e passaria a ser um crítico do governo.


Assinam esta carta os que desejam mudar a terra, querem democratizar a terra, querem democracia na terra. Mas ainda neste século. Já se esperou demais. A democracia na terra é condição de cidadania. Esta é uma tarefa fundamental da **Ação da Cidadania** [grifo original]. Que o novo presidente execute essa reforma. Que os novos governadores participem dessa mudança. E que a sociedade seja o verdadeiro ator dessa nova peça para mudar a face da terra. A partir daí a vida na terra será melhor.


[TRECHO DA CARTA DA TERRA]


Carta da Terra


 Um dia a vida surgiu na terra. A terra tinha com a vida um cordão umbilical. A vida e a terra. A terra era grande e a vida pequena. Inicial.


 A vida foi crescendo e a terra ficando menor, não pequena. Cercada, a terra virou coisa de alguém, não de todos, não comum. Virou a sorte de alguns e a desgraça de tantos. Na história foi tema de revoltas, revoluções, transformações. A terra e a cerca. A terra e o grande proprietário. A terra e o sem terra. E a morte.

 Muitas reformas se fizeram para dividir a terra, para torná-la de muitos e, quem sabe, até de todas as pessoas. Mas isso não aconteceu em todos os lugares. A democracia esbarrou na cerca e se feriu nos seus arames farpados. O mundo está evidentemente atrasado. Onde se fez a reforma o progresso chegou. Mas a verdade é que até agora a cerca venceu, o que nasceu para todas as pessoas, em poucas mãos ainda está.

 No Brasil a terra, também cercada, está no centro da história. Os pedaços que foram democratizados custaram muito sangue, dor e sofrimento. Virou poder de Portugal, dos coronéis, dos grandes grupos, virou privilégio, poder político, base da exclusão, força de *apartheid*. Nas cidades virou mansões e favelas. Virou absurdo sem limites, tabu.

 Mas é tanta, é tão grande, tão produtiva que a cerca treme, os limites se rompem, a história muda e ao longo do tempo o momento chega para pensar diferente: a terra é bem planetário, não pode ser privilégio de ninguém, é bem social e não privado, é patrimônio da humanidade e não arma do egoísmo particular de ninguém. É para produzir, gerar alimentos, empregos, viver. É bem de todos para todos. Esse é o único destino possível para a terra.

 Assinam esta carta os que desejam mudar a terra, querem democratizar a terra, querem democracia na terra. Mas ainda neste século. Já se esperou demais. A democracia na terra é condição de cidadania. Esta é uma tarefa fundamental da **Ação da Cidadania**.

 Que o novo presidente execute essa reforma. Que os novos governadores participem dessa mudança. E que a sociedade seja o verdadeiro ator dessa nova peça para mudar a face da terra. A partir daí a vida na terra será melhor.

Herbert de Sousa (Betinho)
Articulador Nacional da Ação da Cidadania
Coordenador da Campanha Nacional
pela Reforma Agrária



“Exílio político o sociólogo Fernando Henrique conhece.

E com esse exílio a Anistia acabou há 15 anos. Mas o Brasil tem produzido uma legião de exilados econômicos para os quais os governos têm sido incapazes de olhar. Para esses excluídos tem sobrado apenas o assistencialismo simplista, que só serviu para deixar tudo como está.

É nessa armadilha que não gostaria de ver o sociólogo cair.”

[BETINHO, NA *FOLHA DE S. PAULO*, 10/10/1994]

ACIMA, BETINHO EM ENCONTRO
COM O PRESIDENTE FERNANDO
HENRIQUE CARDOSO



EDIÇÃO DA REVISTA *DEMOCRACIA*, DO IBASE,
SOBRE AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 1994

“Eu acho que, sem nenhuma pretensão, a minha saída e as críticas que eu fiz à Comunidade Solidária, que foram muito diretas e francas, tiveram efeito. Hoje, a Comunidade Solidária está muito mais ativa e muito mais concreta. Inclusive, agora, eles estão entrando na Agenda Social, e eu tenho toda a disposição de trabalhar com a Comunidade Solidária.”

[BETINHO, NO PROGRAMA *RODA VIVA*,
23/12/1996]

“Estou convencido de que a miséria não é uma questão central do governo brasileiro,

nem de nossa elite. E nunca foi. (...) Por tudo isso e depois de fazer tudo o que me foi possível decidi sair do Conselho. Daqui da planície vou continuar a colaborar e criticar exercendo minha cidadania.”

[BETINHO, NO *CORREIO BRAZILIENSE*, 17/05/1996]

“A Agenda Social nasceu de uma reunião de várias entidades com o Unicef


(Fundo das Nações Unidas para a Infância) aqui e de uma preocupação com o problema da infância, do adolescente e de suas famílias. Nós estávamos discutindo isso quando alguém lembrou: ‘Vai ter Olimpíada no Brasil’, e aí se fez o gancho. Então nós falamos: ‘Bom, nós precisamos transformar esses pontos que nós queremos numa agenda social para que seja viável e justa a existência da Olimpíada no Rio’. (...) Então levantamos cinco pontos que são: toda criança na escola de qualidade; toda criança e adolescente com alimentação de qualidade adequada; ninguém vivendo nas ruas do Rio de Janeiro (...); urbanização, integração de todas as favelas (...) e, finalmente, esportes e cidadania jogando no mesmo time. Então esses cinco pontos transformaram-se na Agenda. (...) Então isso hoje é um documento oficial da cidade, que vai ser integrado (...) aos documentos dos Jogos Olímpicos.”

[BETINHO, NO PROGRAMA *RODA VIVA*, 23/12/1996]

No mesmo ano em que deixou o Comunidade Solidária, Betinho foi um dos que idealizou e lançou a Agenda Social da candidatura do Rio de Janeiro à sede das Olimpíadas de 2004 (imagens ao lado). O Rio não foi escolhido a sede, mas o Ibase seguiu com o trabalho da Agenda Social Rio, após a morte de Betinho.






A black and white photograph showing a person sitting on a stone path in a garden. The person is wearing a light-colored long-sleeved shirt and dark shoes. The path is made of large rectangular stones with a decorative border of smaller stones. In the background, there are various plants and a house with a tiled roof. The overall scene is peaceful and domestic.

BETINHO NA SUA CASA
EM ITATIAIA (RJ)

AIDS, LUTA POLÍTICA



“Agora, o fato
de eu estar
lutando alivia.”

Porque se você se concentra só na dimensão da tragédia, você afunda com ela. Então por isso é que o fato de a gente transformar isso numa luta política dá uma outra dimensão.”

[BETINHO, NO PROGRAMA *RODA VIVA*, 14/12/1987]





EDIÇÃO Nº 1 DA REVISTA *DEMOCRACIA VIVA*, LANÇADA PELO IBASE APÓS A MORTE DE BETINHO E EDITADA ATÉ HOJE PELA INSTITUIÇÃO

Betinho descobriu em 1986 ser portador do HIV, o vírus da aids, doença infecciosa que destrói as células responsáveis pela defesa do organismo. Betinho pega o vírus durante alguma das transfusões de sangue que precisava fazer por conta da hemofilia. O mesmo ocorreu com os seus irmãos, também hemofílicos, Henfil e Francisco Mário. Betinho incorporaria a aids entre as suas bandeiras. Ele assumiu publicamente ser portador do vírus, quando não havia ainda muitas informações sobre a doença, e no mesmo ano de 86 ajudou a fundar a Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids, a Abia.



“Esse desastre tem muitas origens, tem muitas causas.

A primeira causa é a ausência quase (...) absoluta de controle da qualidade do sangue na história do Brasil. (...) Esse sangue está contaminando pessoas hoje, aqui, agora. Não só hemofílicos, está contaminando crianças, está contaminando mulheres, homens, jovens e velhos.”

[BETINHO, NO PROGRAMA *RODA VIVA*, 14/12/1987]

“A aids surgiu nos anos 1980 como uma doença mortal e sem cura. Um vírus transmitido pela relação sexual ou pelo sangue que entrava no sistema imunitário e protegido (...), deixando suas vítimas expostas a todo tipo de doenças, que, em última análise, determinavam uma morte rápida, trágica e sem remédio. Associando sexo e morte, a aids transformou-se na bomba do século 20, que pretendia haver liberado o sexo e estar anulando gradualmente a morte. (...) Esse nascimento trágico determinou até agora as atitudes básicas diante da aids: o medo, a impotência, a fuga, a clandestinidade, a omissão, o terror e o abandono.”

[BETINHO, EM *A CURA DA AIDS*, P. 37 E 38]



NA OUTRA PÁGINA, BETINHO E O FILHO HENRIQUE.
AO LADO, BETINHO E MARIA NAKANO

“Eu descobri um vírus que não está isolado em laboratórios, que é o vírus do medo, que é o vírus do medo da aids.

Esse vírus já se propagou pela humanidade inteira. (...) E é esse vírus que está mudando o comportamento das pessoas, em alguns casos de forma absolutamente irracional.”

[BETINHO, NO PROGRAMA *RODA VIVA*, 14/12/1987]

“Decidi ajudar os meus irmãos hemofílicos,

e quando digo irmãos não são só os meus, mas todos os mil hemofílicos que estão registrados: 70% estão contaminados, mais de 35% já morreram, e deve haver uns 60% em tratamento. Foi então que decidi fundar a Abia. No dia da fundação brinquei: ‘Aceito ser o presidente e sou a primeira vítima dessa presidência’. Não fui. Aí comecei todo o processo de enfrentar a aids, não só na minha vida pessoal, mas também com os outros, porque essa doença miserável estigmatiza. A vítima passou a ser vista como culpada.

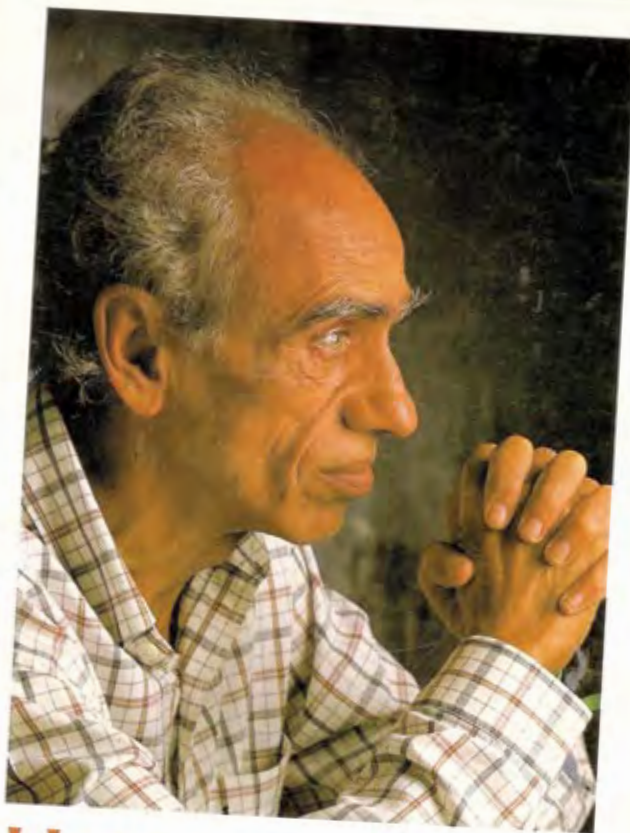
Há amigos, conhecidos meus, que optaram pela morte com anonimato. É uma coisa terrível você não enfrentar nem a sua própria vida, seu ato final, sua identidade final. Às vezes, amigos meus se espantam: ‘Como você assumiu publicamente que é portador do vírus?’. Hoje enfrento qualquer autoridade pública, federal, municipal ou estadual, qualquer instituição, e digo que estou atuando em legítima defesa de mim e de milhares de pessoas que estão predestinadas, milhares que vão ser contaminadas.”

[BETINHO, NO *JORNAL DO BRASIL*, 13/09/87]

“Ainda existem pessoas que se dão ao luxo de fazer discriminação contra aidético,

quer dizer, quem tem culpa é o aidético. Dizem: ‘A aids é uma doença de homossexual’. Não, homossexual (...) é uma vítima da aids, hemofílico é uma vítima da aids.”

[BETINHO, NO PROGRAMA *RODA VIVA*, 14/12/1987]



HERBERT DE SOUZA

A Cura da Aids

RELUME  DUMARÁ

“A aids é talvez a coisa mais pública no mundo, hoje. No entanto, o aidético é clandestino. Quer dizer, todos os aidéticos, com exceção de poucos, entre os quais me coloco, são clandestinos. Os aidéticos estão vivendo na mais completa clandestinidade. E não tem Doi-Codi, Operação Bandeirantes, polícia, que os descubra. E a maioria esmagadora está morrendo na clandestinidade. Alguns saem da clandestinidade pós-morte. Outros, nem depois da morte. Para alguns, a clandestinidade é superior à morte, e isso é um lado que me choca profundamente.”

[BETINHO, EM *CADERNOS DE HISTÓRIA E SAÚDE*, Nº 2, P. 26]

A *CURA DA AIDS* (1994) REUNIU TEXTOS DE BETINHO SOBRE A DOENÇA, COMO “O DIA DA CURA”, QUE RESULTOU NUM CURTA-METRAGEM DE FICÇÃO COM A PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DO PRÓPRIO BETINHO

Na charge ao lado, a visão de Paulo Caruso sobre o encontro de Betinho com o irmão Henfil no céu. Henfil e Francisco Mário morreram de aids em 1988, nove anos antes de Betinho. Em 87, Betinho falara a Zuenir Ventura, do *Jornal do Brasil*, e ao *Roda Viva*, da TV Cultura, sobre a sua condição como portador do HIV. Na TV, ele cobrou o acesso de todos ao AZT, remédio usado para controlar a doença. Demoraria ainda uma década para o Brasil disponibilizar na rede pública o coquetel de medicamentos antiaids.



“Não acredito que vá morrer de aids. Acho que vou aguentar até a cura.”

[BETINHO, NA FOLHA DE S. PAULO, 13/09/1987]

“O principal remédio é manter o horizonte de esperança.

Por isso eu me recuso a dizer que sou um condenado e que a aids não tem cura. Me recuso até a dizer que é um desastre; não é um desastre, é um grande desafio que a humanidade está enfrentando. E me recuso sobretudo a aceitar o estigma, a internalizar o sofrimento. Isso faz um mal terrível. (...) A melhor forma é enfrentar o problema em campo aberto.”

[BETINHO, NO *JORNAL DO BRASIL*, 13/09/1987]

“O governo brasileiro disse que tinha resolvido o problema do AZT. Não resolveu. A única coisa que fizeram foi dizer que não é mais ilegal comprar o AZT. Foi só isso. Por que o governo brasileiro não pôs o AZT no Brasil, que é a única forma de você ter o AZT? De que me adianta dizer que eu tenho AZT nos Estados Unidos? (...) Não adianta dizer que está dando uma chance simplesmente porque liberou e disse: ‘Não é mais contrabando’. Eu estava fazendo contrabando. (...) Para comprar para o meu irmão Francisco eu tive que arranjar um amigo nos Estados Unidos, que deu uma receita. Foi todo um esquema (...) para trazer o AZT (...). Agora, o nível de cinismo que às vezes eu vejo, entende? Em certos discursos oficiais, é fantástico, porque eles vão para a televisão, dizem que resolveram, todo mundo acha que resolveu. Não resolveu. (...) Sabe como é que eu estou comprando o AZT? Como nós estamos conseguindo dinheiro para comprar o AZT para o Chico? Através da solidariedade dos amigos! (...) Quando é um direito do cidadão, um direito da pessoa ter o tratamento.”

[BETINHO, NO PROGRAMA *RODA VIVA*, 14/12/1987]

“A velocidade com que a pesquisa científica está se desenvolvendo no caso da aids já nos permite muita esperança. Em dois anos, em um ano e até menos, não está afastada a possibilidade de cura. (...) Daqui a pouco, vão ter que fazer a ‘descampanha’ da aids: furem as camisinhas, trepem à vontade, façam amor adoidado porque acabou a paranoia. O importante é que o investimento científico na aids faz com que as pessoas (...) se sintam autorizadas pela vida a ter esperança, porque os caminhos da descoberta são imprevisíveis.”

[BETINHO, NO *JORNAL DO BRASIL*, 13/09/1987]

HUMOR COM POLÍTICA É UM PRATO CHEIO.

Tô COM
FOME!



Por apenas R\$ 5,00 você morre de rir com as eleições no livro "Henfil nas eleições" do Henfil. E ajuda a matar a fome de muita gente. À venda nas agências da Caixa Econômica Federal com renda para a campanha mais séria deste país.



À ESQUERDA, A GRAÚNA, FAMOSA PERSONAGEM DE HENFIL, AJUDA NA AÇÃO DA CIDADANIA. À DIREITA, BETINHO COM O IRMÃO CHICO MÁRIO



“Chico resolveu falar tudo sobre a doença e quer saber tudo sobre ela, mas Henfil sempre se recusou a entrar na ideia de que estava doente. Ele sempre negou radicalmente a hemofilia, sempre viveu como se não sofresse doença nenhuma, é o jeito dele. (...) Ele sempre lutou bravamente contra a doença, mas o que eu mais queria é que ele a assumisse. Agora ele não tem mais condições.”

[BETINHO, NA FOLHA DE S. PAULO, 13/09/1987]

“Ainda a lembrança do Chico no enterro do Henfil dizendo para mim, entre espanto e humor: ‘Hoje é o Henfil, amanhã serei eu, e você irá daqui a três anos... Bem, digamos cinco’.”

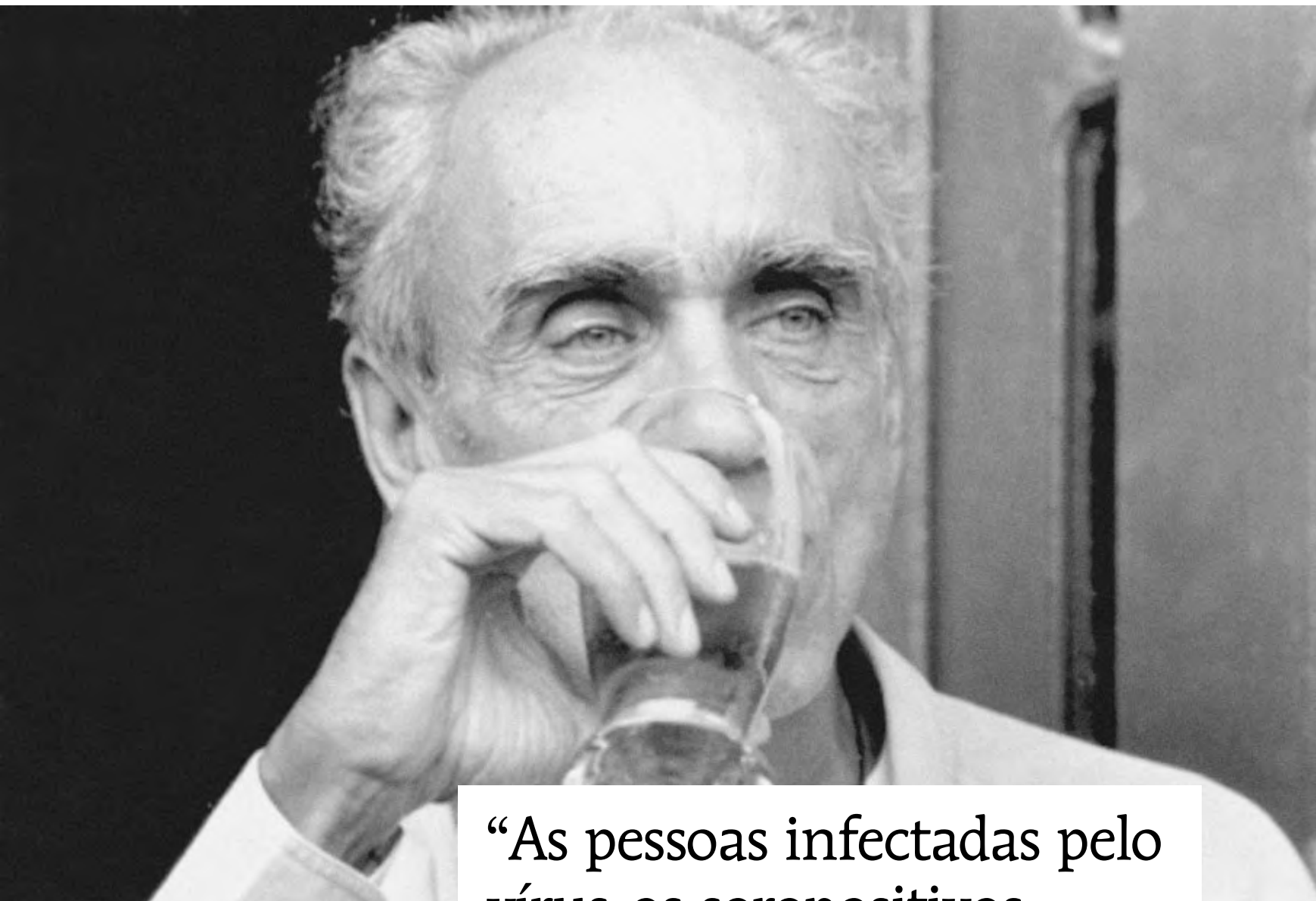
[BETINHO, NO JORNAL DO BRASIL, 30/01/1992]

“Depois de verificar que já se passaram quase três anos de minha morte anunciada, cheguei à conclusão que o melhor que faço é me preparar mesmo para continuar vivendo.”

[BETINHO, EM *ESCRITOS INDIGNADOS*, P. 137]

“Completo em janeiro de 1991 um ano de AZT. (...) Esse AZT foi comprado graças a iniciativas de algumas amigas que reuniram outros amigos e amigas para ajudarem na compra desse remédio e de outros gastos médicos. Aceitei essa espécie de ação entre amigos porque acredito na força terapêutica da solidariedade e porque temos razões de sobra para continuar lutando por causas que são maiores do que nossas doenças pessoais.”

[BETINHO, NA MENSAGEM PARA AMIGOS “BOLETIM DA VIDA”, NATAL DE 1990]



“Atualmente estou tomando um remédio, cerveja, que eu aconselho a todo mundo. Aliás, está provado que é uma grande medicação”, disse Betinho, antes de começar a tomar o AZT.

“As pessoas infectadas pelo vírus, os soropositivos,

que no princípio se pensava podiam viver alguns poucos anos, têm hoje uma expectativa de vida, sem o desenvolvimento da doença, da ordem de nove a dez anos, e acredita-se até que uma porcentagem delas possa não desenvolver a doença. (...) A ideia dos grupos de risco, que servia para isolar e criminalizar as vítimas, foi abandonada. Fala-se hoje em comportamento de risco, e sabe-se que em tese todas as pessoas podem vir a ser afetadas pela epidemia.”

[BETINHO, EM A CURA DA AIDS, P. 37 E 38]

“Presidente Fidel Castro,

Sou do tempo da Revolução Cubana. Defendi e defendo o direito do povo cubano fazer sua revolução e decidir o seu próprio destino sem interferência de inimigos ou amigos.

Defendo para Cuba o que defendo para mim e para o meu próprio povo: liberdade, igualdade, participação, respeito, diversidade e solidariedade. Feita essa introdução, desejo apresentar uma questão e fazer um apelo. A questão é a aids. Sou hemofílico de nascimento e soropositivo há quase dez anos. Sou também presidente da Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids desde 1986 e desenvolvo em meu país uma luta constante contra as políticas públicas do governo federal em relação à aids.

(...)Conhecendo a tradição humanista e revolucionária de Cuba, sabendo dos avanços de sua medicina, eu esperava que também Cuba se transformasse num exemplo mundial de como enfrentar a aids. O que li no *Granma* e soube por pessoas que visitaram Cuba, no entanto, constitui para mim um choque: soube que os soropositivos são submetidos a um processo de controle por agentes sanitários, que se caracteriza por uma espécie de vigilância à curta distância para impedir que a pessoa contaminada contamine

outras pessoas. Como sabemos que a transmissão do vírus se dá basicamente por via sexual, estaríamos diante do controle da vida sexual dos soropositivos por processos de vigilância que tenho dificuldades de imaginar como seriam feitos, além de discordar frontalmente de tal tipo de controle. Soube, também, que os doentes são levados aos hospitais e internados como doentes de aids, separados de suas famílias, do trabalho, de suas atividades. Para ser franco e direto: os doentes são segregados da sociedade pelo Estado e se transformam em presos políticos da epidemia.

(...) Agora que o presidente já tem quase o direito de se considerar eterno, gostaria de terminar com uma frase que vai começar uma nova postura nossa diante da aids: A aids não é mortal, mortais somos todos nós. A aids terá cura, e o seu remédio hoje é a solidariedade.

Abraços e saudades,

Herbert de Souza

Presidente da Abia

(Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids)”

[BETINHO, EM *O DIA DA CURA*, P. 21-25]



“Como todo brasileiro vejo televisão.

Depois de um dia de trabalho intenso cheguei em casa e liguei a TV para ver os noticiários quando fui pego de surpresa. Aparecia na tela um jovem que dizia ter tuberculose mas que estava curado. Respirei aliviado. Uma jovem dizia que tinha câncer e que teve cura. Fiquei mais animado ainda com o estado da medicina. Aí entra um jovem olha para mim e diz: ‘Eu tenho aids e não tenho cura!’. (...) Custava a crer que fosse uma propaganda promovida pelo Ministério da Saúde, mas era. (...) Hoje me vejo nessa situação embaraçosa para mim e meus amigos. Minha morte não ocorreu! (...) Minha saúde continua boa apesar de todas as campanhas do Ministério da Saúde e de todos os remédios que tomo, incluindo a cerveja, que até hoje não apresentou nenhum efeito colateral tomada com AZT. Trabalho intensamente como se estivesse realmente vivo. Vou ao cinema, a shows musicais sem provocar nenhum espanto entre aqueles que me veem entrar vivo. (...) Meu analista, desesperado com a minha insistência em não morrer, já me propôs o fim do tratamento. (...) Foi aí que a propaganda do Ministério da Saúde veio me recolocar no meu devido lugar.”

[BETINHO, EM *ESCRITOS INDIGNADOS*, P. 136-138]



“Esse foi o
grande erro.

Eu tentei resolver um problema
público, por meios privados.”

[BETINHO, NO PROGRAMA *RODA VIVA*, 23/12/1996]





O CASO DO JOGO DO BICHO

Betinho viveu, em 1994, o episódio, segundo ele, “mais duro, do ponto de vista pessoal”, da sua vida. Veio à tona que ele e Nilo Batista, então governador do Rio de Janeiro, haviam recebido dinheiro do jogo do bicho para a Abia, que passava por dificuldades financeiras.

CHARGE DE LAERTE, EM QUE O CARTUNISTA FAZ REFERÊNCIA AO CASO BETINHO E O DINHEIRO DO JOGO DO BICHO

Depois da morte de Betinho, Nani e Marco também fizeram a sua leitura sobre o céu com Betinho. Nos últimos anos de vida, Betinho recebeu várias cartas de pessoas que procuravam se solidarizar, pedir conselhos e até oferecer curas milagrosas para a aids (veja na outra página).



“Se eu sou pai e meu filho está passando fome, eu roubo. Se eu não tiver outro meio, eu roubo, porque o antiético, no caso, é deixar meu filho passar fome. (...) O raciocínio da contribuição foi parecido, porque nós dissemos: ‘Nós estamos falindo, precisamos de US\$ 40 mil’. Eu fui ao Nilo e pedi a ele. Aí ele falou assim: ‘Olha, eu me separei, estou com problemas, mas a gente pode pensar em outras formas’. Aí, se lembrou – não sei se fui eu, quem foi. Eu assumo, fui eu, tá? ‘Quem tem dinheiro vivo sonante é bicheiro’; e o Nilo dizia: ‘Isto é contravenção, não é crime’. Eu falei: ‘Bom, está liberado’.”

[BETINHO, NO PROGRAMA RODA VIVA, 23/12/1996]

“A novidade da Ação da Cidadania não está em ter um santo (...).

O santo Betinho. Sempre disse que essa campanha não tem dono (...). Por facilidade ou por vício, a verdade é que a mídia sempre concentrou um dos maiores movimentos da história brasileira na minha pessoa, tal como foi nos anos 1986 e 88 na questão da aids. (...) Quem sabe esse episódio não sirva para acabar com essa mania que tem a mídia de encarnar todas as causas nos seus santos ou demônios (...). A ética no Brasil não está órfã, ela está mais viva do que nunca (...). Felizmente, a ética, ela não precisa de mim. É muito bom que se perca essa fé na minha infalibilidade.”

[BETINHO, EM CARTA AO JORNAL DO BRASIL, 09/04/1994, NA QUAL ELE REBATEU CRÍTICAS DO JORNAL POR CONTA DO CASO DO JOGO DO BICHO]

“Esse episódio me atingiu num momento

em que eu precisava de credibilidade para tocar a Ação da Cidadania, e ele foi em cima da minha credibilidade de uma forma impiedosa. O que acontece é que, talvez pela minha formação cristã, eu sou o único réu confesso neste país, porque eu assumi, chamei a imprensa, contei tudo, chorei, não é?”

[BETINHO, NO PROGRAMA RODA VIVA, 23/12/1996]



“Preciso muito de sua ajuda. Apesar de não nos conhecermos pessoalmente, tomo a liberdade de recorrer a você neste momento em que estou sofrendo muito. (...) Tenho o vírus da aids há, no mínimo, cinco anos. Fiquei sabendo há três anos. Não tive coragem de partilhar isso com nenhum amigo ou parente. (...) Estou apavorada principalmente porque o médico me receitou AZT. (...) Sinto que cada cápsula que tomar é um veneno que vai me fazer mal e matar. E se não tomar...!!!??? Por isso, Betinho, estou recorrendo a você. Tudo que leio sobre você (...) me leva a crer que você está enfrentando com muita garra, equilíbrio e consciência (...) a sua situação. Tenho pensado: ‘Será que ele está tomando AZT? O que ele pensa disso?’.”


[CARTA A BETINHO, DATADA DE 08/02/1993, ARQUIVO HERBERT DE SOUZA, CPDOC/FGV]

“Estou horrorizada pelo fato de que uma pessoa muito querida tenha se infeccionado com o vírus HIV (...) e acho que o senhor é a pessoa certa para me dar algumas informações, por tudo que passa de positivo. (...) Por favor, responda-me estas perguntas: o que faz para ter tanta energia?; qual o médico que o acompanha em seu tratamento?; fez uso de alguma medicação? Por favor, preciso demais da sua ajuda.”

[CARTA A BETINHO, DATADA DE 04/12/1995, ARQUIVO HERBERT DE SOUZA, CPDOC/FGV]

“Estando a par de sua enfermidade pela TV, (...) com a ajuda de Deus eu faço questão de te curar. Como acertei com a cura (...) de várias outras doenças, como bronquite, asma, tuberculose (...), posso também acabar com essa doença terrível. Combato essas doenças através de remédios homeopáticos e também orações. Você não precisa de mais do que um litro do meu remédio para ficar curado. (...) Se você se interessar faço questão da sua presença aqui em minha casa. (...) Não custará nada para você. Juntos vamos alcançar essa vitória.”

[CARTA A BETINHO, DATADA DE 16/08/1993, ARQUIVO HERBERT DE SOUZA, CPDOC/FGV]



“Irei ao meu
enterro sem
grandes penas

e principalmente sem trabalho, carregado.
Não tenho curiosidade para saber quando,
mas sei que não demora muito.

Quero morrer em paz, na cama, sem dor,
com Maria ao meu lado e sem muitos
amigos, porque a morte não é ocasião para se
chorar, mas celebrar um fim, uma história.”

[BETINHO, EM *ESTREITOS NÓS*, P. 23]



Agora é com vocês!

Comitês assumem
compromisso de
manter acesa a
solidariedade
desencadeada por
Betinho

Pág. 6



O FIM DA MUDANÇA

Herbert José de Souza, o Betinho, morreu de aids, em casa, aos 61 anos, no dia 9 de agosto de 1997. A citação da página ao lado corresponde a um trecho da carta que ele deixou para a mulher, Maria Nakano.

A PRIMEIRA EDIÇÃO DO JORNAL DA CIDADANIA
DO IBASE APÓS A MORTE DE BETINHO

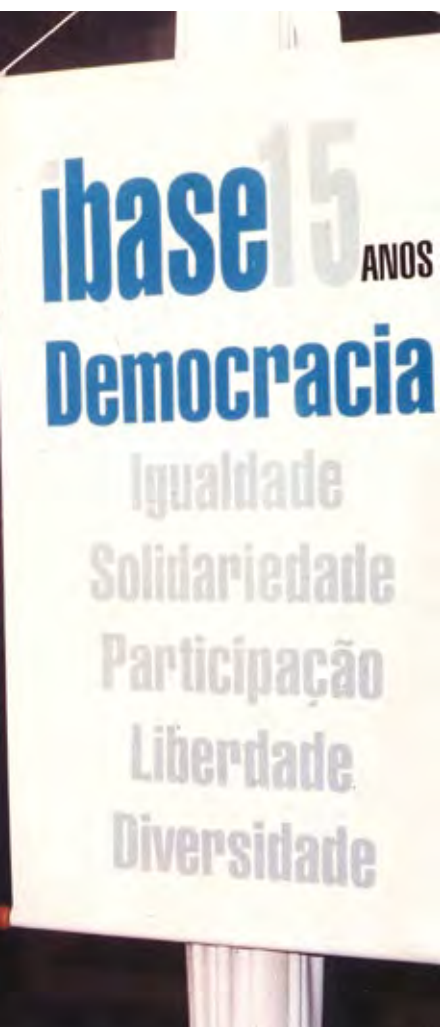
BETINHO NO EVENTO DO ANIVERSÁRIO DE 15 ANOS DO IBASE, EM 1996, AO LADO DE CARLOS AFONSO E CÂNDIDO GRZYBOWSKI (NO CENTRO), DIRIGENTES DA INSTITUIÇÃO. NA OUTRA PÁGINA, COM AMIGOS, NO SÍTIO EM ITATIAIA



“Eu não tenho nenhuma expectativa sobre o além.

Se ele existir, para mim vai ser uma tremenda surpresa. Aí, eu vou encontrar com o Henfil, com o Chico, eu vou saber quem está no céu, quem está no inferno, o que vai ser um prazer (...). Mas isso não é coisa que me preocupa. Eu não me preocupo em provar que exista Deus ou não exista Deus. Acho que a vida é a coisa fundamental, viver é que é fundamental, e só existe mudança enquanto existe vida. Para mim a morte é o fim da mudança.”

[BETINHO, NO PROGRAMA *RODA VIVA*, 23/12/1996]



“Apesar de todos os problemas,

eu posso dizer enfaticamente que estou vivo por causa do coquetel, porque antes eu era uma pessoa assintomática. Depois, as infecções começaram a aparecer e, normalmente, quando isso acontecia, com um ano você estava morto. Então, eu estive muito perto, recentemente eu estive muito perto. E, hoje, estou ativo na resistência (...). O que me deixa pessoalmente com um drama de consciência, porque uma minoria tem acesso ao coquetel.”

[BETINHO, NO PROGRAMA *RODA VIVA*, 23/12/1996]

CRONOLOGIA

	BRASIL / MUNDO	BETINHO
1935	Levantes comunistas em Natal (25 de novembro), Recife (26 de novembro) e Rio de Janeiro (27 de novembro) com o objetivo de derrubar o presidente Getúlio Vargas, no poder desde a Revolução de 1930.	Em 3 de novembro, nasce Herbert José de Souza, em Bocaiúva (MG), filho de Henrique José de Souza e de Maria da Conceição Figueiredo de Souza. O casal teve muitos filhos. Todos os homens sofriam de hemofilia.
1937	Em 10 de novembro, Vargas instala via golpe o regime ditatorial conhecido como Estado Novo e garante a sua continuidade no poder.	A família de Betinho se transfere para Ribeirão das Neves (MG). O pai de Betinho vai trabalhar numa penitenciária agrícola.
1943		Seu Henrique, pai de Betinho, é nomeado prefeito de Bocaiúva.
1945	Fim do Estado Novo. Eleições diretas, em dezembro, elegem Eurico Gaspar Dutra para presidente do Brasil.	A família volta a Ribeirão das Neves e pouco depois se instala em Belo Horizonte. Betinho interrompe os estudos devido a complicações da hemofilia.
1949		Betinho inicia o curso ginasial.
1950	Getúlio Vargas é eleito, em outubro, presidente do Brasil.	Betinho contrai tuberculose e interrompe novamente os estudos. Por três anos fica confinado num quarto nos fundos da sua casa, maneira encontrada pelos seus pais para não interná-lo.
1953		Conhece frei Mateus, da Juventude Estudantil Católica (JEC), ramo da Ação Católica Brasileira.

BRASIL / MUNDO	BETINHO
1954 Em 24 de agosto, Vargas se suicida. Seu vice, Café Filho, assume a Presidência.	Betinho obtém certificado equivalente ao de conclusão do curso ginásial.
1955 Juscelino Kubitschek é eleito presidente da República.	Ingressa no curso clássico do Colégio Estadual de Belo Horizonte, onde participa do grêmio estudantil.
1958	Betinho ingressa no curso de Sociologia e Política da UFMG. Passa a militar na Juventude Universitária Católica (JUC).
1961 Jânio Quadros, eleito no final de 1960 presidente da República, renuncia no dia 25 de agosto. O vice, João Goulart, só assume a Presidência da República no dia 7 de setembro.	Betinho viaja para Porto Alegre (RS) onde o governador Leonel Brizola liderava a Campanha da Legalidade, em defesa da posse do vice-presidente João Goulart (Jango). Os ministros militares eram contra. Betinho visita a União Soviética como líder estudantil.
1962	Formado, trabalha alguns meses como técnico do Banco de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais e em seguida transfere-se para o Rio de Janeiro. Participa da fundação e torna-se um dos dirigentes da Ação Popular, a AP.

BRASIL / MUNDO	BETINHO
<p>1963</p>	<p>Torna-se assessor do ministro da Educação, Paulo de Tarso, e empenha-se na campanha de alfabetização de adultos liderada por Paulo Freire.</p> <p>É transferido para a Superintendência de Política Agrária (Supra) e passa a assessorar o diretor, Francisco Whitaker.</p> <p>Colabora com o então deputado federal Leonel Brizola na formação do chamado Grupo dos Onze, movimento de pressão pelas reformas de base.</p>
<p>1964 Golpe militar, no dia 31 de março, derruba o presidente João Goulart. O general Castelo Branco assume a Presidência da República.</p>	<p>Betinho é demitido da Supra e inicia então um longo período na clandestinidade.</p> <p>Em julho, o Centro de Informações da Marinha (Cenimar) pede a prisão de Betinho.</p> <p>Em agosto Betinho vai para Montevidéu, onde participa da Frente de Mobilização Popular, organização de opositores brasileiros de diversas tendências ideológicas.</p> <p>Casa-se por procuração com Irles Coutinho de Carvalho, que havia conhecido na UNE. Ela vai ao seu encontro no Uruguai.</p>
<p>1965</p>	<p>Betinho viaja a Cuba para angariar recursos financeiros para um movimento insurrecional a ser liderado por Brizola.</p> <p>Nasce em São Paulo o seu primeiro filho, Daniel.</p>
<p>1966</p>	<p>Betinho é preso em casa, no bairro carioca de Botafogo, em 22 de dezembro, e levado para o Departamento de Ordem Política e Social (Dops). No dia seguinte, por ser antevéspera de Natal, o delegado permite que ele vá para casa e volte na segunda-feira. No domingo, Betinho pede abrigo no Consulado do México, onde fica dez dias. Volta à clandestinidade.</p>

BRASIL / MUNDO	BETINHO
<p>1967 Assume a Presidência da República o general Costa e Silva, representante da chamada linha-dura militar.</p>	<p>Betinho viaja a Cuba para participar do Congresso da Organização Latino-americana de Solidariedade (Olas). Permanece por 11 meses no país, na expectativa da realização do encontro.</p>
<p>1968 Decretado em dezembro o Ato Institucional nº 5 (AI-5), que amplia os poderes do presidente e endurece o regime.</p>	<p>Betinho volta de Cuba para o Brasil em setembro e vai trabalhar como operário numa fábrica de porcelana em Mauá (SP).</p>
<p>1969 Em outubro, o general Emílio Garrastazu Médici é escolhido o novo presidente da República.</p>	<p>Por problemas de segurança, Betinho transfere-se para Santo André, no ABC paulista.</p>
<p>1970 Brasil é tricampeão mundial de futebol.</p>	<p>Após a prisão de 60 militantes da AP na região do ABC, Betinho segue para a capital São Paulo.</p> <p>Separa-se de Irles.</p> <p>Começa a namorar Maria Nakano, militante da AP, que se tornaria a sua companheira até o fim da vida.</p>
<p>1971</p>	<p>Betinho exila-se no Chile, que vivia sob o governo socialista de Salvador Allende. Trabalha como auxiliar de pesquisa na Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (Flasco).</p>
<p>1972</p>	<p>Torna-se diretor-executivo do Instituto de Estudos Sociais e Econômicos (Iese), organismo de ensino e pesquisa sobre a América Latina, e um dos diretores de Datos, boletim mensal da entidade.</p> <p>Em setembro, Betinho é julgado e condenado no Brasil, à revelia, a cinco anos de prisão.</p> <p>Rompe com a AP.</p>

BRASIL / MUNDO	BETINHO
<p>1973 Golpe de Estado derruba o governo Allende, em 11 de setembro.</p>	<p>A convite de Darcy Ribeiro, Betinho trabalha para a Oficina de Planificação da Presidência da República (Odeplan) do Chile. Paralelamente, ministra um curso no Departamento de Sociologia da Universidade Católica, em Santiago.</p> <p>Betinho e Maria Nakano procuram asilo na Embaixada do Panamá. No mês seguinte, exila-se no Panamá, onde passa cinco meses.</p>
<p>1974 Em 15 de março toma posse na Presidência do Brasil o general Ernesto Geisel, que anunciaria a distensão “lenta e gradual” do regime.</p>	<p>Betinho transfere-se com Maria Nakano para o Canadá.</p> <p>Inicia o doutorado em Ciência Política na Universidade de York. Cria com outros exilados a Latin American Research Unit (Laru), entidade voltada para estudos socioeconômicos da América Latina. Dirige a publicação <i>Brazilian Studies</i>.</p>
<p>1975 O jornalista Vladimir Herzog, diretor de jornalismo da TV Cultura, de São Paulo, é, após preso, encontrado morto, nas dependências do 2ª Exército, em São Paulo.</p>	
<p>1976 O operário Manoel Fiel Filho é preso por órgãos de segurança em São Paulo e encontrado em seguida morto.</p>	
<p>1977 O presidente Geisel fecha o Congresso por 14 dias e impõe o chamado Pacote de Abril, com medidas políticas restritivas para garantir a maioria governista no Legislativo.</p>	<p>Betinho torna-se professor visitante do Institute of Latin American Studies, da Universidade de Glasgow, por convite de Theotonio dos Santos, e fica na Escócia por alguns meses. Nesse mesmo período, Maria Nakano vai para São Tomé, na África, onde trabalha num projeto governamental na área de comunicação.</p>

BRASIL / MUNDO	BETINHO
<p>1978 Estouram as greves no ABC paulista, sob a liderança do dirigente sindical Luiz Inácio Lula da Silva.</p>	<p>Vivendo no México, Betinho leciona Ciência Política na Universidade Nacional Autônoma do México (Unam).</p> <p>Torna-se diretor do Conselho Latino-americano de Pesquisa para a Paz e membro da direção da Unidade de Investigação Latino-americana.</p> <p>No México tem encontros com Francisco Julião, Leonel Brizola, Neiva Moreira, Theotônio dos Santos e outros para discutir a formação de um partido no Brasil.</p>
<p>1979 Toma posse na Presidência da República o general João Baptista Figueiredo.</p> <p>Lei da Anistia, em 28 de agosto.</p>	<p>Em junho, Betinho participa de de um encontro de trabalhistas, liderado por Leonel Brizola, em Lisboa.</p> <p>Carlos Afonso propõe a Betinho, Marcos Ar-ruda e Paulo Freire a criação de uma entidade autônoma que acompanhasse as políticas governamentais e fornecesse informações aos movimentos populares.</p> <p>Após oito anos de exílio, Betinho volta ao Brasil. No aeroporto, é recepcionado por cerca de 200 pessoas que cantam <i>O bêbado e a equilibrista</i>.</p> <p>Retorna ao México e volta definitivamente ao Brasil em dezembro.</p>
<p>1981</p>	<p>Betinho funda com Carlos Afonso e Marcos Ar-ruda o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase).</p> <p>Trabalha como consultor da FAO para projetos agrários e migrações na América Latina.</p>
<p>1982 Eleições diretas para governadores.</p>	<p>Em abril, nasce Henrique, seu segundo filho.</p>

BRASIL / MUNDO	BETINHO
<p>1983 Começa um amplo movimento popular pelas eleições presidenciais diretas, mobilização que ficou conhecida como Diretas Já.</p>	<p>Betinho coordena a Campanha Nacional pela Reforma Agrária, lançada pelo Ibase e outras entidades.</p> <p>O Ibase lança o livro <i>Carajás: o Brasil hipoteca o seu futuro</i>.</p>
<p>1984</p>	<p>O Ibase lança o livro <i>Cerrados: uma ocupação japonesa no campo</i>.</p>
<p>1985 Derrotado o movimento Diretas Já, o opositor Tancredo Neves é eleito de forma indireta, em 15 de janeiro, presidente da República. Entretanto, com a sua morte, o seu vice, José Sarney, assume o cargo.</p>	
<p>1986</p>	<p>Betinho contrai o vírus da aids de uma das transfusões de sangue que fazia com frequência devido à hemofilia. O mesmo ocorre com os seus irmãos Henfil e Chico Mário.</p> <p>Em dezembro, Betinho funda a Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (Abia) e é eleito o seu presidente.</p>
<p>1987</p>	<p>Betinho participa da campanha pela aprovação de emendas populares na Assembleia Nacional Constituinte.</p>
<p>1988 Aprovada a nova Constituição.</p>	<p>No início do ano morrem seus irmãos Henfil e Chico Mário, em decorrência da aids.</p> <p>O Ibase participa da campanha de valorização da cidade do Rio "Se liga, Rio".</p>
<p>1989 Fernando Collor é eleito presidente do Brasil de forma, enfim, direta.</p>	<p>Passa a funcionar plenamente o primeiro servidor brasileiro a permitir acesso à internet, o Alternex, montado pela equipe do Ibase.</p>

BRASIL / MUNDO	BETINHO
<p>1990</p>	<p>Betinho coordena a campanha “Não deixe sua cor passar em branco”, que tinha o propósito de incentivar os cidadãos a declararem a sua cor no Censo.</p> <p>Betinho idealiza o encontro “Terra e Democracia”, que se realiza em 23 de setembro, com o objetivo de denunciar os elevados índices de violência no campo. O evento reúne 200 mil pessoas no Aterro do Flamengo.</p>
<p>1991</p>	<p>Em julho, Betinho recebe o Prêmio Global 500, um dos mais importantes prêmios ambientais, oferecido pela ONU.</p> <p>Em outubro, coordena o lançamento do projeto “Se essa rua fosse minha”, voltado para a população de crianças de rua do Rio de Janeiro.</p> <p>O curta-metragem “Acorda, Raimundo... Acorda!”, produzido pelo Ibase, é premiado no Festival do Novo Cinema Latino-americano de 1991, em Cuba.</p>
<p>1992 Depois de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) no Congresso e grande mobilização popular, Fernando Collor deixa a Presidência da República. O seu vice, Itamar Franco, assume.</p>	<p>Betinho participa do Movimento pela Ética na Política, que reúne importantes personalidades e entidades da sociedade civil, a favor da apuração das denúncias de corrupção no governo Fernando Collor.</p> <p>O Ibase teve participação destacada na Rio-92. Foi responsável pela instalação de rede de computadores em todos os espaços da conferência.</p>
<p>1993</p>	<p>Betinho é um dos principais articuladores da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida, lançada em março.</p> <p>Betinho passa a fazer parte do Conselho Nacional de Segurança Alimentar (Consea).</p> <p>Recebe do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) o Prêmio Crianças e Paz, concedido em reconhecimento ao seu trabalho em defesa das crianças brasileiras.</p>

BRASIL / MUNDO	BETINHO
<p>1994 Fernando Henrique Cardoso é eleito presidente do Brasil.</p>	<p>Sob o lema “comida para combater a fome e trabalho para combater a miséria”, Betinho lança a campanha contra o desemprego, segunda etapa da Ação da Cidadania.</p> <p>Em abril, torna-se público que Betinho e Nilo Batista, então governador do Rio de Janeiro, receberam dinheiro do jogo do bicho para ajudar a Abia.</p> <p>Em agosto, faz um pronunciamento na ONU, em reunião preparatória para a Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Social.</p> <p>O Ibase lança a primeira edição do <i>Jornal da Cidadania</i>. A publicação duraria até o número 144, de abril de 2009.</p>
<p>1995</p>	<p>No dia da posse do presidente Fernando Henrique Cardoso, Betinho lhe entrega o documento Carta da Terra.</p> <p>Em fevereiro, toma posse como membro do conselho consultivo do projeto Comunidade Solidária, que substitui o Consea.</p>
<p>1996</p>	<p>No Carnaval carioca a Escola de Samba Império Serrano homenageia Betinho no enredo “E verás que um filho teu não foge à luta”. Betinho participa do desfile.</p> <p>Deixa o conselho do projeto Comunidade Solidária e faz críticas ao governo.</p> <p>Recebe o título de doutor <i>honoris causa</i> da Universidade de York.</p> <p>Aproveitando a candidatura do Rio de Janeiro para sediar os Jogos Olímpicos de 2004, Betinho apresenta ao Comitê Olímpico Internacional (COI) a Agenda Social Rio 2004, programa que estabelece metas para a melhoria da qualidade de vida dos moradores da cidade.</p>
<p>1997</p>	<p>Betinho lança a campanha pela responsabilidade social das empresas.</p> <p>No dia 9 de agosto, Betinho morre em sua casa, em decorrência da aids.</p>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVOS CONSULTADOS

Acervo do Centro de Pesquisa e Documentação (CPDoc) do *Jornal do Brasil*

Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa

Acervo no Museu Histórico da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB)

Arquivo André Carrazzoni, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)

Arquivo Antônio Carlos Murici, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)

Arquivo Castilho Cabral, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)

Arquivo Costa e Silva, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)

Arquivo do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase)

Arquivo Eptácio Cavalcanti Albuquerque, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)

Arquivo Ernâni do Amaral Peixoto, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)

Arquivo Ernesto Geisel, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)

Arquivo Flexa Ribeiro, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)

Arquivo Getúlio Vargas, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)

Arquivo Gustavo Capanema, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)

Arquivo Henrique Teixeira Lott, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)

Arquivo Herbert de Souza, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)

Arquivo João Goulart, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)

Arquivo Juracy Magalhães, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)

Arquivo Mena Barreto, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)

Arquivo Nelson de Mello, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)

Arquivo Oswaldo Aranha, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)

Arquivo pessoal de Maria Nakano

Arquivo Tancredo Neves, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)

Arquivo Ulysses Guimarães, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)

Arquivo Vasco Leitão da Cunha, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)

Centro de Documentação e Memória da Fundação Maurício Grabois

LIVROS, ARTIGOS E ENTREVISTAS

AFONSO, Carlos A.; SOUZA, Herbert de. *O Estado e o desenvolvimento capitalista no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

CASTRO GOMES, Angela; PANDOLFI, Dulce Chaves; ALBERTI, Verena (orgs.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

CAVALCANTI, Pedro Celso Uchoa; RAMOS, Jovelino (orgs.). *De muitos caminhos*. Coleção "Memórias do exílio. Brasil 1964 -19???". Lisboa: Arcádia, 1976.

FICO, Carlos. *Ibase: usina de ideias*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

GONTIJO, Ricardo; SOUZA, Herbert de. *Sem vergona da utopia*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1988.

JUNQUEIRA, Zilda Almeida (org.). *Os caminhos da democracia. Entrevistas de Herbert de Souza e outros a Alfredo Alves*. Rio de Janeiro: Canal Imaginário, 2009.

LIMA, Luiz Gonzaga de Souza; MOISÉS, José Álvaro; SOUZA, Herbert José de (orgs.). *Alternativas populares da democracia: Brasil anos 80*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1982.

- LÖWY, Michael (org.). *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.
- MORAES, Dênis de. *A esquerda e o golpe de 64*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.
- NAKANO, Maria; ROITMAN, Ari (orgs.) *Estreitos nós*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.
- PANDOLFI, Dulce; HEYMANN, Luciana (orgs.). *Um abraço, Betinho*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- RIDENTI, Marcelo. “Ação Popular: cristianismo e marxismo”. IN RIDENTI, Marcelo; REIS, Daniel Aarão (orgs.). *História do marxismo no Brasil: partidos e organizações de 1920 a 60*. Campinas (SP): Unicamp, 2007.
- RODRIGUES, Carla. *Betinho – sertanejo, mineiro, brasileiro*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.
- RODRIGES, Carla (org.). *Democracia: cinco princípios e um fim*. “Coleção Polêmica”. São Paulo: Moderna, 1996.
- SOUZA, Herbert de. *A cura da aids*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- SOUZA, Herbert de. *A lista de Aílce*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- SOUZA, Herbert de. *Construir a utopia – proposta de democracia*. “Coleção Fazer”. Petrópolis (RJ): Vozes, 1987.
- SOUZA, Herbert de. “Cultura popular”. IN jornal *Tribuna Universitária*, Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFMG, 16/04/1962.
- SOUZA, Herbert de. Depoimento no *Cardernos de história e saúde*, nº 2. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1992.
- SOUZA, Herbert de. Entrevista ao *Jornal do Brasil*, 13/09/1987.
- SOUZA, Herbert de. Entrevista ao *Paquim*. Rio de Janeiro, número 519, 1979.
- SOUZA, Herbert de. Entrevista ao programa *Roda Viva*, da TV Cultura, 14/12/1987.
- SOUZA, Herbert de. Entrevista ao programa *Roda Viva*, da TV Cultura, 23/12/1996.
- SOUZA, Herbert de. Entrevista à revista *Teoria e Debate*. São Paulo: Partido dos Trabalhadores, nº 16, 1991.
- SOUZA, Herbert de. *Escritos indignados*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.
- SOUZA, Herbert de. “Limite do escândalo”. IN: *Jornal do Brasil*, 23/09/1990.
- SOUZA, Herbert de. *No fio da navalha*. Rio de Janeiro: Revan, 1996.
- SOUZA, Herbert de. *Revoluções da minha geração*. São Paulo: Moderna, 1996b.
- SOUZA, Herbert de; RODRIGUES, Carla. *Ética e cidadania*. São Paulo: Moderna (Coleção Polêmica), 1994.

TEXTOS DE JORNAIS E REVISTAS

“O gigante Betinho”. IN: *Caras*, 05/08/1994.

“O governo dominou rapidamente o movimento armado na Escola de Aviação e na Praia Vermelha”. IN: *Jornal do Brasil*, 28/11/1935.

“Sangue com aids contamina Henfil e irmãos”. IN: *Folha de S. Paulo*, 13/09/1987.

DOCUMENTOS CITADOS NESTE LIVRO

DO ARQUIVO DO INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS (IBASE):

“Carta da Ação da Cidadania”, sem data. Citada na p. 164

“Carta da Terra”, sem data. Citada na p. 182

DO ARQUIVO HERBERT DE SOUZA, CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC) DA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV):

“10 anos e 4 gerações”, 1974. Citado na p. 110

“Boletim da vida”, 1990. Citado na p. 198

Carta de Henfil a Betinho, de 10/05/1978. Citada na p. 97

Carta de Herbert de Souza a Maria Nakano, de 23/05/1977. Citada na p. 96

Carta de Herbert de Souza a Oded Grajew, de 17/08/1994. Citada na p. 170

Carta de Herbert de Souza a Zuenir Ventura/*Jornal do Brasil*, de 08/04/1994. Citada na p. 204

Carta de popular a Betinho, de 08/02/1993. Citada na p. 205

Carta de popular a Betinho, de 16/08/1993. Citada na p. 205

Carta de popular a Betinho, de 04/12/1995. Citada na p. 205

Carta de René Dreyfuss a Betinho, de 09/08/1979. Citada na p. 98

“Eu”, s/d. Citado nas p. 24 e 27

“ONGs: opção pela democracia”, 1992. Citado na p. 161

“Sobre a clandestinidade”, 1972. Citado na p. 91

DO ARQUIVO TANCREDO NEVES, CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC) DA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV):

Mensagem de Tancredo Neves a José Sarney, de 23/03/1985. Citada na p. 109

CRÉDITOS DAS IMAGENS

PÁGINAS 2 E 3:
Arquivo pessoal de Maria Nakano

PÁGINAS 10 E 11:
Arquivo do Ibase

PÁGINAS 12 E 13:
Arquivo do Ibase

PÁGINA 15:
Arquivo do Ibase

PÁGINAS 16 E 17:
Acervo Iconographia

PÁGINA 19:
Arquivo Gustavo Capanema,
CPDOC/FGV

PÁGINA 20:
Wikimedia Commons

PÁGINAS 20 E 21:
Acervo Iconographia

PÁGINA 22:
CPDoc do JB

PÁGINA 23:
Acervo Iconographia

PÁGINA 25:
Arquivo Herbert de Souza, CPDOC/
FGV (certidão) e Arquivo pessoal de
Maria Nakano (restante)

PÁGINAS 26 E 27:
Arquivo pessoal de Maria Nakano

PÁGINAS 28 E 29:
Agência Estado

PÁGINA 31:
Agência Estado

PÁGINA 33:
Arquivo pessoal de Maria Nakano

PÁGINA 35:
Agência Estado

PÁGINA 36:
Arquivo pessoal de Maria Nakano

PÁGINAS 36 E 37:
Arquivo pessoal de Maria Nakano

PÁGINAS 38, 39 E 41:
Arquivo André Carrazzoni, CPDOC/FGV

PÁGINA 42:
Arquivo Ernâni do Amaral Peixoto,
CPDOC/FGV

PÁGINA 43:
Arquivo André Carrazzoni, CPDOC/FGV

PÁGINAS 44 E 45:
Arquivo Tancredo Neves, CPDOC/FGV

PÁGINA 48:
Arquivo Henrique Teixeira Lott,
CPDOC/FGV (no alto) e Câmara
dos Deputados

PÁGINAS 48 E 49:
Arquivo Nelson de Mello, CPDOC/FGV

PÁGINAS 51 E 52:
Arquivo Castilho Cabral, CPDOC/FGV

PÁGINA 53:
Arquivo Tancredo Neves, CPDOC/FGV

PÁGINAS 54 E 55:
Acervo do Museu da Comunicação
Hipólito José da Costa

PÁGINA 57:
CPDoc do JB

PÁGINA 58:
Arquivo pessoal de Maria Nakano

PÁGINA 59:
Arquivo Tancredo Neves, CPDOC/FGV

PÁGINAS 60 E 61:
Arquivo Ernesto Geisel, CPDOC/FGV

PÁGINA 63:
Blog do Planalto/Flickr

PÁGINA 64:
Arquivo André Carrazzoni, CPDOC/FGV

PÁGINAS 65 A 67:
Arquivo Ernesto Geisel, CPDOC/FGV

PÁGINAS 68 E 69:
Acervo do Museu da Comunicação
Hipólito José da Costa

PÁGINAS 70 E 71:
Arquivo Ernesto Geisel, CPDOC/FGV

PÁGINA 73:
Arquivo Tancredo Neves, CPDOC/FGV

PÁGINAS 74 E 75:
Arquivo Ernesto Geisel, CPDOC/FGV

PÁGINA 77:
Arquivo Costa e Silva, CPDOC/FGV

PÁGINAS 78 E 79:
Arquivo Flexa Ribeiro, CPDOC/FGV

PÁGINAS 80, 81 E 83:
Arquivo Ernesto Geisel, CPDOC/FGV

PÁGINA 84:
Arquivo Tancredo Neves, CPDOC/FGV

PÁGINA 85:
Agência Estado

PÁGINAS 86, 87, 89, 90, 91, 93:
Arquivo pessoal de Maria Nakano

PÁGINA 94:
Trajetória do Serra/Flickr

PÁGINA 95:
Arquivo do Ibase

PÁGINAS 96 E 97:
Arquivo pessoal de Maria Nakano

PÁGINA 98:
Arquivo Herbert de Souza, CPDOC/FGV

PÁGINA 99:
Capa do Pasquim número 519

PÁGINA 101:
Arquivo Herbert de Souza, CPDOC/FGV

PÁGINA 103:
Arquivo Herbert de Souza, CPDOC/
FGV (carteira de identidade) e Arquivo
pessoal de Maria Nakano (foto)

PÁGINAS 104, 105, 107, 108 E 109:
Arquivo Tancredo Neves, CPDOC/FGV

PÁGINA 110:
Arquivo Herbert de Souza, CPDOC/FGV

PÁGINAS 111, 113, 114, 115 E 117:
Arquivo Tancredo Neves, CPDOC/FGV

PÁGINA 118:
Arquivo Ulysses Guimarães,
CPDOC/FGV

PÁGINAS 118 E 119:
Arquivo Tancredo Neves, CPDOC/FGV

PÁGINA 119:
Agência Senado/Flickr

PÁGINAS 120 E 121:
Arquivo Tancredo Neves, CPDOC/FGV

PÁGINA 122:
Arquivo Ernesto Geisel, CPDOC/
FGV (1ª da esq. para dir.) e Arquivo
Tancredo Neves, CPDOC/FGV

PÁGINAS 122 E 123:
Arquivo Tancredo Neves, CPDOC/FGV

PÁGINA 125:
Arquivo Ulysses Guimarães,
CPDOC/FGV

PÁGINA 126:
Arquivo do Ibase

PÁGINAS 126 E 127:
Agência Senado/Flickr

PÁGINA 127:
Arquivo Ulysses Guimarães,
CPDOC/FGV

PÁGINA 129:
Arquivo Ernesto Geisel, CPDOC/FGV

PÁGINA 130:
Arquivo pessoal de Maria Nakano
e Isto É

PÁGINA 131:
Agência Brasil

PÁGINA 133:
Acervo no Museu Histórico da OAB

PÁGINA 134:
Acervo no Museu Histórico da OAB

PÁGINA 135:
Agência Senado/Flickr

PÁGINAS 136, 137 E 139:
Arquivo do Ibase

PÁGINA 140:
Arquivo Herbert de Souza, CPDOC/FGV

PÁGINA 141:
Arquivo pessoal de Maria Nakano

PÁGINAS 142, 143, 145, 146, 147, 148, 149,
151, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 159 E 160:
Arquivo do Ibase

PÁGINA 161:
Arquivo Herbert de Souza, CPDOC/FGV

PÁGINAS 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169,
170, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 179,
181, 182, 183, 184 E 185:
Arquivo do Ibase

PÁGINAS 186 E 187:
Arquivo pessoal de Maria Nakano

PÁGINA 189:
Arquivo do Ibase

PÁGINAS 190 E 191:
Arquivo pessoal de Maria Nakano

PÁGINAS 193, 194, 196 E 197 (CHARGE):
Arquivo do Ibase

PÁGINAS 197 E 199:
Arquivo pessoal de Maria Nakano

PÁGINAS 201, 203, 204, 205, 207 E 208:
Arquivo do Ibase

PÁGINA 209:
Arquivo pessoal de Maria Nakano

QUARTA CAPA:
Fotos dos arquivos do Ibase, de Maria
Nakano e do Museu Histórico da OAB

